



Victor Dorelle
Paris - 1882

O MALHO

ANO XLI — NÚMERO 27 — ABRIL DE 1942 — PREÇO 3\$000



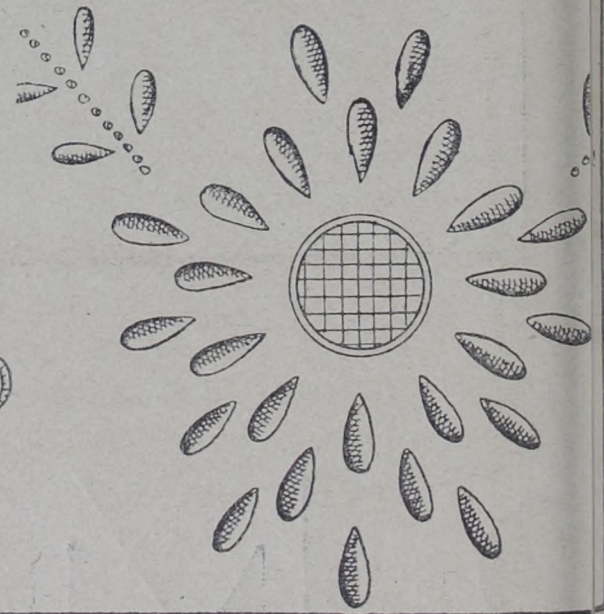
O LAR, A MULHER E A CRENÇA

Um volumoso album com 60 paginas nitidamente impressas, contendo uma preciosa variedade de motivos de bordado para a creança, para a mulher, e para a casa. — A mais completa coleção de enxovais para creanças, desde recém-nascido á mocinha. Todas as peças do vestuario infantil, em belos e originais modelos, com riscos de bordados em interessantissimos motivos do mais fino gosto. : : : : : : : : : : : : : : :

O lar, é a publicação que, pelo extraordinario numero de modelos e
A mulher sugestões para confecção e bordado de todas as peças
e a Creança do uso das creanças, lingerie fina para senhoras e tantos outros da casa, não é apenas util, mas indispensavel no lar das senhoras brasileiras. — — — — —

PREÇO 8\$000

Pedidos acompanhados das respectivas importancias, á
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26 - RIO
C Postal, 880 - Rio de Janeiro



CASEMIRA



“ O PANO QUE NÃO ACABA ”

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
JOSÉ MARIA BELLO

ANO XLI — NÚMERO 27

ABRIL — 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano	35\$000
Seis meses	18\$000
Número avulso	3\$000
Número atrasado	4\$000

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26

Caixa Postal, 880 — Tels. 23-4422 e 43-9453

Oficinas

RUA VISCONDE DE ITAÚNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 74 PÁGINAS

A NOSSA CAPA

VICTOR MEIRELLES pertence ao grupo de elite da pintura antiga brasileira. Seu nome esteve em evidência muito recentemente, por ocasião da exposição retrospectiva Pedro Americo-Victor Meirelles, realizada no Museu de Belas Artes. Todos puderam, então apreciar um pouco da obra do autor da "Batalha de Guararapes", tão discutida, tão injuriada e tão bela. Entre os quadros então expostos, contava-se, "Inocencia", que está reproduzida na nossa capa de hoje. Bela cabeça de jovem, excelente trabalho de arte. O quadro pertence à Galeria Santo Antonio, de propriedade do sr. Couto Vale, a quem o nosso meio de belas artes tanto deve.

NÃO SÒ NO ENXOVAL

mas também nos detalhes da ornamentação do novo lar devem pensar as jovens que se casam.

Ambas essas coisas serão feitas com requintes, depois da manuseio do GUIA DAS NOIVAS, a magnífica publicação da "Biblioteca de Arte de bordar".

ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

CENTRO LOTERICO
distribue verdadeiras fortunas
em bilhetes e apolices vendidos
em seu balcão,
na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

Galeria Santo Antonio

Rua da Quitanda, 25

Especialistas em restaurações
de quadro a óleo

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE**

"CASELLA LONDON"

HORS CONCOURS

DESENGANO

GEORGE LIVÉRT

Helena achava lindo o mar.

Chegadas as férias de Dezembro, ela pediu aos pais permissão para ir passá-las em Copacabana. Que imensa alegria e satisfação não sentiu a garota, quando os "velhos" consentiram que, pela primeira vez, se afastasse de casa!

Então ela já não era uma mocinha? Tinha 15 anos, e a casa para onde ia era a de sua maior amiga e de confiança dos pais.

— "Sinto-me como que escapulida de uma gaiola" disse Helena abraçando a amiga ao chegar a Copacabana. — "Tudo se me afigura novo. Tudo bonito. Tudo bom..."

Por uma deferencia especial à hospede, deram-lhe o quarto da frente, d'onde, pela larga janela se descortinava a maravilhosa Avenida Atlântica.

Para ter melhor a sensação de viver, Helena adormecia recostada em seu leito, na penumbra do quarto, olhando, vagamente, pela janela aberta, a iluminação feérica da praia e dos apartamentos, mescladas com o brilhar irrequieto das estrelas e o clarão da lua. E quando as suas palpebras, cansadas de fixar tanta cintilação, cerravam-se, docemente, e a adormecia ouvindo os últimos murmúrios melódiosos do quebrar sem fim das ondas na areia...

De manhã bem cedo, corria à praia para cumprimentar seu novo amigo e admirador: o mar. Era ele o primeiro a sentir seu corpo ainda quente de sonhos e ilusões; e com que meiguice e voluptua ele lhe beijava os cabelos!...

Terminado o banho, Helena ficava pela praia, ora correndo, ora brincando com a areia. E quando a larga praia se enchia de banhistas e o sol se fazia sentir mais quente, Helena recolhia-se sob um grande guarda-sol de lona, azul e branco.

Um dia assim, de magnífica manhã de verão, Helena viu um guapo moreno que, de bruços, descansava após o fatigante treino da "medicine-ball", que manda os possantes músculos ao sol...

Quiz despertá-lo, discretamente, com pequenos punhados de areia. Mas em vão. O rapaz de nada se apercebia.

— "Será algum tolo idiota?" — pensou.

De repente, os lindos olhos de Helena brilharam. Teve uma idéia. Confiaria em segredo ao mar, todas as suas aspirações e desejos, e lhe pediria a sua ajuda em tão empolgante momento de sua vida. Correndo, atirou-se a água com um airoso mergulho e nadou muito. Depois, voltando, sentou-se na areia, e, de costas para o jovem começou a soltar os cabelos com a graça felina peculiar às mulheres.

A brisa do sul, iodada e forte, passando por seu corpo, levava ao rapaz, o cheiro de sua carne fresca e moça.

Virando repentinamente a cabeça, Helena respirou ofegante. Vencera!

O rapaz, ainda de bruços, cravava em suas espaduas nuas, os olhos negros e penetrantes.

Com profundo instinto feminino, ela sorriu...

Iniciado o diálogo, ficou combinado que se encontrariam na matinée de domingo no Casino.

Com que alegria, então, Helena não agradeceu ao mar tamanha ventura!

Ficou-lhe querendo mais bem ainda.

Entretanto, chegando ao Casino, Helena teve terrível surpresa. O guapo moreno lhe apareceu aos olhos de braço dado com outra...!

Quem era esta outra?... A sua maior amiga. E quem era ele?... Porque tanta intimidade?!...!

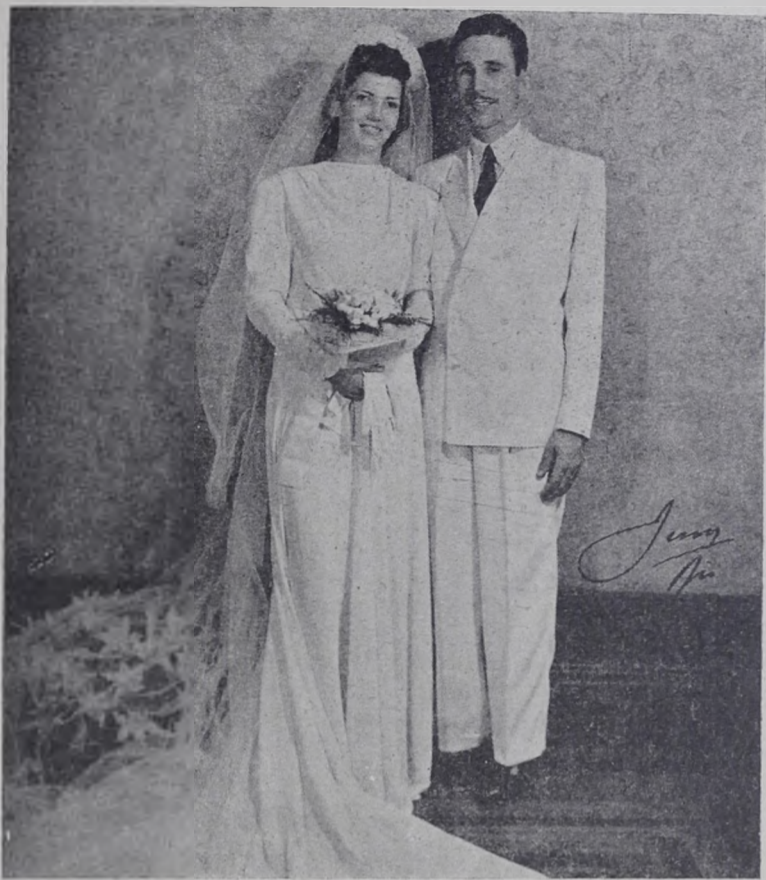
— "Helenita" — disse a amiga, encaminhando-se: — "apresento-te o meu noivo..."

— "Ah, sim?... Parece que..."

E sem nada ver e ouvir, Helena voltou-se bruscamente e desapareceu pela escada, n'uma louca e desenfreada carreira.

Chegando em seu quarto, mergulhou a fragil cabecinha por entre os travesseiros e chorou muito. Chorou longas horas. Chorou desesperadamente...

E olhando, com tristeza, pela janela aberta, um pedaço verde do mar, Helena teve um fremito de revolta e odio contra aquele a quem momentos antes adorava.



Enlace Nathani da Conceição Machado — José Augusto Valente da Fonseca.

RETARDATÁRIA

Pús-me a lutar inexpugnavelmente
o peito cheio de bravura,
o braço rijo como um gládio
e a alma pura...

E o combate durou indefinidamente...
Atravessei a vida a desafiar a morte,
sem temores, como um forte;
sem cansaço, como um crente!

E só agora, ao termo da jornada,
é que chegas, Vitória...
E eu, que tanto te esperei,
o coração em tumulto,
como se espera uma mulher amada,
mal diviso o teu vulto,
eu te pergunto, trêmulo, como um covarde:
Afinal, por que foi que chegaste tão tarde?!...

MÁRIO LOPES DE CASTRO



Enlace Aura Maria da Costa — D. Layse Girand.



Como sabe o sandwich!..

É a expressão commumente ouvida.

A cerveja Cascatinha além do agradável paladar que proporciona aos alimentos, aumenta-lhes as propriedades vitamínicas.



AO PEDIR UMA CERVEJA DIGA APENAS

CASCATINHA

O guia

PARA AS FUTURAS MÃES

SÃ MATERNIDADE



Um livro útil, mesmo necessário a tódas as senhoras que vão ser mães

PREÇO

12\$000

Obra do notavel ginecologista Dr. Arnaldo de Moraes, professor da Universidade do Brasil

Pedidos com as importâncias ou pelo Serviço de Reembolso Postal, à S. A. "O Malho" - C. Postal, 880 RIO DE JANEIRO

LIVROS E AUTORES

PARA COMPREENDER KRISHNAMURTI

Os princípios filosóficos de Krishnamurti nem sempre se oferecem acessíveis à compreensão comum, e daí a grande utilidade e inegável oportunidade de um hermeneuta cuidadoso como se apresenta E. Nicoll, nesta sua verdadeira cartilha de divulgação e interpretação. O próprio autor, que é hoje um dos melhores conhecedores da doutrina teosofista, confessa, de início: "Não compreendi, a princípio, os ensinamentos de Krishnamurti. Achava-o obscuro, ilógico, perturbador, impenetrável. Agora, porém, tudo se esclareceu na minha mente e isso se deu com a compreensão do sub-consciente que é, para uns, a chave do ensino de Krishnamurti".

O pequeno volume de E. Nicoll é escrito com clareza e simplicidade, e é edição do autor.

IMORTALIDADES

A obra de um poeta do porte de Luiz Delfino é das que merecem o que a Editora Irmãos Pongetti vem realizando, isto é, sua reedição em volumes bem apresentados, para melhor conhecimento das novas gerações.

Acaba de aparecer, lançado pela grande editora o 2.º volume, intitulado *Imortalidades*, e cujo sub-título é "*O Livro de Helena*", obtendo franco sucesso e grande aceitação por parte do público.

"O REI DOS BELGAS TRAIU ?"

"*O Rei dos belgas traiu ?*" de Robert Goffin, é o livro que os historiadores futuros terão de consultar para pronunciar o seu veredito sobre o rei dos belgas. Quais os motivos que se ocultaram atrás daquela ordem de "cessar fogo" — a capitulação que espantou o mundo? Que fundamentos tem esta terrível acusação: "Esse mesmo rei, que nos tinha chamado em seu socorro, capitulou sem uma palavra, em campo raso... Nossos soldados, entretanto, estes sim, podem dizer que combateram com honra", que formulou Paul Reynaud, Primeiro Ministro de França?

O livro contém revelações sensacionais e uma admirável narrativa escrita em cada dia da guerra na Bélgica... O pretenso plano de ataque nazista... os falsos paraquedistas... os horrores da interminável retirada... o martírio dos refugiados... a fuga dos aliados. É a tragédia dantesca de uma gloriosa nação que lutou heroicamente contra o invasor, enquanto era mortalmente apunhalada pelo inimigo abrigado em seu próprio seio.

Tal é o livro que as Edições Mundo Latino acabam de lançar em versão de Galvão de Queiroz, num volume enriquecido com ótimo retrato de Leopoldo III.

E AGORA, QUE FAZER ?

Um romance de trabalho, de sofrimento, de luta, é o que o Sr. Tito Batini acaba de publicar em São Paulo. O título lembra o de um romance alemão; o nome do autor é italiano. Mas, como o Sr. Tito Batini é brasileiro, o seu espírito, integrado em nossa Pátria, escolheu como tema um assunto nitidamente nosso, um romance em que se focaliza a luta dos desbravadores do sertão paulista deste século, na construção da "Estrada de Ferro Paulista". Lendo-se este romance fica-se a refletir no preço humano de cada dormente, enterrado em sólo onde caía diariamente o sangue dos homens e de onde subia, com uma força trágica, o impaludismo. Este é o drama do romance. Longe de ser fútil, "*E agora, que fazer ?*" é um livro de suor, de fome e de energia. É o romance do homem, como diz o autor, "mais perto da terra, namorando-a timidamente, num grande esforço para não sucumbir, para ficar, sobreviver, não se afastar da terra". Um calor bem latino ainda enriquece este livro que a Civilização Brasileira acaba de lançar com tanto êxito.

CULTURA

HISPANO-AMERICANA

Para lançamento de uma nova série intitulada "Biblioteca Universal Anchieta", a Editora Anchieta Limitada escolheu e acaba de publicar "*Cultura Hispano-Americana*", de Bráulio Sanchez Sáez, da Universidade de S. Paulo.

Não poderia ter sido mais feliz a escolha, pelo valor da obra realizada, como pelo prestígio do seu autor.

Pondo a serviço de sua autoridade um estilo agradável e correntio, o professor Sanchez Sáez, autor já consagrado de várias obras, fixa nesse novo trabalho a forma e a expressão da cultura hispânica, estudando, criticando e analisando as suas figuras mais representativas.

Trabalho de fôlego e de grande profundidade, o livro que acaba de sair está merecendo um grato interesse por parte do público.

MAIS UM LIVRO INFANTIL

"*O Papagaio de ouro*", que Lina Walkiria de Assunção escreveu para a Editora Anchieta Limitada, de São Paulo, é o 13.º volume da já riquíssima coleção intitulada "Biblioteca Infantil Anchieta", série de lindos contos para as crianças do Brasil, impressos em atraentes volumes cartonados a cores, ilustrados por nomes feitos no mundo do desenho, livros, enfim, que faziam falta à bibliografia nacional.

As 76 páginas desta encantadora história provam que não precisamos estar sempre traduzindo os autores estrangeiros: temos, entre nós, escritores que, como Lina Walkiria de Assunção, conhecem o segredo de prender a atenção da criança, narrando-lhe as mais belas lendas, os contos mais poéticos.



Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer, na própria casa, os tratamentos de beleza mais uteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da

RUA MEXICO, 98-3.º and.

Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1

Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos.

Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama
Disposto Para Tudo

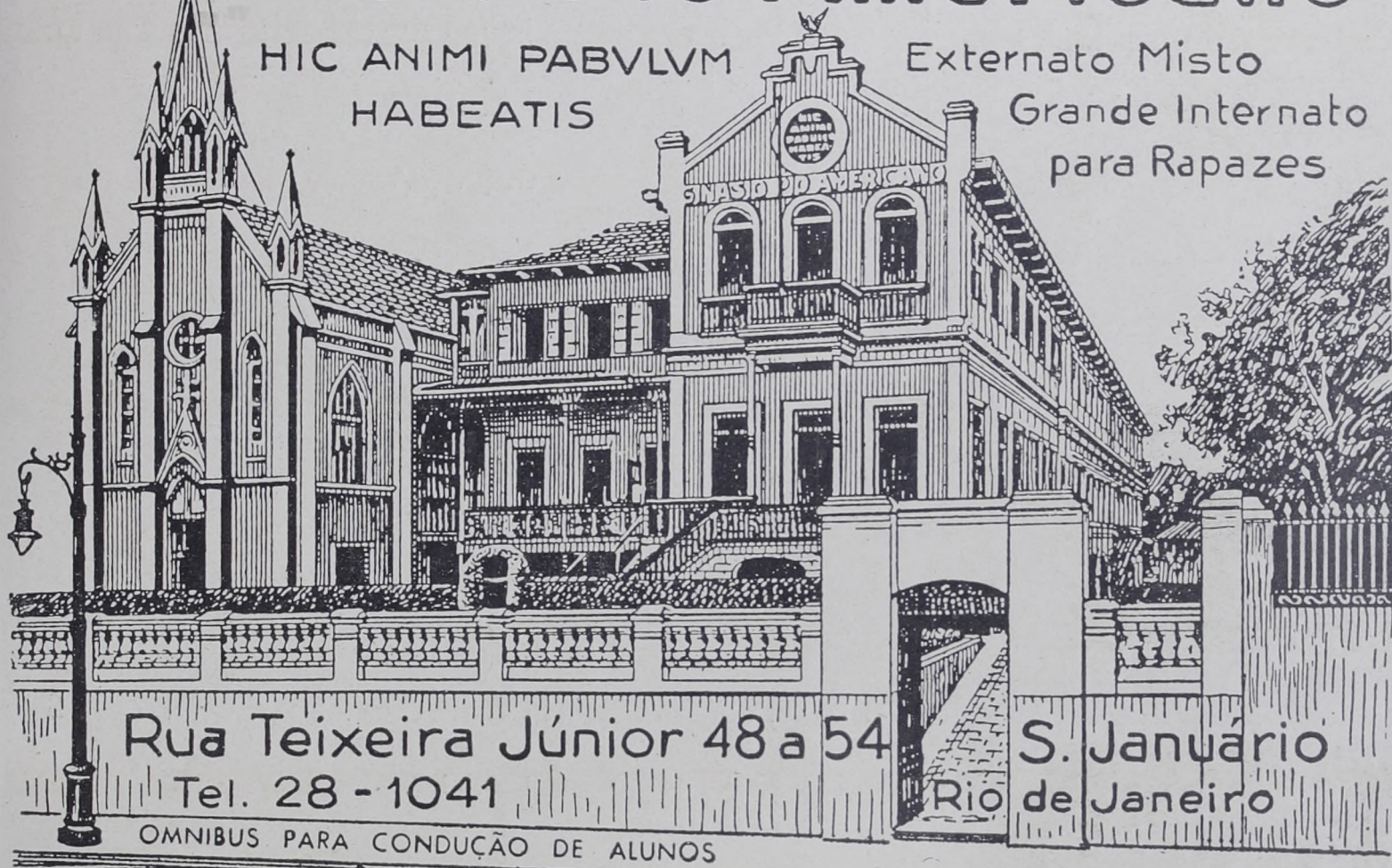
Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não acceite imitações. Preço 3\$000

Ginásio Pio Americano

HIC ANIMI PABVLVM
HABEATIS

Externato Misto
Grande Internato
para Rapazes



Direção do Prof. DR. CÂNDIDO JUCÁ, (filho), professor de Português, por concurso, do Instituto de Educação

CURSOS PRIMÁRIO, DE ADMISSÃO E SECUNDÁRIO

— AULAS em dois turnos —

TIRO DE GUERRA 391 para obter a caderneta de reservista do Exército

REGIME UNIVERSITÁRIO PARA OS MAIORES

ALTO E VENTILADO

VERDADEIRO SANATÓRIO

DEPARTAMENTOS RECREATIVOS

SOB FISCALIZAÇÃO PERMANENTE

GINÁSIO PIO AMERICANO

DOIS ÔMNIBUS DE LUXO PARA CONDUÇÃO DE ALUNOS

TELEFONE 28-1041

RUA TEIXEIRA JÚNIOR, 48 a 54 — S. JANUÁRIO — RIO DE JANEIRO



Anna Birman, da sociedade de Vitória — Espírito - Santo.



Ana Maria, filhinha do casal Maria Helena e Luiz Pereira Rodrigues.



Nilza, como se apresentou no último Carnaval. Filha do casal Antonio Botelho.

R A D I A T R O

Uma nova concepção do teatro pelo radio ! Entre o cinema e o teatro, RADIATRO é o verdadeiro teatro pelo radio. Sons e diálogos estão intimamente ligados, harmonizados, tornando facilissima a compreensão das peças irradiadas.

OUÇA NA

P R A 5

R Á D I O S ã O P A U L O

Todas as terças-feiras, às 21.00 horas. O melhor teatro do radio brasileiro

Direção de

O D U V A L D O V I A N A

NA EMISSORA ONDE

T O D A S A S H O R A S S ã O B Ô A S

1.260 KC.

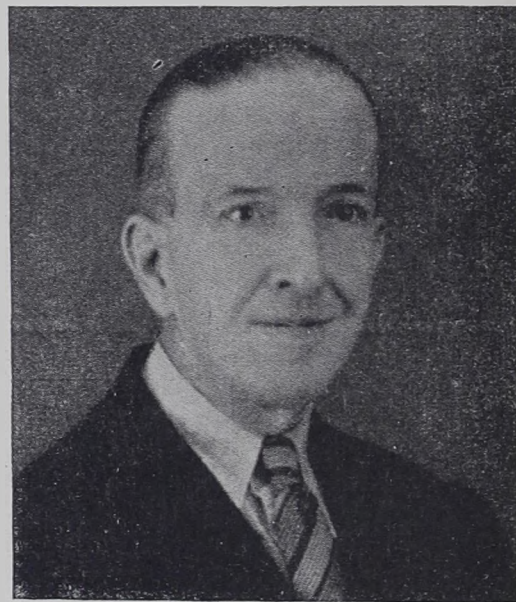
O Principe de Metternich, sua vida politica e amorosa

Não foram os exércitos da Europa coligada contra o côrso, e sim Metternich, o astuto diplomata e homem de Estado, quem, após anos de paciente trabalho de sapa, derrotou seu inimigo Napoleão, apontando-lhe, implacavel, o caminho do deserto.

Raoul Auernheimer dá-nos o Metternich de carne e osso, reproduzindo com fidelidade e colorido a sua vigorosa e singular personalidade de estadista e "galantuomo". Descreve-nos os métodos politicos do implantador da "Santa Aliança", o que é de excepcional importância se conhecer nestas horas críticas que o mundo está atravessando.

A vida íntima e pública do homem a quem George Ticknor chamou : "o mais consumado estadista de seu gênero", foi em extremo rica e pinturesca.

"O Principe de Metternich, sua vida politica e amorosa", foi traduzido com esmero por Godofredo Rangel, e mereceu bem apresentada edição da Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, que a enriqueceu com capa alegórica do Congresso de Viena.



José Cavalcanti de Almeida, nosso antigo colaborador e que foi muito felicitado no dia 25 de Marco, data do seu aniversário natalicio.

CURSO DE CANTO

Empostação da voz — técnica especializada da articulação e dição. Professora Edir de Fabris, com curso de aperfeiçoamento na Europa. Atende só em sua residência, à rua Julio de Castilho, 57 — Apartamento 9 — Telefone 27 - 7222.

JÁ NA TERCEIRA EDIÇÃO O "ROMANCE QUE A PRÓPRIA VIDA ESCREVEU"...

O QUE TEM SIDO O GRANDE SU-
CESSO DO ÚLTIMO ROMANCE DE
ALVARUS DE OLIVEIRA

O Sr. Alvarus de Oliveira já per-
tence aos escritores nacionais novos
que venceram. Isso a despeito dos



ataques que tem recebido a sua obra,
ou por isso mesmo... Estreando em
1937, com o "Grito do Sexo", que se
esgotou logo, aparecendo em 1938, com
"Ritmo do Século", em 1939, com
"Hoje" e em 1940, com o "Romance
que a própria vida escreveu". Este
último surgiu em 1941, com a 2.^a tira-
gem e agora, em 1942, com a 3.^a edi-
ção, desta feita com tiragem muito
maior que as anteriores.

É como surge agora o escritor flu-
minense, diretor da "Biblioteca de
Obras e Autores Fluminenses". Aí
está o seu volume novo, uma nova edi-
ção do "Romance que a própria vida
escreveu", bem refundida, num volume
mais cuidado que os outros, numa edi-
ção digna do autor. A obra melhorou
muito nessa sua tiragem nova. Houve
acréscimos e supressões que melhoraram
muito o romance que foi tão discutido
pelos críticos do País.

É um romance forte, real,
naquêle mesmo estilo tão a
Alvarus de Oliveira, que diz as
coisas sem subterfúgios. Mas
há passagens neste livro que
são verdadeiras páginas poé-
ticas e líricas. Podendo-se afir-
mar que um livro onde o lei-
tor encontra de tudo, que tem
paladar para todos os gostos.

Agrada inteiramente o livro
do autor das "Crônicas da Me-
trópole" e a prova disso são as
três edições consecutivas, uma
por ano. O público gosta e o
leitor se ainda não leu, não se
arrependerá de lêr esse inte-
ressante e arrojado livro des-
se moço, cujo nome já está fi-
cando velho nas gazetas bra-
sileiras.

Nada de GINÁSTICA TORTURANTE



A estética, em geral, e particularmente a
aplicada ao corpo humano, constituiu
sempre o motivo de muita admiração, de mui-
tos esforços e de muita felicidade. Atual-
mente, todos os povos cultuam ainda mais o
belo, impulsionados pela cinematografia, pelas
exigências da elegância praiana e pelos con-
cursos de beleza.

Um corpo harmonioso constitui, entretanto, um dom parcamente distribuído
pela mãe Natureza, e daí a ansiedade de muitas almas torturadas por corpos ro-
tundos e disformes.

Para atingir êsse objetivo estético, todos os processos são mais ou menos
empregados, desde a charlatanesca e prejudicial ingestão do vinagre até à ginástica
sem técnica, rude, imoderada e martirizante, apenas suportada na doce ilusão de
que ela tenha o poder miraculoso de regularizar permanentemente o regime das
trocas orgânicas e, conseqüentemente, a distribuição dos tecidos adiposos.

Felizes são, porém, os que sabem ter a Ciência permitido, agora, aos gordos
a dispensa desses paliativos de efeitos efêmeros e até perniciosos, com a oferta
do preparado "Lenogin", o único medicamento de base opoterápica; capaz de
normalizar os fenômenos metabólicos do corpo e, portanto, assegurar uma regular
e sadia distribuição de tecidos gorgurosos no corpo. No Departamento de Pro-
dutos Científicos, à rua Alcindo Guanabara, 17-5.^o andar — Rio de Janeiro, são
prestados, mediante correspondência ou verbalmente, todos os esclarecimentos
solicitados. Nas principais drogeries é fácil obter, gratuitamente e elucidativa
literatura sobre o assunto. "Leanogin", graças à sua composição de extratos e
hormônios glandulares, associados ao substratum de algas marinhas e essências
vegetais, dá ao corpo a harmonia, a beleza e a graça, que os antigos pintores e
escultores idealizaram na tábua e no mármore.

BANCO HYPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO -- S. A. de Crédito Real

RUA DO OUVIDOR, 90

TELEFONE 23 - 1825

CARTEIRA HIPOTECÁRIA — Concede empréstimos a longo prazo para construção e compra de imóveis. Contratos liberais, Resgate em prestações mensais, com o mínimo de 1% sobre o valor do empréstimo.

SECÇÃO DE PROPRIEDADES — Encarrega-se de administração de imóveis e faz adiantamentos sobre alugueis a receber, mediante comissão módica e juros baixos.

CARTEIRA COMERCIAL — Faz descontos de efeitos comerciais e concede empréstimos com garantia de títulos da dívida pública e de empresas comerciais, a juros módicos.

DEPÓSITOS — Recebe depósitos em conta corrente à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: **CONTA CORRENTE À VISTA** 3% ao ano; **CONTA CORRENTE LIMITADA**, 5% ao ano; **CONTA CORRENTE PARTICULAR**, 6% ao ano; **PRAZO FIXO**: 1 ano, 7% ao ano, 2 anos ou mais, 7 1/2% ao ano. **PRAZO INDEFINIDO**: Retiradas com aviso prévio de 60 dias, 4% ao ano, e de 90 dias, 5% ao ano; **RENDA MENSAL**: 1 ano, 6% ao ano; 2 anos, 7% ao ano.

SECÇÃO DE VENDA DE IMÓVEIS — Residências, Lójas e Escritórios modernos: a partir de Rs. 55:000\$000. Ótimas construções em Flamengo, Avenida Atlântica, Esplanada do Castelo, etc. Venda a longo prazo, com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

ENCARREGA-SE DA VENDA DE IMÓVEIS.

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIA /**



**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

DR. ARMINIO FRAGA

DA ACADEMIA DE MEDICINA E LIVRE DO-
CENTE DA FACULDADE

MOLESTIAS DE PELE

RAIOS X E FISIOTERAPIA EM GERAL

Travessa do Ouvidor, 36-1. — Tel. 23-4310

LUZ E SOMBRA

Na voragem do tempo, mais de um mês se escoou sobre o falecimento de Maria Guimarães de Cerqueira Lima, mas aquêles, que, verdadeiramente a amaram, hão de vêr sempre em toda a beleza, no pleno viço dos vinte anos, essa menina atraente não só pelos encantos físicos e morais, como pelo brilho da inteligência, e que a morte impiedosamente ceifou.

Tinha muita vocação para a pintura, e de sua habilidade para essa arte deixou ensaios promissores, lindas paisagens. A poesia merecia-lhe culto especial. Quando menina, gostava imensamente de declamar os versos dos poetas de sua precieção. Pelo entusiasmo e naturalidade com que se desempenhava, sempre se destacou nas festas escolares e nas horas de arte realizadas em alguns salões desta Capital. Também, cedendo à inspiração, escreveu quadras interessantes. Desde a infância, revelou marcada propensão para as letras. As páginas de seus cadernos de colegial, onde vasava as primícias da inteligência, eram prenúncios de escritora de originalidade e observação. Mais tarde, suas cartas, escritas ao correr da pena, encantavam pela elegância do estilo. Ultimamente, a imprensa era um dos seus sonhos: iniciar-se no jornalismo e, ao mesmo tempo, ir preparando trabalhos idealizados que requeriam expansão. A ciência médica, entretanto, recomendava-lhe repouso absoluto até a volta da saúde. Inatividade forçada, estorvo aos seus ideais. Refugiou-se na leitura. Leu muito, tornando-se culta, a par de quase toda a literatura antiga e moderna. Os bons amigos, os livros, uns lhe provocavam louvores, outros, censuras, em que era evidente o seu pendor para crítica literária, tão justos eram tais conceitos. Indole mística e sonhadora, as linhas harmoniosas do semblante de Madona tocavam de poesia sua individualidade. E essa criaturinha tão bem fadada, que possuía todos os atrativos para amar e ser amada, e inspirou profundos afetos, morreu serena e pura como um anjo.

A morte respeitou-lhe a beleza: imobilizando-a, como que a divinizou. Que expressão angélica se lhe espriava no rosto! Um esboço de sorriso dizia quanto era feliz de regressar ao céu, de onde viera.

No primoroso esquite branco, alvas as vestes, alvos os finos véus, com a fita azul de filha de Maria e a efigie de Nossa Senhora sobre o peito, parecia adormecida entre crisantemos, lírios e cravos brancos. As lindas mãos artísticas, de dedos fuzelados, evocavam pequenas asas brancas que repousassem um instante antes de alçar o vôo. Tão fina em seu derradeiro sono! Era u'a imagem digna dos versos que o imortal Castro Alves devera ter escrito na previsão da beleza desta *celestial Maria*, sua sobrinha-neta:

"Eras a estrela transformada em virgem!"

"Eras um anjo que se fez menina!"

B.



JESUS

A ANTONIO DE SOUZA E SILVA

Da Paixão e da Morte de Jesus
Mais um natal agora se transcorre
E a multiseular cêna da Cruz
Depressa ao Pensamento nos acorre!

Do cimo do Calvário desce, a flúz
Na funebre efeméride que corre,
Aos nossos corações bendita Luz,
Por isso, nossa Fé em Deus não morre!

Se triste, e dolorosa é a data Santa,
Para nós, meu Jesus, do teu martírio,
De tristezas ela hoje mais suplanta!

A guerra enegreceu-Te o branco lírio
Da Paz, que sobre a terra é morta a planta
E o sangue tudo alastra num delírio!...



O CEGUINHO

A OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Ceguinho, porque sofres já, tão cedo,
Carregando tão cedo a tua Cruz,
Nesta vida dos miseros degrêdo,
Submerso na tréva em vez da Luz?

Tivesse a própria rocha um coração,
Quanta pena de ti não sentiria,
Porque nunca verás a Perfeição
De tudo que recebe a luz do dia!

Tão joven, tão na flor da mocidade,
Entretanto nos olhos já trazendo
A venda da cruel fatalidade!...

Às vezes me interrogo, intimamente:
Se Deus que, lá do céu, tudo está vendo,
Porque deixa sofrer pobre inocente?!

JOSÉ CAVALCANTI DE ALMEIDA

época

TINTURA FLEURY

O verdadeiro restaurador da juventude para o seu cabelo!

EM 18 TONALIDADES DIFERENTES RESTITUE A COR NATURAL EM POUCOS MINUTOS

APLICAÇÃO FACILÍMA. Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto A ARTE DE PINTAR CABELOS, que distribuímos gratis

CONSULTAS APLICACOES VENDAS

Rua Sete de Setembro, 40 sobr. Rio de Janeiro C.M.

NOME RUA
CIDADE ESTADO

M A T E R N I D A D E
ARNALDO DE MORAES
PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS
TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem moderníssimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a parto por 1:200\$000, com inserção prévia Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Eliot-terapia. Parto sem dor.
RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

MOVEIS DE ESTILO

Grande Sortimento - Preços Modicos

A Renascença

CATETE 55, 57, 59

GINOROL
LÍQUIDO
"GRANADO"
Para a higiene das senhoras
Antisséptico
Bactericida
Desodorizante
Delicadamente perfumado

M Á X I M A S

Se eu soubesse... Eis a exclamação do velho que não pensou em preparar pelo seguro o seu bem estar na velhice.

A caridade alivia; o seguro evita.

O tempo leva-nos à velhice e não à opulência.

Uma inversão de capital é operação que exige dinheiro para render juros. No seguro de vida contribue-se apenas com os juros para garantir o capital.

S U L A M É R I C A

Companhia Nacional de Seguros de Vida

Caixa Postal 971

Rio de Janeiro

XAROPE

TOSS

AJUDA A COMBATER A
TOSSE E RESFRIADOS
TOSS SÓ PODÊ FAZER BEM

O MALHO

O Custo da Guerra de 1914

Um estatístico pachorrento comunicou, através das folhas, não há muito, que, em quanto ao número de soldados feridos, durante a Grande Guerra, elevou-se à cerca de 30 milhões de indivíduos, pertencendo à Alemanha 4.000.000, à Rússia 5.000.000, à França... 3.000.000, à Inglaterra 1.500.000, à Itália 2.000.000, aos Estados Unidos 1.000.000. A cifra relativa a mortos foi computada acima de 7 milhões, assim distribuídos: Alemanha, 2.000.000; Rússia, 1.700.000; França, 1.400.000; Grã Bretanha, 900.000; Austria-Hungria, 800.000; Itália, 465.000; Rumania, 153.000; Bulgária e Sérvia, 100.000 cada; Estados Unidos, 51.000; Bélgica, 38.000.

As despesas foram assombrosas, como se vai verificar:

Dinheiro despendido nas operações militares, 1 trilhão de francos, ou, em nossa moeda, ao câmbio da época, 500.000.000 de contos.

Montante total dos prejuízos causados pelos bombardeios das cidades, 500 bilhões de francos, equivalentes a 250 milhões de contos, em moeda brasileira.

Orçamentos de guerra dos países beligerantes: Inglaterra: 198.000.000, em 1914, e 2.000.000.000, após 1918; França: 208.000.000, em 1914, e 1.700.000.000, após 1918; Itália: 114.000.000, em 1914, e 1.014.000.000, após 1918; Estados Unidos: 209.000.000, em 1914, e 1.634.000.000, após 1918; Alemanha: ... 175.000.000, em 1914, e 1.756.000.000, após 1918; Austria-Hungria: 220.000.000, em 1914, e 1.515.000.000, após 1918.

Na guerra atual, até este momento, já foi gasta uma soma incalculável superior em muitos milhões às despesas da hecatombe anterior.

Uma Carta de Casemiro de Abreu

Graças ao pranteado poeta Goulart de Andrade, possui a Academia Brasileira uma carta do autor de "Primaveras", escrita nestas plagas e endereçada à sua irmã residente em São Domingos (Niterói).

O precioso documento, que tem sido pouco divulgado, se contém nestes termos:

"Rio, 13 de Janeiro de 1858.

Querida irmã.

Desejo que ao receberes esta continues a gozar saúde, a qual peço a Deus seja nunca interrompida.

Lembrei-me muito de ti no dia 3 de dezembro, e lembrar-te-as — tu do dia 4 de janeiro? Acredito que sim, mas não posso deixar de confessar que és muito preguiçosa, pois que ainda não me escreveste carta alguma.

Desejo que estudes bastante e já em breve possas sair prompta do collegio. applica-te ao francez e ao piano e, quando receberes esta carta, quero que toques uma fantasia sobre a "Traviata".

Todos estão bons e mandam-te muitos abraços.

Adeus, aceita um beijo meu e nunca te esqueças de teu irmão do coração.

Casimiro J. M. Abreu".

A irmã do inolvidável cantor fluminense Albina Marques Abreu, vivia modestamente na capital do Estado do Rio, sob a proteção de nossa Academia de Letras, que lhe concedeu uma pensão vitalícia, considerada por Albina o "arrimo de sua velhice".



Sr. Manoel Antonio Sulacapiano Freicheiro, natural de Freixo d'Espada à Cintra, provincia de Portugal que tem dado ao mundo das finanças os nomes mais representativos. Esse potentado luzitano veio este ano ao Brasil unicamente para cumprimentar S. M. Rei Momo I e Unico. A foto acima mostra o comendador Freicheiro em pose especialmente feita para esta revista.

Leiam

Cinearte

A melhor revista

cinematografica

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro 2\$300, pelo Correio 3\$000

Rua Aere, 38 — Rio de Janeiro



Senhorinha Maria de Lourdes Mendes Sena que com sua original e luxuosa fantasia representando a flora brasileira, conquistou grande êxito no baile de gala do Teatro Municipal.

Do Carnaval Que Passou



Norma Garcia, de 6 anos e diletta afilhada do casal Luiz Casal — Laura Casal, numa original fantasia de dama antiga, época 1830.



O Maracajá Club, há pouco fundado na Ilha do Governador e que reúne a melhor sociedade local, realizou no sábado de carnaval o seu primeiro baile a fantasia, que marcou um legítimo sucesso carnavalesco e social.

O REGISTRO

mental da nossa pátria, está em

Ilustração Brasileira

A revista que espelha o nosso movimento cultural. A revista da arte e cultura nacionais. Colaboração dos maiores vultos das nossas letras. Páginas de incomparável beleza. Um orgulho das nossas artes gráficas. — Custa em toda parte 5\$000.



Impossível dormir!

Qual a causa dessa terrível insônia que a aflige? Preocupações morais? Motivos de ordem física? Sejam quais forem as causas da insônia, esta encontrará remédio seguro em um ou dois comprimidos de ADALINA de Bayer.

ADALINA é um calmante inofensivo, de ação suave sobre o sistema nervoso; combate a insônia, permitindo um sono tranquilo e reparador, bem como um despertar natural.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Casa Spander

RUA MIGUEL
COUTO, 29-Rio

Artigos para todos os sports
Football, Basketball, Volley-
ball, Atletismo, Tennis e
Ginástica

Sandows de elastico e Alte-
res. Encordoamos Rackets
para Tennis

Peçam Catálogos gratis

NÃO DESFIGURE

OS ENCANTOS NATURAIS DO SEU ROSTO

Se ha imperfeições na sua pele produzidas pelo Sol...Frio...Poeira ou intempéries - não recorra ao "maquillage" para escondê-las. Esse artifício é apenas útil para avivar sua beleza. Utilizado, porém, em excesso, desfigura os encantos do seu rosto.



-CORRIJA

AS MANCHAS E SARDAS DA SUA CUTIS!

LEMBRE-SE, enquanto é cedo, do Leite de Colônia. Siga o exemplo de milhões de lindas mulheres que entregam o tratamento da sua cutis ao Leite de Colônia. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. É também excelente fixador do pó de arroz. Leite de Colônia é a consagrada fórmula do Dr. Studart para evitar e remover as imperfeições da pele. Realce o encanto natural do seu rosto com Leite de Colônia.



Leite de Colônia,



STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

EM DEFESA DA CIVILIZAÇÃO

UMA das preocupações mais sérias do Presidente Vargas é dar ao Brasil possibilidades de expansão econômica, único meio, evidentemente, de tornar o nosso país, não somente belo, grande, magestoso e admirado pelo resto do mundo, mas também rico, independente e, portanto, forte para enfrentar àqueles outros povos belicosos, que não tiveram a felicidade de possuir terras generosas e clima propício para se desenvolverem.

O Brasil, país do futuro, como o chamou o seu grande amigo saudoso escritor Stefan Zweig, teria mais cedo ou mais tarde de pensar melhor nos seus próprios recursos e tirar deles todas as riquezas necessárias para com elas se tornar realmente seguro de seus destinos e de sua inviolabilidade.

O tremendo conflito, que hoje o mundo inteiro vive, deu-nos a certeza de que só podemos confiar no dia de amanhã se formos, realmente, capazes — ou mais claramente se tivermos meios para nos defender.

Esta guerra tem nos ensinado que só há um direito: o direito da força e que portanto só é possível enfrentá-la com a força. Esta é a verdade. Assim, todos os países, que ainda não foram violados, procuram consultar os seus próprios recursos e com eles desenvolverem as suas máximas possibilidades.

O Brasil, já atingido em cheio pela guerra e indefeso quando viu um de seus navios mercantes torpedeados inesplicavelmente, e em aliança sagrada com os seus irmãos da América, não podia deixar de tratar da sua defesa e de lançar mão de todos os seus recursos para solidarizar com as nações americanas.

Olhou então para dentro de si mesmo. Viu a extensa bacia amazonica. Nesse novo mundo há infinitas possibilidades na extração de óleos vegetais, alca'oides, produtos da terra que servirão para o fabrico de utensílios bélicos, para não falar na borracha, capaz de compensar as perdas desse vegetal ocorridas nas Índias Orientais Holandesas.

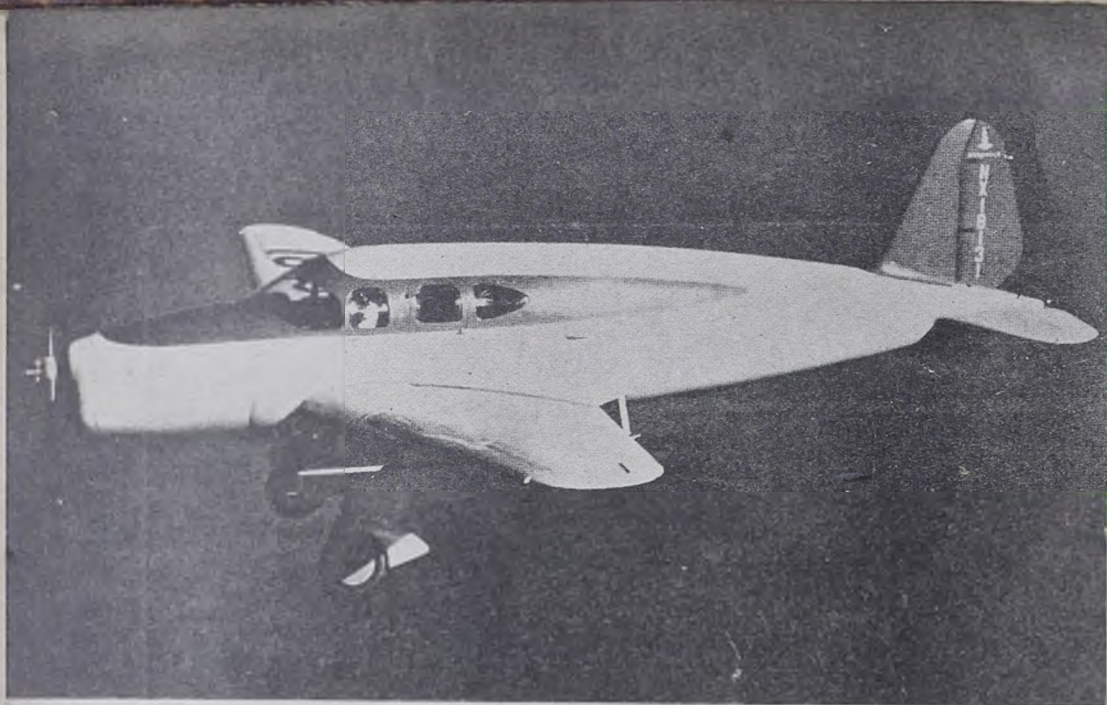
Sentiu palpitar no seu sub-sólo tesouros imensos, onde os mais importantes e oportunos minérios, como o ferro, podem garantir milhões de toneladas aproveitadas em material para armas e munições. Ciente dessa faculda de prodigiosa de meios, para arrancada da liberdade, o nosso país, através do seu ministro das finanças, acaba de entrar em acôrdo com os Estados Unidos afim de que este, numa troca de interesses comuns, nos proporcione os necessários recursos e com eles possamos aumentar a nossa grande produção.

Tem pois para todos nós brasileiros uma alta significação as palavras trocadas entre os senhores Souza Costa e Sumner Welles, no dia 3 de Março, do corrente ano, em Washington, de vez que por elas se vê que o govêrno brasileiro pode, desde já, acelerar o armamento de nosso território para a nossa defesa e assim melhorar a segurança de todo hemisfério.

Dos acôrdos feitos se conclúe, ainda, que o Brasil cooperará com os Estados Unidos, fornecendo-lhe matérias primas estratégicas vitalmente importantes para o programa da guerra.

Nada mais alentador do que isto, no momento que atravessamos. O Brasil armado, o Brasil defendido materialmente, já não poderá temer invasões, pois para fazer face a elas, vai preparar-se convenientemente.

Se a sua moral não se aquebrantou diante das ameaças, o seu ânimo forte mais coeso ainda ficará com as suas tradições, diante das providências tomadas agora pelo Presidente Vargas, homem que nunca falhou nos momentos mais decisivos da hora presente.

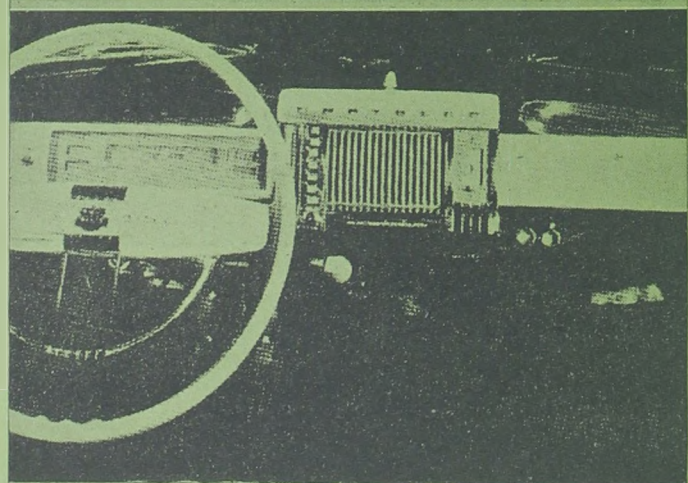
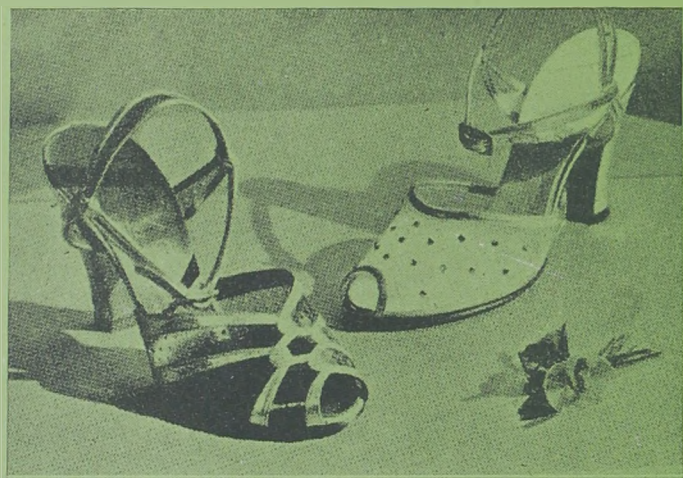


Estão sendo construídas, nos Estados Unidos, asas e fuselagens de aviões com uma combinação de madeira e "plástica".

MATÉRIA PLÁSTICA, A MARAVILHA DO SÉCULO

ESTAMOS vivendo, sem exagero nenhum nesta afirmativa, a "idade da matéria plástica". Os materiais chamados assim, se diferenciam dos demais, até aqui utilizados pelos homens, em que não são, como aqueles, obtidos em minas, escavações nem plantações, mas sim sinteticamente, nos Laboratórios de química. E as razões disso são fundamentalmente econômicas.

Sapatos femininos, bocais para telefones, acessórios para automóveis, tudo se faz com "plástica".



Os aparelhos de rádio, feitos com "plástica", são de menor custo e até mais bonitos.



Gaita de boca, feita com a nova matéria. Pode ser lavada com água quente, e fica que é um gôso!



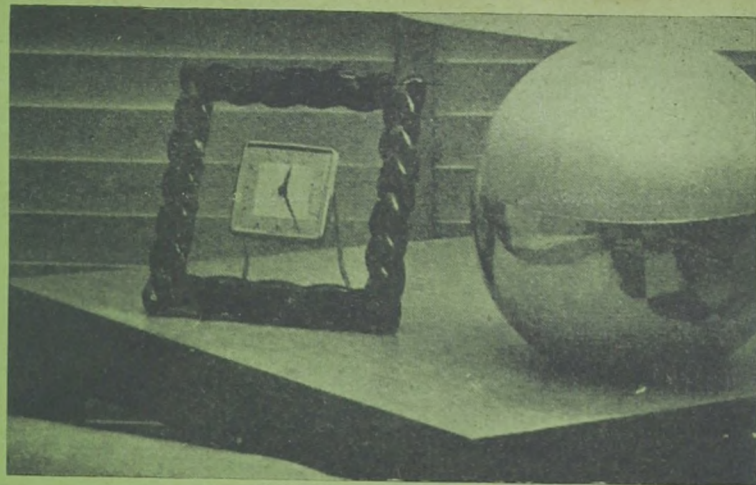
Esta garôta, com a sua capa "plástica", não temeria os terríveis aguaceiros cariocas...

Em 1869 os irmãos Hyatt Patentaram um invento seu, com o nome de celuloide (nitrato de celulose) e essa patente vigorou até 1930, pelo que ninguém pôde desenvolver pesquisas sobre o produto com caráter comercial.

Hoje, entretanto, 112 marcas diferentes de produtos plásticos, cujo fabrico foi inspirado na descoberta do celuloide, existem nos mercados do mundo:

Tudo se faz, hoje — e dizemos tudo sem exagerar absolutamente — com matéria plástica.

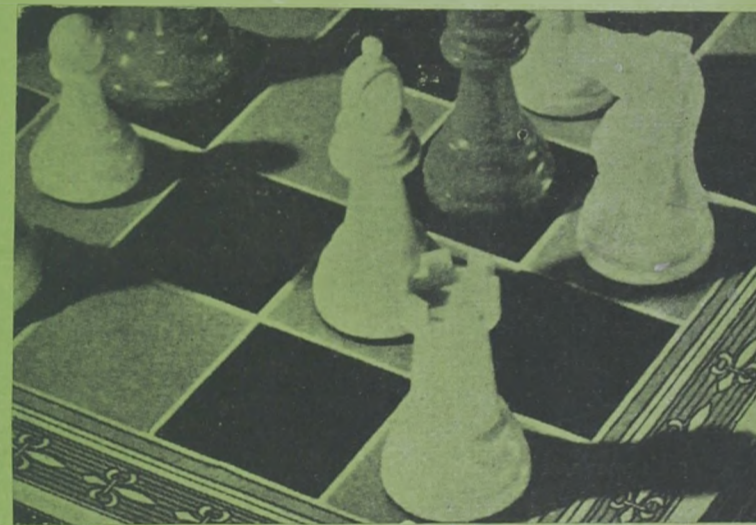
Veja o leitor as fotografias destas páginas e se acaso ainda duvida... se convencerá de que realmente vivemos a idade da matéria plástica.



O relógio não está no ar, mas sim preso a uma moldura "plástica" inquebrável.



Capacete para certos jogos, feito em plástica...



Este lindo xadrez é todo de matéria sintética



O vasilhame de plástica é transparente e não é quebrável.



Caboclos

Tem quadros belísimos. Os "Caboclos", "O vendedor de bugigangas" e tantos outros, apresentam-se como os de um verdadeiro artista.

É um pintor diferente. Mesmo na escolha dos assuntos ele se mostra diverso da maioria dos outros. Não chega a cair na chapa batida dos paisagistas repetindo sempre as mesmas coisas, como também não procura se alçar em grandes vôos a regiões mais ou menos desconhecidas. Seus quadros tirados de cenas de Marrocos, São Paulo, Rio, e vários outros lugares por onde esteve, são notáveis. É sem dúvida algum grande artista.

NIGRI - UM PINTOR DIFERENTE

DEPOIS da guerra ter irrompido na Europa e de ter ido passando de um continente a outro, numa sencerimônia de espantar, parece que as artes plásticas no Brasil, especialmente a pintura, aumentaram de interesse. Esta afirmativa por mais paradoxal que pareça é no entanto verdadeira. Depois do início do conflito uma série de artistas para cá tangidos pela guerra, tem nos deslumbrado com mostras da mais pura arte.

Principalmente depois que tivemos entre nós aquela celebre Exposição Francesa, em que pudemos apreciar de parte a parte o que de melhor se tem feito no capítulo pintura nos últimos tempos, o número das exposições cresceu, tomando proporções, creio, nunca vistas no Brasil.

Tivemos de todos os generos e para todos os gostos. Desde os mais modernos aos mais tradicionais, de tudo vimos um pouco. Bom? Muita coisa. Mas havia sobretudo essa diversidade de escolhas, que ia de um Armando Pacheco a um Bunle Marx, de um Presciliano a um Santa Rosa, enfim correndo todos os generos e escolas.

Artistas estrangeiros também tivemos vários. Ima Suthor, France Dupaty, Nigri e tantos outros mostraram seus trabalhos.

De todos estes pintores, Nigri ofereceu-nos uma das mais interessantes exposições. Menejando com pericia a arte difícil da pintura, Nigri não quiz limitar seu campo de trabalho apenas aos óleos ou aquarelas. Quiz ir mais longe. Ser diferente. Pintar com uma nova modalidade fazendo com que seus quadros fossem admirados não só pela beleza dos mesmos, como também pela técnica esmerada e diversa da conhecida.

Vista pela primeira vez a arte de N'gri assemelha-se mais ao desenho do que propriamente à pintura. Mas não é tal. O preto que o pintor Florentino de nascimeto usa, não é um crayon vulgar. Por um processo próprio ele conseguiu fixar a cor com uma nitidez surpreendente, conseguindo tonalidades estranhas, mesmo jogando com uma unica côr.

PAULO DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Vendedor de Enfeites





POSTAIS DO BRASIL

Palmeiras do interior da Baía
(Foto K. Vossli)



A vendedora de miudesas.

"Quem tem garrafas vazias para vender?"



O MALHO

Vendedor de jornais

HOUVE um tempo que não havia feiras... Nem as donas de casa precisavam se cansar em andar pelos bondes, ou pelas ruas com os seus cestos cheios de verduras, de ovos, ou de frutas...

Tudo de que se necessitava num lar, em matéria de alimentação e de petrechos domésticos passava pela porta...

Ninguém precisava preocupar-se em estar atento, com o relógio, para chegar a tempo de comprar um peru ou uma galinha de caldo bom...

Não era preciso nada disso. Esperavam-se apenas os pregões. A voz desses servidores humildes, mas heróicos nas suas missões, pois não respeitavam nem o sol da canícula, nem as chuvas torrenciais, havia de ecoar fatalmente, despertando a atenção de todos.

Pelo timbre da voz se conhecia, muitas vezes, a especialidade do pregão... Havia tenores, barítonos e até cantadores estranhos que possuíam características pessoais e certa originalidade:

*"Sorvetinho, sorvetão,
sorvetinho é de ilusão,
quem não tem duzentos réis,
não toma sorvete, não!"*

o quitandeiro, na sua voz de falsete, dizia assim:

*"Hei tomate,
olha quiabo,
olha giló,
olha o tempêro
da querida, minha avó!"*

E a voz da canjiquinha quente? Era qualquer coisa parecida com um bordão:

"Canjiquinha quente..."



O chapeleiro.

PREGÕES DO RIO ANTIGO...

Hoje há ainda remanescentes do Rio antigo, mas sem o humor dos pregões de outros tempos. Já ninguém quase ouve, por exemplo, a voz do baleiro que pulava nos bondes; do angú à baiana, do amendoim torrãozinho, ou daquele rufar de lata no baú do "puxa - puxa" . . .

Havia um tipo de turco que desapareceu completamente. Era o mascate. Não houve senhora do princípio do século que não preferisse comprar fitas e rendas, linhas, retrós, ou meadas para o seu bordado, no turco. Ele trazia uma enorme caixa cheia de compartimentos nos quais se encontrava qualquer artigo de armarinho. Além de vender barato, pois pedia um preço para deixar por outro bastante mais baixo, ainda fiava . . . Este, não se utilizava da voz. Anunciava-se por meio de u'a matraca . . . As gravuras desta página mostram, contudo, alguns pregões que ainda existem, ou que pelo menos não desapareceram de todo. São eles, o chapeleiro, o vassoureiro, o garrafeiro e, possivelmente, outros...



O antigo vendedor de aves, também quase desaparecido...

Mas, os tempos mudaram . . . o humor, a graça, a originalidade dos pregões antigos, a civilização levou . . . Hoje, quem tem "garrafas vãs para vender é um caso sério" . . . Já não servem como serviam, por exemplo, aquela vizinha que esperava o garrafeiro para, com os níqueis que ele lhe dava, arriscar a sua fézinha no jacaré . . .

E os perús que vinham à porta por qualquer cinco mil réis? Bons tempos! Por onde andarão o homem do "melado"? Ele trazia uma enorme botija de lata e com uma concha vendia o seu produto, que era recolhido pelo comprador guloso em compoteiras de cristal . . .

Por onde andarão? Com certeza foi cantar em outra freguezia . . .

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

(Fotos Malta)

O antigo "mascate", tipo que desapareceu completamente.



O MALHO



Um trecho encachoeirado do Rio São Francisco, em Paulo Afonso.

CACHOEIRAS DE PAULO AFONSO

Quêda d'agua "Véu de noiva" Cachoeira de Paulo Afonso, lado da Baía.



O interventor Landulpho Alves contempla a maravilhosa Cachoeira de Paulo Afonso.



AMAZONIDA

Ao Presidente Getúlio Vargas, em cujo
coração cabe todo o mapa do Brasil

Deus bárbaro vivendo em sobressalto
na terra da fartura e do castigo,
- pelos teus braços rijos, eu te exalto,
- pelo teu sangue obscuro, eu te bemdigo.

Sob o dossel das folhas que andam no alto
e sôbre o chão, coalhado de perigo.
transportaste, dinâmico. num salto,
teu reino de nababo e de mendigo.

E guardas, nas pupilas incendiadas,
a carícia de sol das madrugadas,
que, em nossa terra, é a luminosa fonte

diante da qual, aos céus erguendo os braços,
sentimos na linguagem dos espaços
a saudade morena do horizonte...

OSVALDO ORICO
Da Academia Brasileira





OS homens, na esquina, ao lado da Penitenciária Pública, se amontoavam. Pareciam moscas. No meio do tumulto, entretanto, havia um claro, como a corôa da cabeça de um padre. O vozerio das pessoas, umas querendo ver a cêna por cima dos ombros das outras, tirava essa tranquilidade de todo fim de tarde. Já estava para escurecer. No horizonte só havia os rastros do sol. O sol dava a idéia de um criminoso, que fugia do dia, para se acoitar na ladeira da noite, a grande noite que tudo protege. Mas, no seu caminho para o ocaso, viam-se clarões vermelhos, como rastros de sangue. A multidão se comprimia. Ouviam-se gritos desesperados. Duas mulheres choravam, D. Candinha e D. Alzira, cheias de nervoso. E um homem exaltado, incontido como uma garrafa de cerveja ao ser aberta, se derramava em clamores e espumava de rancôr :

— Monstro ! Monstro !

O Dr. Silvino, à custa de um trabalho piedoso, soube ganhar a confiança dos sentenciados.

Carmen

OCELIO DE MEDEIROS

dos. Era, pela sua honradez e tradição, um dos membros do Conselho Penitenciário. Mas não se limitava sómente a tomar parte nas sessões. Partidário das mais modernas teorias do Direito Penal, ampliava benemeritamente o seu campo de ação pública, fazendo preleções morais aos detentos e tentando convertê-los com sábios conselhos à boa natureza humana. Por isto lucrara a estima de todos. Tornara-se querido como um pai. Obtinha assim, depois de continuos trabalhos de análise, as mais secretas confissões. Os presos tinham a certeza de que falavam a um amigo, pronto para orientá-los e incapaz de traí-los. A sua figura, sem ser veneranda, era respeitável. Solteirão, com uma idade quasi madura, apresentava sempre uma expressão macambuzia, com o rosto fechado e um ar silencioso. Para defini-lo melhor, era mesmo que um pôço. Nunca ninguém soube das razões secretas que lhe davam esse aspecto permanentemente tristonho nem tão pouco o motivo porque tanto se dedicava aos presos. Um pôço velho, abandonado, com o mato brabo nascendo nas bordas e talvez trazendo no fundo, no mistério das águas velhas, pensamentos, desgostos e desejos estagnados, — eis a figura do Dr. Silvino. A sua personalidade, inspiradora da maior confiança, magnetizava a todos aqueles infelizes que o ouviam. Foi assim que um dia, ao fazer uma visita à Penitenciária, atendeu ao chamado do preso 48 :

— Preciso lhe falar, Dr. Silvino, disse 48 muito nervosamente, como num desabafo. — Preciso que o snr. me ouça, Dr. Silvino. Quero um favor . . .

Há quatro anos que Leôncio, o sentenciado 48, estava cumprindo pena. A fatalidade o arrastara à Penitenciária Pública, um prédio de linhas severas que fica no suburbio da cidade, desde o dia trágico em que, depois de uma longa altercação com a amante, assassinara-a brutalmente, para em seguida, num pranto convulsivo, ajoelhar-se diante do cadaver, na imploração de um tardio pedido de perdão. Cumpria dois anos de pena. Daí por diante, como prêmio ao seu comportamento exemplar, saíra das grades, para gosar de algumas franquias, numa suave ilusão de liberdade. Fazia solto, assim, alguns serviços internos, como varrer os aposentos e cuidar das hortaliças. Era até apontado, pelos administradores, como um exemplo de regeneração e de arrependimento.

A Penitenciária ocupava um enorme quarteirão, tendo na frente uma tira de calçada que se estendia de uma esquina a outra. A limpeza dessa calçada, todas as 8 da manhã e todas as

5 da tarde, invariavelmente, vinha se constituindo desde mais de um ano na maior preocupação de Leôncio.

O Dr. Silvino, muito solícito, foi atendê-lo. O assunto era reservado. Leôncio estava nervoso, mas confiante. Começou a implorar, num tom de segredo, gaguejando as palavras :

— Não vá se rir de mim, Dr. Silvino. Mas é certo. Não posso mais. O snr. dê um jeito de me deportar para outra parte ou de me mandar prender de novo. Tenho medo de continuar a vêr aquela mulher . . .

Era realmente dessas mulheres que torturam. O fascínio que exercia sobre os homens tinha qualquer coisa de bárbaro. Havia no seu corpo, na confusão estonteante das formas, uma provocação permanente, malvada. Não representava propriamente uma beleza artística. Qualquer pessoa, nesse estado de contemplação em que o sentimento estético sublima a brutalidade do instinto, veria logo defeitos. O nariz, por exemplo, grosso e insinuante, não estava em perfeita harmonia com os lábios polpudos, machucados e úmidos. Mas havia no todo, na expressão e no sentido, desde os quadris até os seios, essa atração infernal que não se sujeita a compassos e nem a regras estreitas de beleza. Havia certa selvageria nos seus encantos de mulher. Um quê de brutalidade, de primitivo. Era verdadeiramente provocante, e trágicamente provocante. Basta dizer que até as próprias mulheres a olhavam, quando a viam passar, num mixto de espanto e de inveja. Só isto bastaria para defini-la. A maior beleza de u'a mulher é a que é reconhecida por outra mulher, embora sob o ângulo da inveja ou da crítica.

O próprio nome martirizava a imaginação. Carmen, realmente, expressivo e forte, parece trazer em si uma noite, uma noite antiga de sangue e de mistério. E' um nome sugestivo, molhado de sangue, vermelho como carne. Pronunciá-lo, com essa tonalidade que as sílabas impõem, é acordar no espírito as saudades seculares da espécie. Os longes ancestrais, ao som de tambores guerreiros, brotam do passado das veias, em evocações e desesperos, fazendo renascer todo o primitivo que ainda existe no patrimônio dos temperamentos humanos. Esse nome em Carmen se ajustou à pessoa, no encontro de dois destinos irmãos. Assim o sentia, sem no entanto poder traduzir em palavras, no sofrimento e no silencio, a alma bárbara de Leôncio.

Foi naquele serviço de limpeza da calçada que Leôncio via Carmen passar, na sua des-

preocupação e no seu fascínio. Cada noite que vinha era um bocado de paixão que se empilhava na sua alma. Tinha às vezes vontade de falar-lhe. Recuava, porém, diante de sua condição de sentenciado. Olhava, então, mais detidamente, para si mesmo. Cada lista daquela vestimenta de preso era ainda mais forte do que o ferro das grades em que cumprira os dois anos da pena. Espiava o seu tipo mestiço, de côr mulata e feições brutais, as mãos calejadas e a cabeça raspada, e tendo ainda nas mãos aquela vassoura de serviço. Recuava do seu sonho de louco, decepcionado e humilhado. Carmen nem sequer sabia que um pobre diabo a amava lentamente em segredo. Nem mesmo podia imaginar. E se chegasse a sonhar, nem sequer teria para êle ao menos um olhar de piedade, mas certamente de odio e de horror.

O amor, agora, entrara no plano da loucura. Era preciso chegar a um fim. Devia se arranjar um jeito para pôr um termo a esta situação. O Dr. Silvino, instruído e reservado, poderia ver Carmen através do sentimento e do prisma das frases, endeusando-lhe a beleza. Uma fatalidade para o pecado ou uma vocação para a desgraça, diria. Mas Leoncio, o sentenciado 48, não podia senti-lo sinão pela nevoa do instinto, sem ir além dessa palavra que encerra em si todas as misérias e todas as glórias da angústia humana.

— Quero me ver livre dela, Dr. Silvino. Quero me ver livre dela. Me aconselhe alguma coisa. Eu peço que o sr. me mande para outra cadeia ou faça com que eu volte de novo à prisão . . . Eu aí me sentirei mais livre !..

O Dr. Silvino ouvia silenciosamente. O sentenciado tinha agora uma expressão de arrependimento. Agurdava qualquer repreensão do Dr. Silvino. Este, mais silencioso do que como de costume, parecia trazer do fundo dos tempos qualquer pensamento. Um balde, agora, sob o ranger nervoso da corda na carretilha, remexia as águas daquele poço. Pela primeira vez Leoncio viu um sorriso no rosto do Dr. Silvino. Um sorriso estranho, inclassificável, exquísito.

— Compreendo mais do que ninguém a sua fraqueza, meu amigo, respondeu o Dr. Silvino, colocando a mão sobre o ombro de Leoncio, numa atitude quasi paternal. Eu sei quanto dói esse martírio. E se você continuar a ver essa mulher, o que acontecerá ? . . .

O sentenciado não esperou tempo para responder :

— Alguma coisa de ruim, Dr. Silvino. Eu seria capaz até . . .

— . . . De matar, não é meu amigo ? . . .

— Sim, isto mesmo. De fazer um crime . . . confessou Leoncio.

O Dr. Silvino olhou para os cantos. Não viu ninguém que os escutasse, ali naquele fim de corredor, em que parecia aos olhos de todos continuar no seu mistér de sempre. Ainda

olhou mais uma vez. E as palavras lhe saíram da boca, embora em tom baixo, mas certeiras como balas !

— Pois é melhor matar, meu amigo, sentenciou o Dr. Silvino. Se não fizer isto, você se sentirá sempre mais preso do que está. E, com uma voz paternal e persuasiva, continuava: É melhor assim. Você deixará uma carta contando tudo. Diga que não pode suportar mais. Por isso você resolveu também se matar. Mostre-me a carta antes. Mate e morra. Só assim você será livre ! . . . Não tenha receio !

Os homens, na esquina, ao lado da Penitenciária, continuavam a se amontoar, como as moscas. No claro que havia no meio do tumulto os populares esbugalhavam os olhos diante do espetáculo horripilante. Carmen, surpreendida àquela hora, ainda lutou contra a agressão bárbara do desconhecido, que a esfaqueara como um louco. Ainda houve quem corresse

Mas foi impossível evitar. Leoncio, feito o crime, voltou a arma contra si, suicidando-se desesperadamente. Os dois mortos ainda estavam quentes, rolados com as vestes esstraçalhadas, numa horrível poça de sangue. O Dr. Silvino também entrara no meio da multidão. Um homem, talvez o pai de Carmen, gritava como um possesso :

— Monstro ! Monstro ! . . .

Essas palavras, ecoando como no interior de um poço, se multiplicavam na alma do Dr. Silvino, que olhava piedosamente para Leoncio, de cujo paletó se via uma carta toda manchada. Só êle olhava com piedade para Leoncio. E, com lágrimas nos olhos, retirou-se daquêle meio tumultuoso, lembrando as vezes em que o seu amor fôra repudiado e dizendo consigo mesmo :

— Carmen ! Como eu te amo ! Perdoame ! Mas estou vingado ! . . .



Sobre Laurindo Rabelo

São numerosas as anedotas da sua existência inquieta, de estudante de seminário, de académico de Medicina, de cirurgião do Exército; muitos também os seus epigramas a lentes, autoridades militares, a quantos, enfim, por qualquer motivo, lhe desagradavam.

Na admiração popular, durante muito tempo, cabeça erguida, semblante carregado, polegares metidos nas cavas do colete, balanceando o corpo esguio, e muito mal vestido, passou, pausadamente, o chamado poeta lagartixa.

O vestuário de Laurindo foi causa de muito riso.

Contam que, regressando tarde à casa que o hospedava, e não querendo bater à porta, estirou-se num banco de jardim, para esperar a manhã, e do seu chapéu alto, ainda novo, fizera travesseiro.

Ajunta-se que, certa vez, voltou do Mercado com uma tainha no bolso interno do paletó abotoado, indiferente às cócegas que lhe fazia na barba a cauda do peixe.

Improvisador extraordinário, era, na Baía, procurado para todas as festas e aplaudido em todos os salões. O entusiasmo dos admiradores perdoava-lhe as roupas.

Mas, muitas vezes, chegavam elas a tal estado que até os mais complacentes se resignavam a perder a encantadora companhia do poeta.

Um desses, a quem a família pedira que convidasse Laurindo para um baile, excusou-se, ponderando:

"Agora, não. Esperem que ele tenha outra roupa."

Assim que isso se deu, fez-se o convite, logo aceito.

Mas o sarau começou sem o poeta. Quando já estavam cansados de esperar, bate alguém à porta. É ele. E todos correram para receber o retardatário. Quem chegava era um carregador trazendo em taboleiro a roupa nova do poeta e este bilhete: "aí vai o Laurindo".

(1922)

CONSTANCIO ALVES

Pró ou contra?

EM certo jornal, cujo redator chefe costumava publicar artigos religiosos na Semana Santa, aconteceu que uma vez não o pôde fazer. Estava ausente, tinha ido à Europa concertar as nossas e as suas finanças. Para o substituir foi então convidado um jornalista emérito. Erudição, talento, estilo, nada lhe faltava. Em breve ficou tudo ajustado: dimensões do artigo, local em que seria estampado, e também o preço da colaboração, porque "dignus est operarius mercede sua"... Mas o articulista, por veso do ofício, tinha muitas almas, e, antes de se despedir, indagou qual delas conviria no momento — "Já sei, disse, que tenho de escrever sobre o Christo: mas pró ou contra?"

(1922)

CARLOS DE LAET

Antologia PITORESCA

Seleção de FRAGUSTO

Cultura por osmose...

Costumo dizer que a gente conhece muito mais um livro que possui, e que não leu, do que um livro que leu mas que não possui.

A presença do livro em casa, na estante, ao alcance da mão, não determina somente a emanação de misteriosos eflúvios, transmissores de uma espécie de conhecimento por osmose ou indução.

Fóra de qualquer brincadeira, o livro presente pôde ser aberto aqui ou ali, preguiçosamente, lido em páginas esparsas, observado periodicamente. Tudo isto vai dando ao seu quase leitor uma noção, digamos infiltrativa do conteúdo, que uma leitura maciça e única não consegue atingir.

Esta fórmula da infiltração me satisfaz plenamente. É como a chuva miúda, a chuva fina, que empapa o terreno, enquanto a chuva violenta da enxurrada lava a terra da superfície, mas não penetra nas camadas profundas.

Manuel Bandeira dorme no meio dos livros. Seu apartamento consta de uma só peça, ao mesmo tempo, quarto e sala. Tudo escrupulosamente arranjado, os livros minuciosamente etiquetados e arrumados, segundo a ordem do fichário. Seu quarto tem assim um jeitão do que imagino ser uma cêla de freira. Aliás, estou verificando agora que a cara de Bandeira também é de irmã de caridade. Tenho uma secreta inveja de tal capacidade de organização, que me é completamente impossível imitar, pois sou temporariamente atingido pela fúria do arranjo das estantes, e, então, mudo tudo de lugar. Bandeira dormindo no meio dos livros não precisa ler nenhum. A cultura da Musa entrará na cabeça do poeta como a da poesia: em sonhos.

(1942)

AFONSO ARINÓS DE MELO FRANCO

Sestro vulgar

O título do livro ("PERÚ VERSUS BOLÍVIA" de Euclides da Cunha) reclama um segundo de atenção: é um dos mais flagrantes casos demonstrativos do geral sestro de sequacidade que persegue a literatice indígena.

Em toda a minha vida de pépetuo ledor só me lembra um título com aquêl parecido. É o de uma conferência do famoso fisiologista alemão — Dubois — Reymond, publicada em 1876 ou 77, sob a denominação de "DARWIN VERSUS GALIANI". Este era um espirituoso comensal das célebres reuniões do salão d'Holbach, no século XVIII.

A singularidade do título curiosa, porém, Bandeira não se me apagou mais da memória, e, em 1902, nomeinei um dos capítulos de "DOCTRINA CONTRA DOCTRINA" — o VIII da parte geral, "Spencer versus Comte".

Bem mais tarde, o autor de "OS SERTÕES" — surgiu com "PERÚ VERSUS BOLÍVIA". Foi um dilúvio: noticiaristas e escrevinhadores de todos os geitos e feitios agarraram-se à palavrinha e não acabou mais. Agora só se vê: Pinheiro versus Dantas, Coligação versus P. R. C., Militarismo versus civilismo, Bonde versus automóvel, etc., etc.; Um pavor...

Os exemplos desses sestros são, aliás, muito vulgares entre nós. Houve tempo em que estiveram na berra o — Hom'essa?, o Zé Povinho, o supimpa. Agora é o versus, que vai sendo suplantado por paredro...

(1912)

SILVIO ROMERO



HOMENS e MACACOS

Por BERILO NEVES

"Macaco velho não mete a mão em combuca" — diz o prólogo. Homem velho só não mete a mão na combuca se a combuca não for bonita...

Que será das mulheres "chics" no dia em que tivermos de voltar à floresta da época quaternária?... (pensamento de um costureiro consciencioso).

A humanidade é um símbolo; a macacada, uma pilhéria... Mas, o homem é um animal triste e o macaco — cavalheiro que se diverte...

É melhor saber pular de um galho a outro, do que de um sofisma a outro sofisma...

O orango-tango é feio; o gorila é mau; o chimpanzé é humanitário... Parece que o pai Adão nasceu quando os chimpanzés já estavam em minoria...

Humanizar um macaco é a maneira mais simples, que se conhece, de o desgraçar...

Se o homem é um macaco evoluído, como explicar que ainda haja macacos? Não é mais lógico pensar que o homem é um macaco degenerado?

Se Adão e Eva ao invés de serem os primeiros homens, tivessem sido os últimos macacos, talvez não tivessem cometido aquela tolice da maçã...

O rabo do macaco é um ponto de interrogação que ensombra a glória de Mr. Darwin...

"Ter rabo ou não ter rabo" — eis a questão, que interessa mais aos homens sem cauda do que aos caudatários dos macacos...

A mulher é uma macaca que conserva, da origem simiesca, o instinto do pulo. A diferença é que, em vez de mudar de árvore, muda de casa, de automóvel, de marido, ou, simplesmente, de vestido...

O naturalista Darwin creou, na "Origem das espécies", a teoria de que o homem é um macaco aperfeiçoado... Que faz, naquele galho de árvore, o orangotango dos nossos dias? Assiste à milionésima guerra entre os seus descendentes e sorri da "Origem das espécies", enquanto agita a cauda filosoficamente...

O homem é um macaco pelado (Charles Darwin). O macaco é um homem cabeludo. A mulher é uma macaca que conseguiu um convite para o chá dansante da Civilização...

Pelaí um macaco: tereis um homem. Enrolai uma macaca em sêda: tereis uma mulher. Ponde um rádio a tocar: tereis o chá dansante, o imposto de renda, a tuberculose urbana — a Civilização!...

O homem, depois que desceu da árvore primitiva, construiu as casas, as cidades e as nações. A mulher... penteou os cabelos e puliu as unhas. O homem fez a humanidade. A mulher fez... as sobrancelhas.

Se dependesse do esforço das mulheres, não haveria Humanidade: continuaria a macacada...

O homem, deixando de ser macaco, perdeu o rabo. A aquisição da Ciência implicou na perda do apêndice... A mulher não perdeu nada: ganhou a consideração pública e os... vestidos de cauda!

A mulher de um macaco não lhe custa nada: quando muito, um cacho de bananas e alguns conselhos. A macaca de um homem custa-lhe tudo, inclusive os olhos da cara...

É mais fácil ser feliz em cima de um coqueiro do que dentro de um "bungalow". Será defeito dos "bungalows" ou virtude dos coqueiros?...

O homem é um animal que pensa. O macaco é um animal que pula. O homem suicida-se frequentemente. O macaco quase nunca se suicida. Não seria melhor que o homem fosse pulador em vez de filósofo?

O salto é um esporte físico; o pensamento, um salto espiritual. O exercício dos músculos enrija a vida; o do cérebro deprime o organismo. Quem é o burro, o macaco ou o homem?...

A hipótese é um pulo dado no Infinito. É a maneira mais prática de quebrar a perna... do espírito.

A macaca é uma senhora que não usa perfumes caros, nem vai à manicura. Mas, o macaco é um homem feliz, que dorme tranquilamente...

O macaco não namora nunca e se casa sempre. O homem namora sempre e raramente se casa. Qual dos dois é o mais honesto?

O macaquinho é um inocente com rabo. A macaquinha também tem rabo, mas não sei se é inocente...



M O U E I R A

INIMIGOS

DIVA PAULO



PERSONAGENS: -

ÊLE — O DINHEIRO

ELA — A FELICIDADE

AMBIENTE: — DINHEIRO E FELICIDADE SE ENCONTRAM, MAIS UMA VEZ, NA LONGA E MISTERIOSA ESTRADA DA VIDA.

(M Ú S I C A)

ELA — (amável) Minha grande amiga!
ELA — (irônica) Tu és um companheiro detestável...
ÊLE — Mas, eu te chamei de "amiga".
ELA — (suspirando) Amigos do dinheiro são sempre detestáveis.
ÊLE — (triste) Oh! Por que não nos reconciliamos, Felicidade? A vida sentir-se-ia feliz se nos amássemos...
ELA — Não; não penses tolices.
ÊLE — Sei que tu gostas de mim.
ELA — (rindo) Eu?! Enganas-te. Fujo sempre da tua sombra. E fico triste quando surges, espantando-me das almas.
ÊLE — Se gostasses de mim, tudo mudaria.
ELA — A Felicidade passaria a ter, então, classes privilegiadas!
ÊLE — Escolheríamos, com segurança, os lares infelizes dos ricos.
ELA — Enquanto isso, os pobres...
ÊLE — (irritado) Ora, sempre os pobres!... Sempre o teu sentimentalismo a embarçar o nosso amor!
ELA — (risinha) Não sejas ridículo. Não fales em sentimento! Continua a ser o dominador do mundo material e deixa-me continuar tranquila a alegrar, a dominar os espíritos bons.

ÊLE — (furioso) Os espíritos dos miseráveis, dos mendigos, das mocinhas do suburbio, dos rapazes do campo... (rindo) Que vida!
ELA — Sinto mais prazer do que tu, reunindo almas, irmanando ideais, satisfazendo sonhos!
ÊLE — Sonhos ridículos!
ELA — Um pouco menos ridículos do que os teus.
ÊLE — (vaidoso) Eu serei o vitorioso!
ELA — (risinha) A teu modo.
ÊLE — Ao modo de todos! Tu mesma has de reconhecer que valho muito!
ELA — Nunca!
ÊLE — (rindo) Tens fracassado sempre...
ELA — Momentaneamente.
ÊLE — Como?
ELA — A Humanidade é feliz comigo. Um dia, porém, pensa em ti; apaixonas-se pela tua grandeza. Ilude-se, momentaneamente, com o que compras e com o que vendes, traiçoeiro e feroz! Mais tarde, volta a mim, desesperada e arrependida.
ÊLE — (dominador) E nunca mais me esquece!
ELA — (penalizada) Idiota!
ÊLE — Tens pena de mim?
ELA — Desprezo-te. Só tenho pena dos bons.
ÊLE — (rindo) És encantadora!
ELA — (vaidosa) Sinto que estás apaixonado, Dinheiro...
ÊLE — Por ti? (rindo) És convencida!
ELA — Percebo-o nos teus olhos, nos teus gestos e na tua voz.
ÊLE — (apaixonado) Sim... Gostaria de possuir-te, para...
ELA — (rindo) Estás sendo ridículo. Confessa amor, como qualquer rapaz maltrapilho. És comum, e... e...
ÊLE — ...Por que não sermos amigos? Amigos apaixonados?

ELA — (sentimental) Ouve, Dinheiro: se pudesses deixar de lado metade do teu egoísmo, se pudesses ser mais meigo, menos brutal... eu...

ÊLE — Gostarias de mim?

ELA — (enlevada) Amar-te-ia...

ÊLE — (enlevado) Felicidade! Como és linda! Como te quero... (quer beijá-la).

ELA — (risinha) Não, não; antes do beijo, o nosso acôrdo.

ÊLE — Está bem; já não somos inimigos. Vamos trabalhar juntos. Mas... eu, Felicidade... também tenho o direito de pedir alguma coisa, não é verdade?

ELA — Claro! Pódes pedir.

ÊLE — E se te zangares?

ELA — Que importa? Os apaixonados também se zangam!

ÊLE — (reparando em alguém) Olha. Aquele casal... Naquele banco de jardim... Aquele parzinho de namorados...

ELA — E' meu! Fui eu quem lhes deu aquela ventura! Vê! Vê como são felizes!

ÊLE — Poderia ser "nosso", aquele par.

ELA — Se quizesse protegê-lo...

ÊLE — Serão pobres?

ELA — Vê-se logo que sim. Repara bem. Ela é mocinha humilde. Êle é rapaz esforçado. Mas são felizes. Amam-se. Amam-se muito...

ÊLE — Oh! Mas agora discutem. Brigam.

ELA — (Aflita) Sim... Brigam...

ÊLE — Que teria havido?

ELA — Falam em ti. Discutem por tua causa, Dinheiro! Será que tu...?

ÊLE — Queria apenas ajudá-los. Penetrei, por momentos, no pensamento deles.

ELA — (desesperada) Por que fizeste isso...? Erraste! Tornaste-os tristes!

ÊLE — Queria estar junto de ti, Felicidade! Queria estar no coração deles, abraçado à tua sombra!

ELA — (irritada) Tôlo!

ÊLE — Mas, não somos amigos? Não somos namorados?

ELA — (furiosa) Idiota!!!

ÊLE — Felicidade, eu...

ELA — Egoísta! Sempre o mesmo egoísta!

ÊLE — Mas, querida, eu não tive culpa!

ELA — (irritada) Quem teve a culpa, então? Vamos! Fala! Ambicioso! Detestável!

ÊLE — Não sei. Quiz apenas ajudá-los, meu amor!

ELA — (chorosa) Tive o trabalho de uni-los. E, agora, separam-se. Talvez para sempre... para sempre... (chora).

ÊLE — (meigo) Desculpa-me, Felicidade. Fiz isso por ti, pelo nosso sonho.

ELA — (calma) Tens razão, Dinheiro; mereces as minhas desculpas. Não foste o culpado... Não és tão mau como te tenho julgado...

ÊLE — (contente) Perdoaste-me? Poderás ser teu, novamente? Poderás ser minha outra vez? (aflito) Perdoaste-me, hein?

ELA — Perdoei-te, mas partirei imediatamente...

ÊLE — (alegre) Partiremos juntos!

ELA — (triste) Não, meu amigo; irei só! Não, não perguntes nada! Não podemos nos amar. Tu serás, sempre, a vida material, egoísta e prática dos homens. Eu serei, sempre, o sonho, as horas de alegria ou apenas os dois minutos de satisfação nas vinte e quatro horas de luta. Dessa luta que és tu! Dessa luta transformada em cédulas, dessas cédulas transformadas em pão, em roupa, em luxo, em miséria, muitas vezes!

ÊLE — Oh! Será que nós...?

ELA — Nós seremos eternamente o que temos sido: amigos cordiais! Mas, intimamente, inimigos profundos! Inimigos!

ÊLE — Mas, inimigos, por que?

ELA — (suspirando) Porque tu és dinheiro... e eu... sou apenas, felicidade... sonho...

ÊLE — (sincero) E, antes de tudo, um mistério eterno... uma eterna dificuldade...

TRAIÇÃO DE

Amiga

Um conto de JEAN RAMEAU



ELAS eram lindas tôdas duas, e não só lindas, também inteligentes e ricas. Eis por que Roger de Buscail hesitava na escolha. Para melhor conhecê-las êle, que era igualmente rico, as convidara para passarem alguns dias no seu castelo de Béroy, próximo de Sauvetterre. Como se amavam muito, acharam agradável o convívio sob o mesmo teto, nêsse aprazível logarinho dos Pirineus Azuis.

Uma, que se chamava Andréa, era morena; a outra, Cecília, era loura.

Roger observou-as, comparou-as, e tratou de tomar uma decisão. Após uma semana de estudos, optou pela loura. E por que? Porque ela adorava a aurora. Isso tinha grande importância para Roger, que era um enamorado das auroras, ou, melhor, um colecionador de auroras.

Êle as conservava na sua retina e delas sempre se lembrava com embevecimento e orgulho, declarando que desde a criação do Mundo nunca houve tão bonitas...

Todos os dias de bom tempo êle se levantava cedo; no inverno, às 7 horas, no verão às 4, unicamente para admirar a aurora.

Ficava radiante! Os olhos inundavam-se-lhe de cores: rosa, vermelho, amarelo, verde, e êle se sentia feliz o dia todo.

Em frente às duas moças, exaltava os méritos da aurora, da incomparável e doce aurora, da bela ignorada cujo esplendor às elegantes desconhecem, porque dormem quando ela se levanta. E as moças deixavam-no falar, parecendo que o amavam com a mesma vibração, e desejavam que êle irradiasse sobre elas alguns milhões de auroras...

Uma tarde, disse-lhes:

— A aurora será provavelmente bela amanhã. Si vocês o permitirem, irei acordá-las para que possamos juntos contemplá-la do terraço.

— O. K., respondeu Cecília, com transporte.

— Magnífico! — exclamou Andréa, radiante. Com efeito, a manhã nascia triunfal. Roger apressou-se em bater à porta de Cecília:

— Bom dia, meu coraçãozinho! Venha depressa! A aurora a espera.

Foi acordar Andréa, pronunciando as mesmas palavras.

Alguns instantes depois, a formosa morena encontrava-se no terraço. Cecília não aparecia. O jovem ficou maguado. Como? Aterna, a vibratil Cecília, que êle preferia, que êle começara a amar e em companhia de quem seria tão bom contemplar a aurora, todas as manhãs, recusar-se-ia a assistir a um espetáculo daquêles?

Enervado, foi bater de novo à porta da preguiçosa. Nenhuma resposta. Bateu mais forte. Um vago suspiro fez-se ouvir.

— Cecília, levante-se! A aurora está soberba. Eu a espero.

— Já vou — respondeu uma voz pastosa.

Roger esperou inutilmente a sua apaixonada. Ela continuou a dormir. A aurora surgia, feérica, no

esplendor de sua riqueza policrômica ofuscante! Uma visão caleidoscópica!

Lágrimas corriam dos olhos de Roger. Seria entusiasmo ou desespero? Andréa sabia porque. Ela indagou, roçando-se nele:

— Magôa-o tanto a ausência de Cecília?

Êle suspirou:

— Ela parecia amar tanto a aurora...

— Cecília? Não se iluda. Pouco se lhe dá que a aurora venha...

A prova está aí patente...

Depois, alçando os braços nus ao céu, Andréa exclamou:

— Como é bela, oh! Deus! Como é bela a aurora!...

E eis como Roger Buscail desposou Andréa, em lugar de Cecília...

Andréa enganou-o, aruinou-o, fê-lo vender o castelo de Sauvetterre, tornando-o o mais desgraçado mortal.

A aurora? Andréa não quiz mais saber de auroras, depois que se casou. Para quê? Para se constipar... Obriqado!

Quarenta anos mais tarde, Roger, que marchava apoiado a duas bengalas estava, certa madrugada, à janela de seus aposentos no hotel de Pau, onde se instalara na véspera. E era para ver a aurora.

Êle a amava sempre, e pretendia mesmo finar-se tendo diante de si uma dessas visões matinais.

Ora sucede que, contemplando a aurora, viu abrir-se uma outra janela, vizinha à sua.

Apareceu uma cabecinha branca e, a seguir, um rosto juvenil. A senhora idosa, recurvada, disse à moça:

— Miss, que panorama deslumbrante este arrebol! E a garôa sobre o riacho, a relva orvalhada, e os cantos da passada!... Uma ressurreição!...

Roger estremeceu. Seria possível? Havia uma mulher que amava a aurora também, que acordava cedinho para apreciá-la, como êle, e se referia a ela com entusiasmo, tal qual êle... Oh! quem seria essa creatura?

Roger encontrou a desconhecida, àquela tarde, no parque. Ela ia numa cadeira de rodas, que uma jovem inglesa fazia andar.

Roger aproximou-se, descobrindo-se:

— Senhora, permita-me felicitá-la. Vi-a, esta manhã, à janela. Admirava a aurora. Como me sinto bem, constatando que não sou eu o único contemplador de auroras! Si soubesse...

A dama abaixou a cabeça, e, depois, disse:

— Aprecio imenso a aurora... Ela influiu bastante na minha existência...

— Sim?

— ...Basta dizer-lhe que foi um impecilho a meu casamento...

— Oh!...

— Eramos duas moças e amávamos o mesmo homem. Êle veio, certa manhã, despertar-nos para nos mostrar a aurora. Eu não pude deixar o leito. Estava morta de sono. Imagine que, na véspera, a minha amiga deitara veronal na minha chavena, para impedir que eu despertasse na hora marcada... Veja que boa amiga!

Roger estremeceu.

— E' inaudito!

— E aí está o que devo a uma aurora. A minha amiga casou-se com o homem de quem eu gostava e eu fiquei para tia.

— Oh! minha senhora... balbuciou Roger, empalidecendo e dando mostras de querer ajoelhar-se. Tinha os olhos húmidos e o coração pulsava-lhe, agitado. Calou-se, um instante. Depois, osculou a mão da velha dama:

— Aquí tem o meu cartão, D. Cecília... Disponha... de seu creado...

— Como! Sabe que me chamo Cecília?

Mas Roger já estava longe...

Minutos depois, a anciã deu a ler o cartão à Miss.

— "Roger de Buscail", pronunciou a inglesa.

Cecília deu um grito e ficou imóvel.

Algumas fricções reanimaram-na.

— Obrigada, Miss... Não é nada... Resfriei-me...

Voltemos para o hotel... Amanhã, partiremos...

Ela beijou o cartão e cerrou de novo os olhos.



A AGONIA DA TORRE

GARCIA JUNIOR

α Luiz de Souza e Silva

No alto de velha torre onde por tempos idos
velhos bronzes vibraram em repiques festivos,
apenas restam agora esborcinados crivos,
onde a vermina móra, onde trilam zumbidos ! . . .

Mal chegue entanto a noite, em trágicos gemidos
tudo então se transforma... Os, estáticos e cativos
Sinos rolam no ar a concitar os vivos
ao triste funeral dos que jazem esquecidos ! . . .

Asas negras cirandam em remigios aereos . . .
E os mochos sob a treva, em pios agourentos,
Vêem passar embaixo os fantasmas funéreos !

Todos como a lembrar em maguados pezares
os dias de esplendor em que ela a torre, aos ventos,
a palavra de Deus ainda apontava aos ares !



E AS CIGARRAS CHEGARAM

PAULINO NETO

Para Ademar Tavares

Já as cigarras chegaram á espera do estío
estridulando em côro ao sol, de manhã cedo,
e é como si cantasse o verde do arvoredo,
e o próprio céu gorgearse um cantico sadio.

Mas na velha mangueira, occulto pelo enredo
da ramada, n'um galho, ha o cadaver vasio
de uma pobre cigarra azul do último estío,
que cantou para a luz, e morreu em segredo . . .

Assim tambem, tal qual, é o poeta que envelhece :
depois do outono, o inverno apenas lhe aparece ;
fica-lhe, e para sempre, a primavera atrás . . .

Sente a glória da vida a rir passar ao lado,
mas . . . é a cigarra morta, a do verão passado,
que secou, presa ao tronco, e já não canta mais . . .

OS GRANDES MUSICOS

FRANCISCO Manuel da Silva nasceu no Rio de Janeiro, no dia 21 de Fevereiro de 1795. Menino ainda, começou a estudar música no Conservatório dos Jesuítas, tendo como professor o padre José Mauricio e Segismundo Neukomm. Aperfeiçoou-se em piano, canto, violino, violoncelo e harmonia, matérias que, depois, lecionava indiferentemente.

Com a extinção do Conservatório dos Jesuítas, em 1831, instituiu-se uma aula gratuita de música, no Colégio das Belas Artes, que foi, posteriormente transformado na atual Escola Nacional de Belas Artes. Francisco Manuel foi o diretor daquela aula, e depois, também diretor da Sociedade de Beneficência Musical e da secção de música do Colégio Pedro II, e mestre compositor de música da capela imperial. Aproveitando-se de sua posição oficial e de sua convivência com o imperador, Francisco Manuel conseguiu tornar uma realidade a idéia que vinha alimentando, havia muito tempo, da fundação de um estabelecimento para o ensino gratuito da música. De fato, graças aos seus esforços, o imperador transformou a aula anexa ao Colégio das Belas Artes, no Conservatório de Música do Rio de Janeiro, posteriormente, Instituto Nacional de Música e hoje Escola Nacional de Música do qual foi nomeado primeiro diretor. Com a morte de Marcos Portugal, passou a exercer o cargo de mestre da capela imperial, cargo que desempenhou até ao fim da vida.

Considerado, durante largo período de tempo, o maior músico brasileiro, deixou Francisco Manuel grande número de composições,



FRANCISCO MANUEL DA SILVA

entre as quais dois Te Deum, as Matinas de S. Francisco de Paula, vários hinos, missas e ladainhas. O que, entretanto lhe imortalizou o nome foi o hino que compoz, em Abril de 1831, entusiasmado com a abdicação de D. Pedro I. Cantado pela primeira vez, num espetáculo de gala que se realizou para solenizar a partida da família imperial para Lisboa, esse hino foi proclamado pelo povo como sendo o Hino Nacional Brasileiro, até hoje mantido como tal.

A atividade incessante de Francisco Manuel durante longos anos, se manteve dividida entre a Capela imperial, o Conservatório de Música, as aulas e a composição. Compunha com extrema facilidade e escrevia com rapidez e segurança.

Diz-se que era de genio irascível, mas boníssimo de coração.

Francisco Manuel faleceu no dia 18 de Dezembro de 1865, na casa n. 48 da rua do Conde, hoje rua Visconde do Rio Branco.

Além de músicas diversas, escreveu três compendios de música para uso dos seus alunos.

Pintura

OS ARTISTAS e intelectuais, residentes nesta Capital, em sua grande maioria, dirigiram ao Presidente da República, um Memorial, pedindo a reversão do Prêmio de Viagem de Vicente Leite, para a sua família, que ficou em situação delicada. Quem conheceu Vicente Leite e sabe o quanto lutou para manter



VICENTE LEITE

a família, a princípio no Ceará, e, nos últimos anos aqui, no Rio, não poderá deixar de aplaudir o gesto dos artistas. O malgrado pintor, muito mais do que o seu próprio bem-estar, presava o da família. Depois de uma luta sem esmorecimentos, Vicente parecia ter enveredado pelo caminho da fortuna. Fazia, então, lindos castelos de futuro, visando sempre o conforto do seu lar, que era de todos os seus. Estava cheio de encomendas. Preparava uma exposição, que deveria ter completo êxito. Poderia fazer a sua viagem à Europa, na certeza de que deixaria a família perfeitamente amparada. Mas a morte surpreendeu-o exatamente nesse momento, quando sonhava com a vida e com a glória! Nem exposição, nem encomendas, nem viagem. Morreu, deixando os seus ao desamparo.

É perfeitamente justo, portanto, que o prêmio que havia conquistado passe para aqueles por quem tudo sofreu na vida.

ENTRE AS EXPOSIÇÕES que se anunciam para a próxima estação, inclue-se a de José Maria de Almeida, que, sendo um dos mais novos dos nossos pintores, é também um dos que mais rápida e surpreendentemente conquistaram a simpatia do público. José Maria é, antes de tudo, um excelente paisagista. Vive fascinado pela nossa natureza, na grandiosidade dos seus conjuntos panorâmicos e no encanto dos seus detalhes.

A exposição José Maria de Almeida inaugurar-se-á na segunda quinzena de Maio próximo.

O RIO CONTA, agora, com mais uma galeria de pintura: a dos senhores Costa Ribeiro & Cia., instalada à rua Buenos Aires. A notícia é, como se vê, das mais auspiciosas, porque põe em evidência o interesse crescente do público por assuntos de arte.

Presentemente, há ali expostos quadros de Heitor Pinho, Armando Viana, Jurandir Paes Leme, Armando Leite, Gastão Formenti, Georgina de Albuquerque, Manuel Constantino e Armando Ramos.

O MALHO

DURANTE O MÊS que passou, prosseguiram animadas as excursões de pintura ao ar livre, instituídas pela Sociedade Brasileira de Belas-Artes, sob a direção de José Maria de Almeida. O prêmio sorteado em Fevereiro, entre os mais assíduos frequentadores das "domingueiras" coube ao pintor Paulo Guimarães.

QUANDO ESTA REVISTA estiver circulando, já deverá estar inaugurado o Salão de Belas-Artes de São Paulo. Para interessar os artistas residentes no Rio de Janeiro, nesse Salão, aqui estiveram em viagem de cortezia e propaganda, o escultor J. B. Ferri, medalha de ouro do Salão N. de Belas-Artes, e o arquiteto J. M. das Neves. Dispondo de numerosas e excelentes amizades no nosso meio artístico, não foi difícil, aos dois embaixadores de São Paulo, conseguir o concurso dos artistas do Rio. Foi assim que quarenta e quatro pintores e escultores se inscreveram, enviando cento e dez trabalhos para o certame — o que representa uma bela manifestação de solidariedade e de camaradagem artística, que merece ser assinalada.

Musica

O CENTENARIO DE MASSENET... Aí está um nome universal: Massenet. Quem pensa em Massenet, pensa em *Manon*, em *Thais*, em *Werther*, etc., e pensa também que, si é possível se ser um músico feminino, Massenet o foi, na mais completa extensão da palavra. Foi feminino pelo predomínio que deu à mulher, em todas as suas óperas, e pelo caráter que deu a todas as suas partituras. Si o mundo não estivesse em crise, o centenário do nascimento de Massenet seria um pretexto para festas, por toda parte. Mas a guerra está aí ensanguentando a civilização. Até Maio, nada indica que ela possa estar terminada. Mas si a nossa situação não tiver piorado, faremos nós a nossa festa.

O célebre Mestre francês tem no Rio dois discípulos: Gina de Araujo e Francisco Braga. Ambos deverão tomar parte na homenagem que se está preparando, e que constará da inauguração de uma placa, no Teatro Municipal. Essa placa pertence, atualmente, à coleção Corbiniano Vilaça, e é uma "réplica" da que existe, também, em bronze, na Ópera Cômica, de Paris. Por ocasião da inauguração, o Dr. Carneiro de Mendonça fará uma conferência sobre a vida e a obra do Mestre e o Dr. Aluisio de Castro fará ler um poema que está escrevendo para o ato. A parte musical contará duas peças sinfônicas: a primeira, trabalhada sobre motivos das óperas de Massenet, por Francisco Braga; e a segunda, especialmente escrita por Gina de Araujo, em homenagem ao Mestre.

TEMPORADA OFICIAL... A presença do maestro Silvio Piérgile, em Nova York, à cata de elementos para preparar a temporada oficial do Teatro Municipal, de que está incumbido, foi de muita utilidade para os nossos interesses artísticos, não só neste ano, como nos que hão de vir. A temporada será inaugurada na primeira quinzena deste mês, com a Companhia Original de Bailados Russos, que acaba de realizar uma série de espetáculos triunfais, no Metropolitan, de Nova York.

Os jornais americanos consideram essa companhia maior e mais luxuosa do que as de Nijinski, Pawlova e Djaghiliev, criador genial desse gênero de espetáculos. De modo que, dentro de poucos dias, nossa platéia vai conhecer os mais sensacionais espetáculos coreográficos de todos os tempos.

DE VEZ EM QUANDO, nos chegam notícias do sucesso que vão fazendo no estrangeiro alguns artistas brasileiros, em excursão. Desta vez, de novo, vamos registrar o êxito alcançado pela cantora Elsie Houston, num concerto realizado no Town Hall, substituindo no programa a célebre Grace Moore.

Quem não conhece Elsie Houston, pensará que se trata de uma artista brasileira só porque aqui nasceu. Mas engana-se. Elsie é bem brasileira, inclusive no tipo, genuinamente tropical. A não ser que os ares americanos a tenham mudado, ela tem cabelos negros, olhos negros, pele moreno-quente, é viva, inteligente e irrequieta. Brilhou seguidamente nas nossas salas de concertos, sempre que se apresentava. Si se mantem na América, atende naturalmente a interesses e motivos pessoais,

CARMEN LUCIA, em "Evocação Incaica", que abrilhanta, habitualmente, os recitais de danças dos professores Pierre Michailowsky e Vera Grabinska.





respeitáveis. Mas continúa sendo brasileira, principalmente, ao repertório de canções brasileiras, que canta frequentemente.

REABRIRAM-SE as aulas de todos os estabelecimentos do ensino da música da nossa Capital. Isso quer dizer que as nossas atividades musicais foram reiniciadas, não só entre alunos, mas também entre professores e virtuosos. Não era sem tempo! Durante a estação há momentos em que muita gente se queixa de excesso de música. Mas sempre é preferível a abundância da temporada do que a miséria das férias...

AS ONDAS MUSICAIS constituem um amavel refugio para os apreciadores da boa música. Duas vezes por semana, depois do almoço, os que estão em casa têm onde repousar os ouvidos martirizados de tanto samba e de tanta música popular! Há sempre números de música sinfônica, em discos, executada por orquestras famosas e regidas por celebridades da batuta. Depois, solistas ou conjuntos de *camera*, que vivem ou que por aqui passam. E o grande, o imenso público do rádio, que aprecia a música de elite, passa uma hora deliciosa, graças às Ondas Musicais, que compreendem bem a necessidade de educar artisticamente o público.

Theatro

O TEATRO DE COMÉDIA está em atividade. Em Fevereiro último, tivemos a volta de Procopio. Março proporcionou-nos o reaparecimento de Jaime Costa, no Rival Teatro, à frente de sua companhia, que é uma das mais homogêneas que o público tem apreciado.

A temporada iniciou-se promissora-mente, o que já era de esperar, sabendo-se que ocuparia o cartaz o nome de R. Magalhães Junior, o vitorioso autor de "*Carlota Joaquina*". Sua nova comédia, a "*Família Lero-Lero*" ficará no repertório brasileiro. Nada lhe falta como observação, como estudo e como sátira.

É peça para muito tempo. Aliás, Jaime Costa anuncia várias novidades para o decorrer da temporada. São principalmente originais brasileiros —



PROCOPIO FERREIRA

que são os que mais interessam o ator e o público que lhe frequenta os espetáculos.

PROCOPIO reapareceu no Serrador. Para iniciar a temporada, preferiu o teatro clássico francês. E montou "*O burguês fidalgo*", de Molière. Espetáculo mais ou menos engraçado. Graça muito leve. Com momentos perfeitamente ingênuos. Teatro antigo. Uma vez por outra, resvala pela farça. Temos a impressão de que houve cortes em demasia. Os três atos duram pouco mais de uma hora. O resto são os intervalos. Pouco teatro, portanto. Por sorte, o protagonista foi Procopio, que nos deu um burguês engraçado. Sôzinho, valia o espetáculo. Os demais intérpretes, muito bem.

FÓRA DO EIXO — Ai está mais uma revista vitoriosa de Luiz Iglesias e Freire Junior, presentemente, uma das duplas mais famosas no gênero. Estamos diante de uma sucessão de quadros de caráter político, apreciando a situação européia, criada pela guerra. Por mais paradoxal que possa parecer, é essa guerra, com todos os seus horrores, que

proporciona aos autores tiradas magníficas. As pilherias se sucedem, de modo que o espetáculo decorre entre gargalhadas, tendo como figuras centrais os protagonistas mais em evidência na guerra.

O espetáculo serviu para estréia de uma atriz paulista de mérito: Mary Lincoln, que representa e canta com agrado. Margot Louro, a garota incomparável, reapareceu fulgurantemente ao lado de Oscarito, que é o maior responsável pelas gargalhadas da platéia. Também merecem citação Manuel Vieira, Armando Nascimento, Marchelli, Silva Filho, Pascoal Américo, Nena Napoli, Celia Mendes e Iracema Corrêa.

O público aplaude, ri, gosa e desabafa!

ESTÃO FUNCIONANDO as aulas de arte de representar, canto coral e bailados mantidas pelo Curso Prático do Serviço Nacional de Teatro.

O TEATRO REGINA foi ocupado pelo ator Raul Roulien e sua companhia. Como peça de estréia, foi levada "*Na pele do lobo*", ou seja a tradução de um original de Arniches e Estremera.

O conjunto do conhecido ator é composto de um grupo de artistas esforçados. A comédia escolhida porém, não é dessas que vencem com qualquer interpretação que se lhes dê, de modo que o espetáculo não é dos mais interessantes.

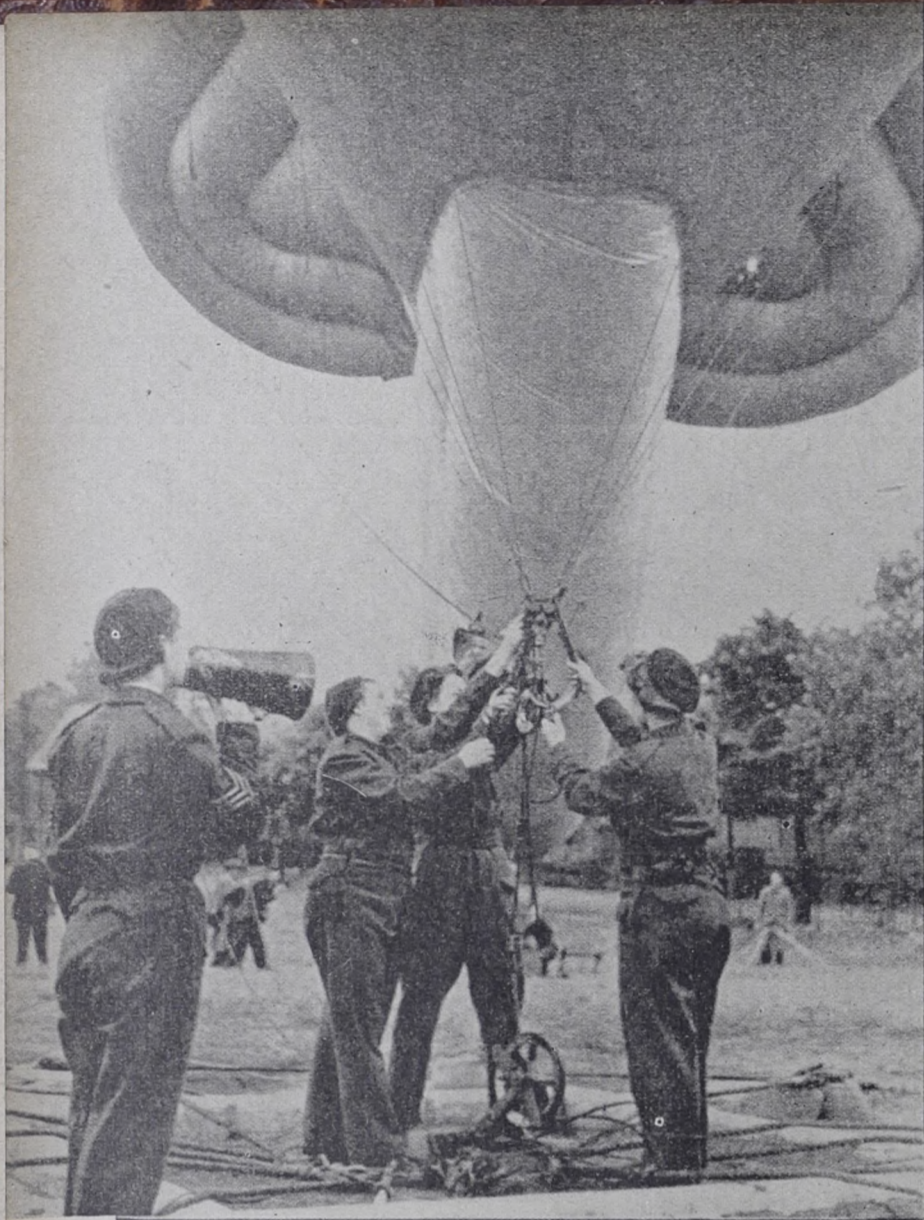
FOI APROVADO o plano para incentivo às atividades teatrais em 1942. O auxílio oficial, em dinheiro, destina-se à temporada de comédias de uma companhia oficializada e a iniciativas de caráter particular, e abrangerá teatro musicado, de ópera e de opereta, teatro de amadores, de estudantes e infantil.

A verba é de 1.100 contos, assim distribuídos: à comédia brasileira, 300 contos; iniciativas particulares, 520 contos; teatro musicado, 180 contos, e amadores 100 contos.

JAIIME COSTA



VISÕES DA GUERRA

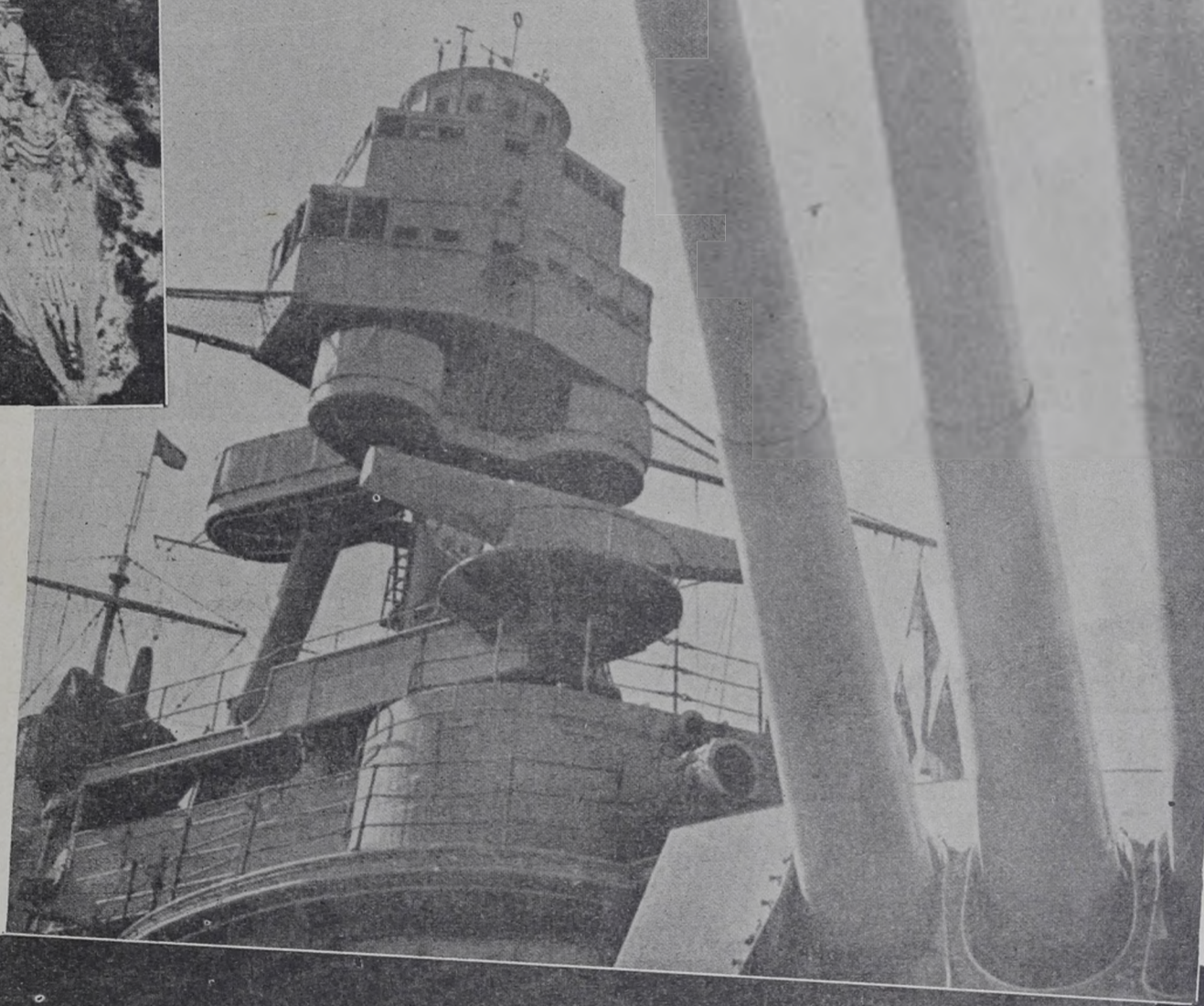
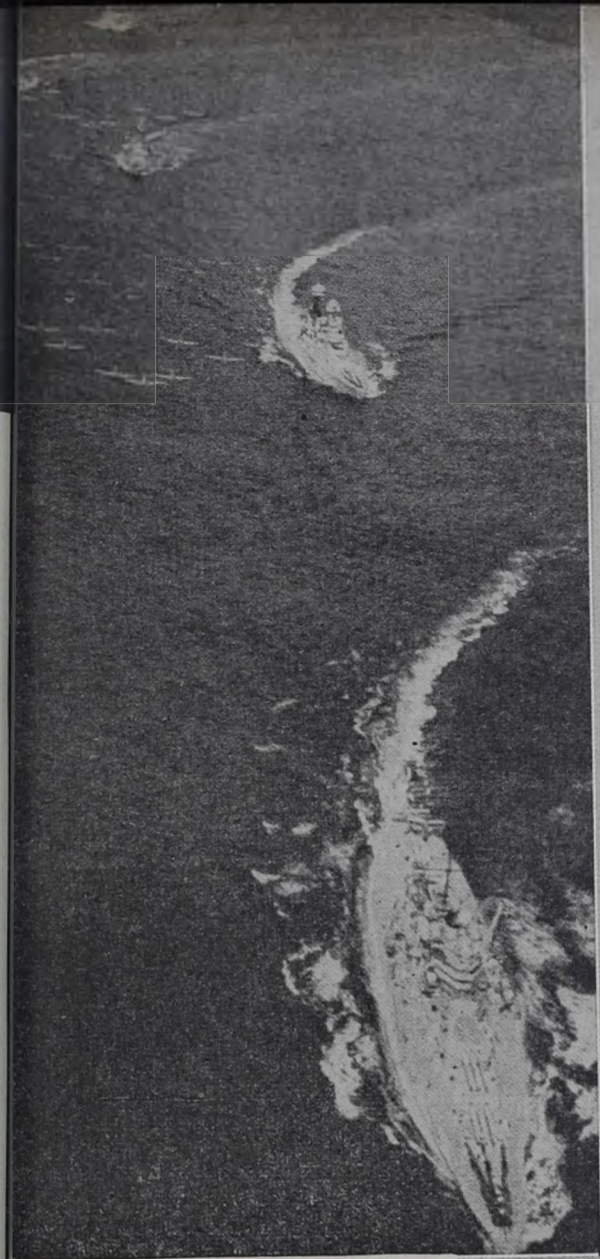


OS SERVIÇOS DA MULHER NA LUTA PELA LIBERDADE: — Em todos os países que lutam pela causa da liberdade as mulheres estão resoluta e eficazmente cooperando de modo direto para a vitória final. Não só nos complexos trabalhos dos arsenais de guerra como igualmente em diferentes encargos dos serviços auxiliares das tropas em operações. Na fotografia à esquerda vêem-se mulheres de uma formação britânica exercitando-se no manejo de balões de barragem anti-aerea, utilizados na defesa de pontos sensíveis do território.

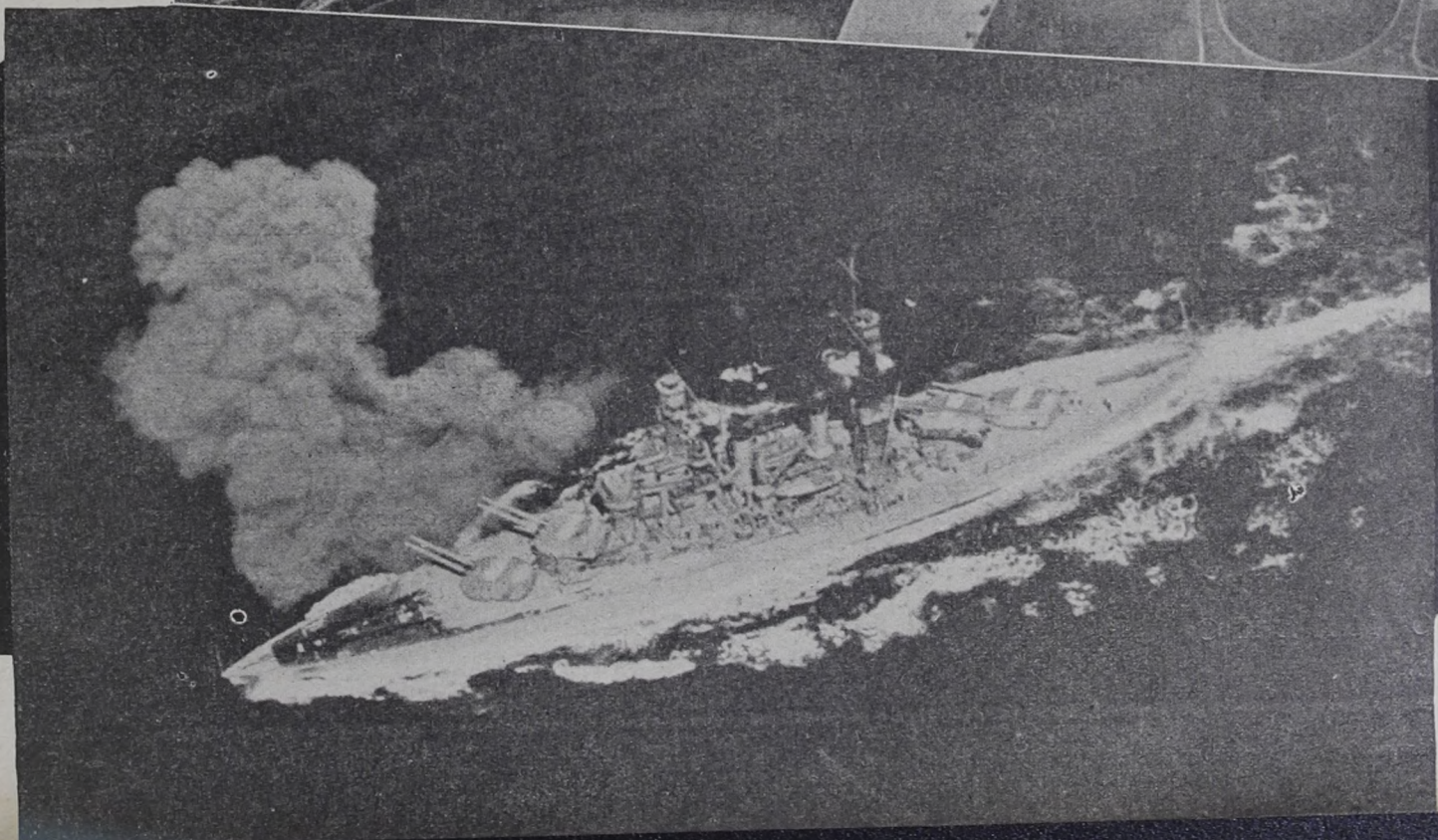
A INVASÃO DO CONTINENTE EUROPEU EM PREPARO: — Os responsáveis pela direção da guerra teem em várias ocasiões estudado a possibilidade do desencadeamento da invasão em grande escala das costas europeias controladas ou dominadas pelos exércitos de Hitler. Enquanto o

momento azado de grande investida não chega as tropas britânicas, de homens escolhidos, realizam e o m frequencia exercicios completos de desembarque. Na gravura em baixo vêem-se soldados ingleses em praticas dessa ordem e no canto direito um curioso mapa indicando as diversas rotas de invasão da Europa.





PODEROSA ESQUADRA DE TIO
I: — Do dia 7 de Dezembro — data
desleal ataque japonês a Pearl Har-
— até principios do mês passado
poderosa esquadra norte-americana
tem 188 unidades navais inimigas
Extremo Oriente ou seja mais de
navio japonês avariado ou afun-
o por dia! Hora a hora aumen-
no seu poderio e eficiencia a
a naval de Tio Sam deztina-se,
amente, a ser um dos maiores fa-
es da vitoria final da grande cau-
aliada. Nas fotografias desta pá-
a — inéditas ainda no Brasil —
nos aspectos dos admiraveis con-
cados da pátria de Washington.



A BAHIA E O SEU CULTO AO SENHOR DO BOMFIM



POR entre as trevas do eclipse moral, que o pecado produziu sobre a terra, debruçou-se a humanidade triste sobre os rios de Babilônia, aumentando com o curso de suas lágrimas, o curso dos rios do exílio. No eclipse, o sol não tem luz, o céu não tem estrelas, o mundo não tem caminhos, a vida não tem prazer. Desorientada na encruzilhada de dois caminhos, os olhos cheios de interrogação, o coração repleto de amarguras, a humanidade apalpando nas trevas do erro, suspirando nas agonias da morte, debatia-se no mais negro dos pesadelos. De todos os caminhos que lhe indicaram, não houve um só que levasse à porta dourada da felicidade. Tudo o que lhe prometeram, esboroou-se fragorosamente aos seus pés, pulverizando-se, num mundo de mentiras, tôdas as mentiras do mundo.

E tripudiando sobre os despojos das esperanças mortas, o império da morte, aniquilando todos os corpos no mundo, desgraçando tôdas as almas na eternidade.

Eis, porém, que se transforma a cena. Iluminado por um hálo de mansidão e serena misericórdia, trazendo nos olhos tôdas as promessas de Deus, e no coração tôdas as esmolas do céu, oferecendo os tesouros da sabedoria, as doçuras da misericórdia e do perdão, apresenta-se Jesus ao mundo desviado, para trazer à humanidade aquilo de que a humanidade precisava :

— “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”. —

Não pôde haver, porém, maior desilusão para o benfeitor, do que vê repelida pelo mendigo a mão misericordiosa que se estendia para socorrê-lo. E o mundo abriu desmesuradamente os olhos; e os anjos se estarreceram, diante do que contemplavam: o caminho foi abandonado, a verdade foi blasfemada, a vida foi crucificada!

— “*Veiu para os que eram Seus, e os Seus não O receberam*”. —

Nas angústias da hora presente, à humanidade, na crucifixão das dôres, aparece Senhor do Bomfim, nas dôres da crucifixão.

Das suas mãos traspassadas, do seu coração chagado, da sua fronte torturada, dos seus lábios amargurados, chegam até nós as palavras convincentes e categóricas :

— “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”. —

Em contraposição, porém, aos que abandonaram o seu caminho, blasfemaram a sua verdade, crucificaram a sua vida, nós havemos, hoje, de reconhecer e prometer: Ele é o caminho certo, nós o seguiremos; Ele é a verdade consoladora, nós lhe obedeceremos; Ele é a vida eterna, nós o reconheceremos.

Amado Jesus, Senhor do Bomfim,

nós estamos vencidos e convencidos de que Vós sois o caminho, a verdade e a vida.

Vós sois o caminho. Dirigi, portanto, a nossa Pátria, pelo caminho seguro da Paz e da Justiça, do Direito e da Liberdade.

Vós sois a Verdade. Neste momento, em que nos achamos prostrados aos Vossos pés, no cenário magnífico da Capital do nosso País, confortados pelo abraço verde da Serra do Mar, encantados pelo beijo azul da Guanabara esplendorosa, estão reunidos os homens de pensamento de um continente inteiro, as inteligências constelares das três Américas, afim de dizerem uma palavra em favor da liberdade, da democracia e dos direitos da personalidade humana, agredidos, pizados e postergados pela força brutal da violência e da opressão. Aos pró-homens das Américas, Senhor, iluminai, esclarecei, abri o Vosso Evangelho, palavra da Verdade Eterna, e “*dai-nos a graça divina da justiça e da concórdia*”.

Vós sois a vida. Das Vossas chagas sangrentas, do Vosso coração sagrado, chova o dilúvio do Vosso sangue sacrosanto sobre os Países em guerra, que apague as fomalhas do ódio, que refresque as chagas dos que se feriram e que console aqueles que ainda se finam de saudade, por aqueles que já se finaram pela Pátria.

Mas, dentre todos os lugares da terra, existe um que Vos é particularmente consagrado, e que hoje Vos saúda com um amor sempre novo. Nem é preciso que Vos diga o nome. Coroada pelas estrelas do céu, beijada pelas areias do mar, a *Bahia se debruça*, hoje, sobre a curva suave das suas colinas e das suas montanhas, para mandar o ósculo do seu coração ardente de amor, à beleza da nossa igreja branca de jasmim. Já se disse, Senhor, que, si o Brasil é o templo, a Bahia é o altar; e é aos pés do Vosso trono, que nós pedimos nos perdoeis a retificação: si o Brasil é o altar, a Bahia é o sacrário, onde sempre se conservou, e sempre se conservará imperecível, a Hóstia pura, santa, imaculada, do nosso amor eterno ao Senhor do Bomfim.

Que os nossos votos de hoje, Misericordiosíssimo Senhor, sejam sintetizados numa prece ardente: — *que nos dias da nossa vida, sejamos sempre atraídos para a GLÓRIA DO BOMFIM; — e que na hora da nossa morte sejamos transportados, para o BOMFIM DA GLÓRIA!*

Cônego FRANCISCO CURVELLO.

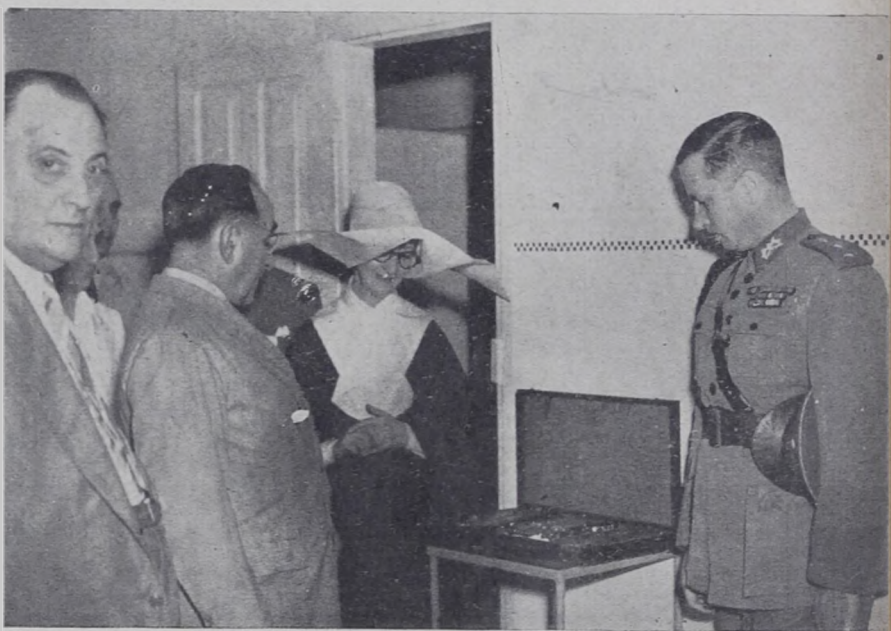
(Sermão proferido na festa do Senhor do Bomfim, na Bahia)



Flagrante da cerimonia de encomendação do corpo do Dr. Arno Konder, que desempenhava as funções de Ministro do nosso país junto ao governo dos Estados Unidos, tendo ali falecido. Os restos mortais do ilustre diplomata foram transportados para esta capital, onde receberam sepultamento.



Foi investido nas funções de comandante da Fortaleza de São João o Tenente Coronel Afonso de Carvalho, tendo comparecido ao ato o General Sebastião Rego Barros, diretor da Artilharia de Costa que passou em revista a guarnição daquela praça de guerra. A fotografia é um flagrante dessa cerimonia.



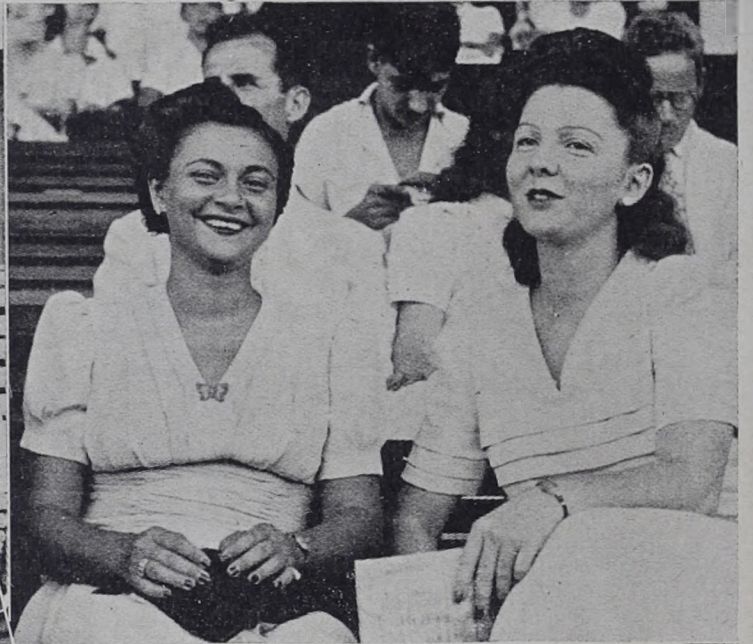
O Presidente Getúlio Vargas realizou uma visita à Casa da Providencia, em Petrópolis, onde se abrigam cerca de 52 crianças aos cuidados das irmãs de caridade da comunidade de São Vicente de Paula. O Chefe de Nação percorreu demoradamente todas as dependencias daquele estabelecimento, em companhia de seu ajudante de ordens, o capitão Manoel dos Anjos.

DO MÊS QUE PASSOU

Em benefício da Sociedade Petropolitana de Assistência aos Lazáros, e sob o patrocínio da Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, realizou-se um jantar dansante na linda cidade serrana, a que compareceram elementos da melhor sociedade do Rio e de Petrópolis, cobrindo de êxito aquela louvável iniciativa.

Grupo feito no Copacabana Palace Hotel, quando o autor e produtor cinematográfico Orson Welles, palestrava animadamente com Jacaré, o bravo jangadeiro cearense, que fez o "raid" Fortaleza-Rio de Janeiro em uma jangada. Jacaré foi com Orson Welles para o Ceará, afim de realizar a filmagem de uma película sobre a vida daqueles intrepidos homens do mar.





JOCKEY CLUB SOCIAL

○ Hipódromo da Gávea continúa a ser o ponto preferido pela sociedade carioca para suas reuniões elegantes. Aqui vemos alguns flagrantes colhidos nas corridas de domingo último.





A DESCIDA DA CRUZ
Têla de Souza Carneiro

TRES MEDALHÕES DE ISIDOR KONTI



Ilustração



A Paz



A Lei

ENTRE as preciosidades artísticas que ornaram o vestibulo do edificio da União Pan-americana, em Washington, destacam-se tres medalhões de autoria do célebre escultor Isidor Konti representando "A Ilustração", "A Lei" e "A Paz", realizados em bronze dourado e que aqui se vêem reproduzidos, como jóias que são, devidas ao buril privilegiado desse grande artista.

Konti é autor de "Genius of Immortality" adquirido pelo Metropolitan Museum que lhe deu a celebridade que tem hoje em todo o mundo.



ENCANTAMENTO

ODETTE BARCELOS

Que é amor, eu bem sei, esta saudade,
Esta doce alegria que entenece,
Este prazer na dor, esta ansiedade,
Esta tristeza amarga que endoidece...

Longo suspiro, esta intranquilidade.
A viva chama que minha alma aquece,
Esta magua, esta pena que me invade,
Este egoísmo que só me entristece...

Esta imensa vontade de viver,
Esta grande alegria de chorar,
E esta dôr impossível de esconder.

Numa vida de engano e de surpresa.
Esta indolência que me faz cismar
Num profundo desejo de pureza...



DESENHOS DE
FRAGUSTO



SÚPLICA

NINI MIRANDA

Volta de novo minha felicidade!...
Vem fazer outra vez que eu compreenda
A beleza suprema do Universo!
Tudo vai longe no distanciar das horas...
O vento, a água, o inseto, a rosa,
Cantavam uma canção de amor aos meus ouvidos...
O meu pisar era leve, era ligeiro...
E os caminhos se aclaravam lindos
Iluminados das minhas alegrias...
Hoje sou o peregrino sem destino...
Sentindo o peso fatal das amarguras
Com a alma envolta em nuvens escuras...
E trago amortalhado dentro de mim mesma
O cadaver que me asfixia
Do meu amor que foi uma ilusão...
Volta de novo minha felicidade!...

O LIVRO ANTES DA IMPRENSA

MORNET DELBET



Estatua de Gutenberg, na praça de Strasburgo.

A arte de multiplicar rapidamente as copias do mesmo livro, e por conseguinte de tornar acessíveis a todos as produções da inteligência e do pensamento, foi descoberta e praticada em meados do século XV. Não é possível descobrir em nenhuma época anterior a origem deste invento imortal, porque os chineses e outros povos da Europa, a quem pretendem atribuí-lo, não souberam nunca outros meios de reprodução senão os que servem para obter estampas tipografadas, isto é, produzidas por pranchetas de madeiras gravadas. A mobilidade e fundibilidade dos tipos são a base da imprensa. Ora, só em meados do século XV, cerca de 1450, isto é, quarenta anos antes da descoberta da América (1492), é que se imaginaram tipos moveis e sua fundição.

Antes do século XV a imprensa era desconhecida; só se usavam manuscritos; e eis como se executavam estes manuscritos que, em número mui diminuto, formavam a biblioteca das universidades, conventos e castelos. O livreiro, que era um homem versado em tôdas as ciências, entregava ao copiadore o manuscrito que queria reproduzir. O pergaminheiro preparava as peles ma-

cias, luzidias e polidas em que o escrevente executava o seu trabalho. O artista aformoseava as páginas do manuscrito com pinturas e dourados. O encadernador reunia as fôlhas do livro, o qual, já concluído, voltava para o poder do livreiro. A vista das muitas operações por que um livro passava, compreende-se que nessa época fosse considerado como objeto raro e precioso. Costumava se encerra-lo em uma caixa suntuosamente esculpida ou prende-lo com uma cadeia à estante de leitura. Muitos destes manuscritos custavam mais de 100\$000 réis. Mas por fim foram-se tornando cada vez menos úteis porque os copiadore multiplicavam, por tal fôrma, as abreviaturas, que aos próprios sábios custava muitas vezes decifra-las.

Como no começo do século XV se generalisasse cada vez mais o gosto pela instrução, e o preço exorbitante dos manuscritos pozesse obstáculos quase insuperavel à sua satisfação, lembrou-se alguem de gravar em uma prancheta de madeira mapas geográficos, figuras de santos, etc., que se acompanhavam duma

breve legenda explicativa. Dava-se nestas pranchetas uma tinta oleosa e aplicavam-se sôbre elas fôlhas de pergamino ou papel, para as quais se transportavam, por meio da pressão, os sinais gravados na madeira. A extensão da legenda assim gravada foi crescendo pouco a pouco; por fim chegaram-se a reproduzir, por este meio, páginas inteiras. Nos começos do século XV publicou-se uma Bíblia dos pobres impressa por este processo. Este modo primitivo de impressão tabular foi, segundo dizem, conhecido dos chineses desde o século XIII da nossa era. Mas não podem estas simples pranchetas de madeira gravada ser consideradas como preludio da imprensa, porque esta tem por base essencial a mobilidade dos tipos. Foi na primeira metade do século XV, que Lourenço Coster, artista holandês inventou em Harlem o processo de impressão com tipos feitos de metal fundido em um molde. Este processo foi depois aperfeiçoado admiravelmente por Gutenberg.

A prensa movida a braço, hoje uma curiosidade histórica diante das poderosas rotativas



A AUSTRALIA

Integrando o chamado Novíssimo Continente, de que é o núcleo principal, a Austrália faz parte do "Commonwealth" ou comunidade de nações que formam o Império britânico, e como tal é um dos objetivos vi-

sados pelos japoneses, que lutam nas suas imediações. A capital da Austrália é Canberra. Sua população é de 8 milhões de habitantes.

(MAPA DE ROBERT)





De súbito, Mr. Smithson saltou da cadeira e exclamou:
— Por Deus!
— O que há? — perguntou Morley, aproximando-se.

A PÓS uma ausência de poucos dias, Cristovão Race, o detetive-chauffeur, voltava a Londres. Achou logo entre seus papeis um telegrama que o intrigou.

— Venha imediatamente com seu carro para desvendar o mistério de Wood-House. Pagaremos sua excursão. Sydney Chester. Wood-House — New Forest”.

O telegrama estava atrasado. Por sua vez, ele telegrafou: “Voltando hoje, encontrei telegrama. Será tempo ainda?”

A resposta veio em seguida:

— Sim. Urgência. Para Sand-Boy e Ovol, Ruighurst. Diga a hora de sua chegada. Chester”.

Cristovão respondeu: “As 7 horas”.

Com sua célebre máquina O Corredor Escarlate, chegou em pouco tempo ao hotelzinho de Sand-Boy e Ovol.

Recebeu-o um cocheiro à porta.

— Espero o sr. Chester — disse Cristovão Race — Onde posso falar-lhe?

— A pessoa que o sr. espera já chegou. Entre no meu salão.

E tomou um ar misterioso.

Cristovão, que o acompanhara, parou chocado à entrada do aposento. A “pessoa” não era homem — era uma moça, bonita, loura, vestida com roupa de montaria. Mas, extremamente pálida. Efeito da lampada, talvez...

— Perdão — disse Cristovão — Venho de Londres. O sr. Chester devia me esperar aqui, e...

— Sou Sydney Chester, e fui eu quem lhe telegrafou. Sydney é também nome de mulher. Mas, sente-se. Vou explicar-lhe as cousas extraordinárias que me fizeram procurá-lo. (Fez uma pausa). Sem dúvida, conhece Wood-House e sua estranha aventura, não?

E a um sinal negativo, continuou:

— Não? Pois bem. Wood-House é uma bela e antiga mansão. Igualmente famosa no condado. Mas, vou explicar melhor.

— Devo dizer-lhe que somos muito pobres. E também que estou noiva. Meu noivo partiu para procurar fortuna no Colorado. Então resolvi trabalhar para auxiliá-lo. E tive a idéia de transformar Wood-House em hotel.

Sabendo que os americanos gostavam de antiguidades, preparei nossa velha mansão para receber turistas. Fui compensada com êxito. Mas, não era senão um sonho, e agora é a ruína completa. Temos viajantes por um ou dois dias. Durante sua última refeição, todas suas joias, todos os valores que trazem desaparecem! Durante o jantar, sem que se descubra o ladrão!

— A sra. tem vasta criadagem, não? Talvez...

— Foi nosso primeiro pensamento. Mas, só si se tratasse dum feiticeiro, é que poderia tirar os anéis dos dedos, subtrair os broches, desprender os cintos, arrancar os botões dos peitos das camisas, sem o roubado perceber!

O LADRÃO INVISÍVEL

Novela de WILLIAMSON

— Quantos criados tomou?

— Temos três criadas: uma velha e duas moças, chegadas de Londres, dois garçons novos, um dispenseiro, um antigo ajudante de cozinha, e é tudo. Estão há 2 meses, e só há 2 semanas começou a história.

— Ainda tem hospedes?

— Sim, e todos sabem dos fatos. Pensam que se trata de hábil réclame. E todos são também vítimas da sua imprudência.

— E a sra. e sua mãe não foram roubadas?

— Não. Não temos grandes joias, e o dinheiro que recebemos, depositamo-lo no banco. Na baixéla não tocaram. Mas, nossos primos foram roubados. E em joias antigas que estimavam muito.

— Então, as joias só desaparecem durante as refeições?

— Sempre. E em três peças somente: a grande sala de jantar, e duas outras pequenas que transformamos em saletas particulares.

— Exquisito! A sra. diz que muitas pessoas jantam ao mesmo tempo, e que todos são roubados sem nenhuma notar nada de anormal?

— Sim.

— Ninguém é roubado durante a noite?

— Ninguém.

— Seus hospedes demoram muito tempo?

— Alguns somente vêm de passagem. Outros, por méra curiosidade.

— Nunca teve um hospede que ficasse mais de uma semana?

— Sim — respondeu a moça, constrangida. Um rapaz.

— Desde há quanto tempo está ele em sua casa?

— Há várias semanas. E' um pintor. Está no Quarto do Rei. Onde Carlos II se escondeu. Possui o quarto uma escada secreta.

— Desde há quantas semanas veio ele?

— Duas ou três...

E a moça corou.

— Leio seu pensamento. Porém não há relação entre ele e o mistério. E' Walter Raven, meu noivo. Quando lhe escrevi sobre o que pretendia fazer, ficou tão perturbado que entregou o rancho a um sócio, e regressou.

— Não experimentou ele esclarecer o mistério?

— Sim; por todos os meios.

— E sabe que a sra. me chamou?

— Não. Não lh'o quis dizer. Tem mais algumas perguntas a fazer-me?

— Sim. Quais são os criados que atendem à mesa?

— Nelson, o dispenseiro e um dos garçons, na sala de jantar.

— Na sala de jantar só estão eles e os hospedes?

— Depois do mistério, Morley, a mulher e eu permanecemos também aí para os vigiar.

— De modo que os roubos se dão absolutamente sob os seus olhos?

— Sim: é o lado misterioso do assunto. Por si mesmo, o sr. verá.

Mas, nada traga consigo. Eles roubarão...

— Não creio que tal cousa me aconteça.

— Os outros disseram a mesma tolice. E lamentaram-no.

Cristovão sorriu.

— Bem. O interrogatório terminou. Tenha confiança. Deslindaremos tudo. — E separaram-se.

Como era tarde, convieram que jantariam na estalagem, e não se apresentariam em Wood-House sinão às 9 horas.

Pouco depois, refletindo, Cristovão notava a coincidência da chegada de Walter Raven em Wood-House, com o começo do mistério. Nitidamente, o noivo lhe surgia ao espírito como figura central da trama.

No seu auto, aportou depressa a Wood-House.

Seu nome foi anunciado, e um rapaz de boa presença veio apresentar-lhe boas-vindas. Ao fundo da sala de jantar, Sydney Chester conversava com uma senhora de idade, sua mãe, certamente, e com uma moça baixinha e bonita, de ar tímido e reservado. Perto dela, estava um belo rapaz com atitudes de soldado e de têz bronzada. Havia outros grupos.

— Falo com o célebre Mr. Rache?

— Célebre é muita amabilidade — disse Cristovão. Algumas aventurasinhas que aumentaram em demasia!

NENHUMA das pessoas presentes fora roubada, mas todos sabiam as histórias dos outros.

— Nada aconteceu a mim — disse um rico cervejeiro, Henrique Smithson, — e parto amanhã, entretanto, depois do jantar.

— Suponho que vai entregar seu refúgio e seu dinheiro ao chauffeur, antes da refeição começar, não? — perguntou uma moça americana rindo.

— De modo algum! — respondeu decidido Smithson. — Não creio nessas tolices. Vou mostrar a todos o que trago agora comigo, antes de entrar na sala de jantar, e veremos! E exibiu as jóias e o dinheiro.

Cristovão comeu bem, mas, no fim do jantar, estava cansado — o aroma da madeira antiga o incomodava um pouco.

De súbito, Mr. Smithson saltou da cadeira gritando:

— Por Deus!

— Que há? — perguntou Morley aproximando-se.

— Tudo desapareceu — gritou a americana — o relógio, a corrente, o anel, o alfinete...

— E o dinheiro — terminou Smithson.

— Sinto imenso — disse Chester — mas porque não seguiu nossos conselhos? Nós o prevenimos...

— Oh, com os diabos! é que sou o responsável! Esta casa está enfeitada — fez o americano, com um riso amarelo.

Procuraram, em vão, ao seu redor, os valores roubados, e Mr. Smithsen se retirou mais calmo.

Outras aventuras como esta se reproduziram depois. Cristovão não sabia mais o que pensar.

Por seu lado, desde que chegara, tinha sempre dores de cabeça, sonolência, sonhos estranhos, um mal-estar geral. Não tinha apetite. Sir Walter Raven e todos os criados da casa apresentavam uma cor pálida, em extremo.

Durante a noite, Cristovão tinha frequentemente bruscos despertares e lhe parecia ouvir um ruído nos "panneaux" de seu quarto.

Certa vez, pensando nisso, já acordado, ouviu também rumores. Dir-se-iam passos sobre uma táboa, atrás das paredes.

Intrigado, no dia seguinte resolveu perguntar quem dormia no quarto contíguo ao seu.

— Sir Walter Raven — respondeu-lhe a criada.

— Ah! fez Cristovão, admirado de ainda não ter pensado nisso.

Passando depois por esse mesmo quarto, como a porta estivesse entreaberta, olhou para dentro. Ficava entre os dois aposentos uma divisão média.

Desceu ao jardim e pôs-se a investigar.

— Walter Raven deve ter, entre seu quarto e o meu, algum esconderijo, talvez — pensou ele.

Tornou a subir. Mas, por mais que examinasse, não encontrou portas secretas. Entrou em sua alcova, bateu na boiserie (parede) e verificou que dava um som ôco.

— Talvez eu pudesse serrar um pedaço e olhar pelo buraco — pensou.

E resolveu serrar a parede disfarçada pela cortina de sua cama.

À tardinha, saiu para comprar um serrote e uma lanterna pequena.

Regressando, encontrou Walter Raven e a noiva. Ardia em desejo de esclarecer o mistério a seu respeito e saber si era ou não inocente.

Como Raven lhe dissesse que pretendia partir no dia seguinte, resolveu experimentar nessa mesma noite.

Vestiu-se para o jantar, apanhou o relógio, meteu-o no bolso, e decidiu também pôr os botões de camisa, para tentar o mistério.

Convidou para sua mesa Walter Raven. Tudo corria bem; comiam e palestravam, quando, de repente, o rapaz exclamou, corado:

— Por Deus! Não trazia o sr. abotoaduras na camisa?

Cristovão levou imediatamente a mão à camisa. A experiência lhe custara suas duas pérolas. E também as abotoaduras dos punhos e o relógio.

— Que golpe, — disse apenas.

— Chame Morley — aconselhou Raven.

— Não gosto de chamar a atenção — repeliu ele.

Pode assim terminar a refeição, sem ser alvo da curiosidade geral.

Subiu depois para o quarto, fechou a porta à chave e pôs-se à obra.

Começou a serrar sem rumor a parede atrás da cama. Cousa estranha — a madeira dessa parede não tinha o aroma penetrante do refectório!

Quando conseguiu praticar uma abertura, fez penetrar por ela a luz da lanterna. Era um espaço com boa altura. Passou a cabeça e os ombros pelo buraco da parede. Não viu porta alguma do outro lado, entretanto. Por aí é que se ouviam os passos do visitante noturno.

Conseguiu depois passar para o outro lado.

Ao fundo, via-se uma pilha de caixas de madeira branca. Levantou uma das tampas: a caixa estava completamente cheia de joias.

Satisfeito de sua obra, Cristovão resolveu então esperar o "fantasma", que não tardaria.

Alguem subia. Eram passos cautelosos. Depois, devagarinho, surgiu u'a mão de mulher.

Rápido como o pensamento, Cristovão segurou-a, projetando com sua outra mão a luz da lanterna sobre ela.

Cristovão puxou com força. O fantasma caiu e ele se achou face a face com a sra. Morley Chester.

— Deixe-me, deixe-me, por piedade! — suplicou ela.

— Não. Vou segurá-la bem. E si não dissér tudo, dou o alarme, chamo a polícia e mando prendê-la com seu marido.

— Não! Meu marido, não! — balbuciou — meu marido nada fez: fui eu!

— Sem êle, a sra. não poderia organizar tudo isto. Sou detetive, e há quinze dias que espero para agarrá-la. Confesse, ou se arrependerá.

— E si eu confessar, que fará o senhor?

— Restituirei o conteúdo das caixas a seus donos, mas prometo facilitar-lhe a fuga com seu marido.

— Sim, direi tudo. Saiba então que Morley devia ser o herdeiro de tudo isto, si houvesse justiça. Si Miss Sydney e a mãe se retirassem, ficaria com a casa e a fortuna. Quando a sra. Chester resolveu transformar a casa em hotel, êle se ofereceu para auxiliá-la, tendo em vista um plano.

Meu sogro, que morreu quando Morley era menino, era por sua vez professor de química. Quando esteve na Pérsia, descobriu que se podia extrair de certa planta um produto que tornaria as pessoas inconscientes; essa ação entorpecente não obstava, entretanto, que as pessoas adormecidas continuassem de pé, ou a segurar os objetos que tinham nas mãos; quando despertassem, não se lembrariam do que tivesse acontecido.

Essa substância foi chamada arenofórmio; e podia adormecer tôdas as pessoas numa sala, simplesmente por meio dum pouco de vapor fluando no ar.

O pai de Morley, ao falecer, deixou algumas garrafas do produto ao filho.

Morley, de posse delas, resolveu vir aqui. Experimentou-a em cães, com bons resultados.

Depois... entre a sala de jantar e as outras, há uma que servia a Sydney como gabinete particular. Instalado lá, perfurou as paredes e, com o auxílio de um vaporizador, posso

mandar uma grande quantidade de gás de arenofórmio para a sala de jantar, e adormecer os hóspedes. Como o cheiro do arenofórmio é igual ao de madeira antiga, o mais fino detetive jamais desconfiaria.

Meu marido ficava sempre por trás dum biombo, de maneira a evitar a influência. E então, nada mais fácil do que tirar de toda essa gente adormecida o que se quizesse.

Pouco a pouco, a terrível substância nos minava a saúde, mas esperávamos o resultado. O hotel desmoralizado, Miss Chester e a mãe iriam embora e seríamos compensados de nossas lutas. Em todo o caso, si não ficassemos com a casa, teríamos as joias.

Morley descobriu uma passagem para cá. Não é a única saída secreta da casa, mas é a única que Sydney desconhece. Por isso a escolhemos, para ocultar os valores. Sempre venho eu, porque sou leve, e não faço estalar os degraus, como êle, Morley.

Agora já lhe disse tudo. Si tiver o senso da justiça, verá que Morley não é ceñsuravel, pois foi despojado da herança.

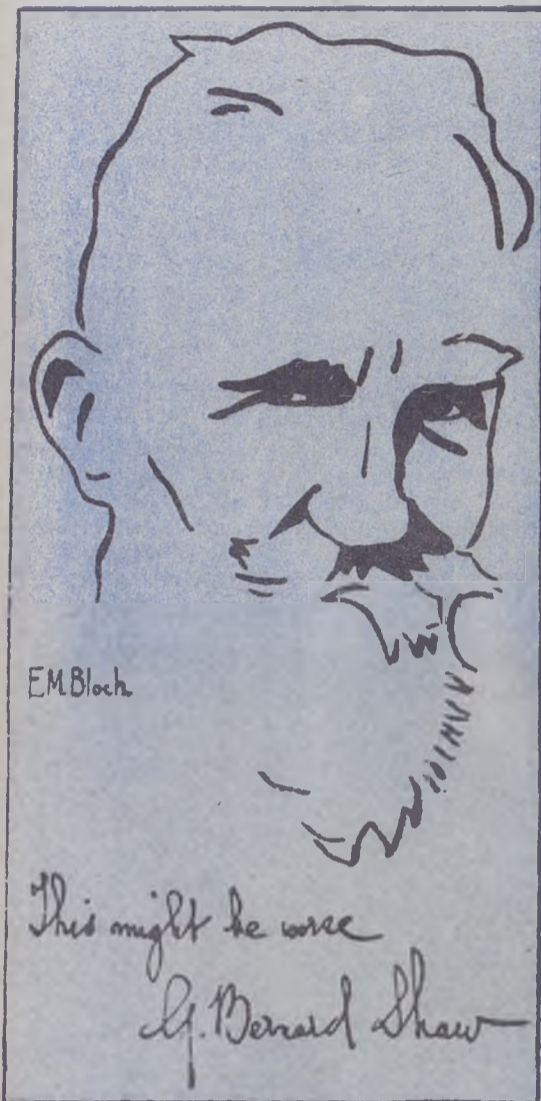
Já lhe disse tudo, mas não esqueça sua promessa — disse a mulher com um tremor de medo.

Antes da aurora, o sr. e a sra. Morley Chester tinham deixado Wood House para sempre.



Rápido como o pensamento Cristovão segurou-a, projetando com sua outra mão a luz da lanterna para ela...

A MAIS PRECIOSA COLEÇÃO DE AUTOGRAFOS



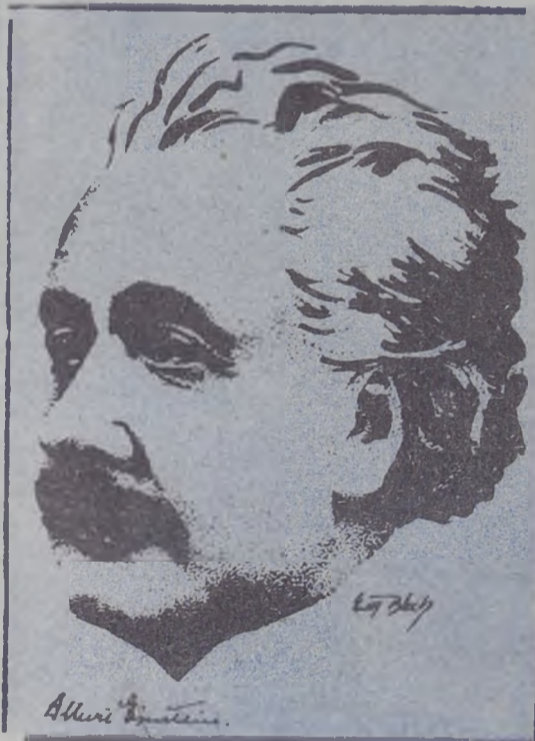
Bernard Shaw, Albert Einstein e Carol da Rumania, feitos por Bloch e devidamente autografados.

FOI Ruy Barbosa quem, referindo-se há 30 anos, à moda, então florescente, de se colecionar autografos, qualificou-a de "mania que hoje flagela a humanidade".

Essa mania, ao contrário de tantas outras, com o evoluir dos tempos, em vez de desaparecer, apesar da pressão de tôdas as críticas, evoluiu também. E, nessa evolução, adquiriu novas formas, novos aspectos, embora no fundo continuasse a mesma.

Uma dessas formas novas foi idealizado pelo estudante da Universidade de Nova York, Maurice Bloch, há sete anos, e constou simplesmente do seguinte: ótimo desenhista, com grande aptidão para a caricatura e o retrato, Bloch se dispôs a retratar todos os homens importantes do mundo, e então enviava aos retratados seus curiosos trabalhos, pedindo-lhes que os autografasse e devolvesse para sua coleção.

Maurice Bloch possui hoje mais de cem desses preciosos retratos e alguns são os que aparecem



nesta página, com os autografos respectivos.

Nessa surpreendente galeria de retratos figuram efigies celebres como David Lloyd George, Fritz Kreisler, Toscanini, Paderewski, Wells, Kipling, Rachmaninof e outros.

Certo, o curioso colecionador recebeu algumas recusas, e entre os que lhe negaram o autografo pedido figuram o ex-Kaiser, Mussolini, Lindbergh, mas em com-



Este retrato do Negus, andou atrás dele por tôda a Europa, até encontrá-lo para receber o seu autografo.

pensação o ex-presidente Charles E. Hughes lhe enviou o autografo, 18 horas depois, batendo o record de delicadeza e de velocidade.

O famoso pianista Hoffman imprimiu num dos seus programas de concerto o retrato de autoria de Bloch e o grande Bernard Shaw, além da assinatura, escreveu um malicioso cumprimento ao colecionador original.



JESUS



NASCE Jesus no Oriente, de onde já saíra Budha.

Um para o extase, para a mansuetude do Nirvana. Outro para o grande martírio e para a indefinível resignação.

Origina-se o primeiro da tribo dos Cakyas e era príncipe. O segundo, descende de David e é Rei. Veio de um estabulo.

Sorriu à estrêla que guiou os Magos a Belém.

Ele não será o violento taumaturgo de Renan, mas o Messias dos Evangelhos.

Em redor do berço humilde, José — o carpinteiro glorioso — ora a Deus. Maria inclina a cabeça e beija o "Fruto".

Um beijo porém — deste o contraste — venderá o Rabino, no Jardim das Oliveiras.

Beijo de Mál.

Beijo de Judas.

Benção e sacrilegio.

Um tem a pureza da Virgindade imaculada.

Outro, o azinhavre das trinta moedas de Tiberio, prateando a traição. A vara de cana igual aquéla, que ali se acha, proxima à manjedoura, mais tarde sustará a esponja ensopada de vinagre, posta nos labios do Cristo, pela quadrilha de Cesar. No pretorio, depois do espetaculo de sua covardia, dizendo do trono à plebe rebelada:

— "Ecce Homo"...

Prostram-se os pastores em preces diante do Menino.

Sucedem-se os canticos, cujas melodias parecem refletir a exultação da natureza.

Maria passa os dedos de ternura na fronte do Filho, perfumada pela mirra.

Tecem-se os fios do tempo, e os hombros do Homem Divino, cedem ao peso das mãos espalmadas de Cornelius — o centurião, combatente nas Galias e na Germania.

No berço, ou na cruz, nem uma queixa do Nazareno.

Seu perfil guarda, sempre, a meiguice.

Da casa de Loreto ao Gethsemani.

Da ceia do Cenaculo ao indulto de Barrabás. Do milagre de Lazaro à flagelação. De Cafarnaum ao Golgotha...

Gaspar enche de agua uma taça e mitiga a sêde da longa caminhada.

Em taça semelhante, mais de seis lustros decorridos, Jesus, dentro do rito mosaico, transformará o vinho em seu sangue.

Belchior contempla os braços do Eleito, os mesmos braços depois estendidos no madeiro do Calvario, entre insultos e desvarios, alvoroços, zombarias, desafios pusilânicos da soldadesca romana. Entrementes, o céu deixara de sorrir, sem um astro e sem azul.

Traído pelo discípulo.

Negado pelo amigo.

Réu de morte no julgamento cruel de Anaz e Caiphaz.

O Mestre observa a realidade das escrituras dos profetas.

Aquece o estabulo a luz da fé.

Balthazar comenta com voz suave: — Ele tem doçura nas faces e misericórdia na alma. Rolam três decadas, e do alto do lenho, martirisado açoitado, coroado de espinhos, ouvindo blasfemias, recusando o calice de fel, Cristo movimenta os labios e perdôa:

— "Pai, perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem".

Um aroma perpetuo de incenso envolve toda Judéia, a Asia toda.

Herodes agoniza em Jericó.

Caem os deuses do paganismo.

Desaparecem as raizes das casas augustas.

Cristo, entretanto, conquista os horizontes, os corações, as consciências, as patrias, os séculos.

Natal. Ha fremitos de musica celeste aliviando sofrimentos da terra.

Na propria Europa sangrenta, os orfãos da hecatombe, à noite evangelica de Dezembro, teem seus polichinelos: soldadinhos de chumbo, aviões, cruzadores e tanks de brinquedos.

Risadas da innocencia nos lares enlutados.

Nas mesas da Polonia o feno salpica as toalhas, em memoria do estabulo.

O pão azimo é dividido, entre saudações, pela infancia da Tcheco, da Finlandia, da Austria, da Grecia. Os meninos de França, da Inglaterra, Italia e Alemanha, cantam, carregando uma enorme estrêla de papéis, em varias côres.

Natal.

Ante manhã — "de mugidos e hosanas" — em que Jesus começou o verdadeiro imperio, invencível, eterno, com a doutrina do Bem, da Ciencia, da Justiça e da Felicidade Cristãs.

ALEXANDRE LOPES BITTENCOURT

RIA SE QUIZER...



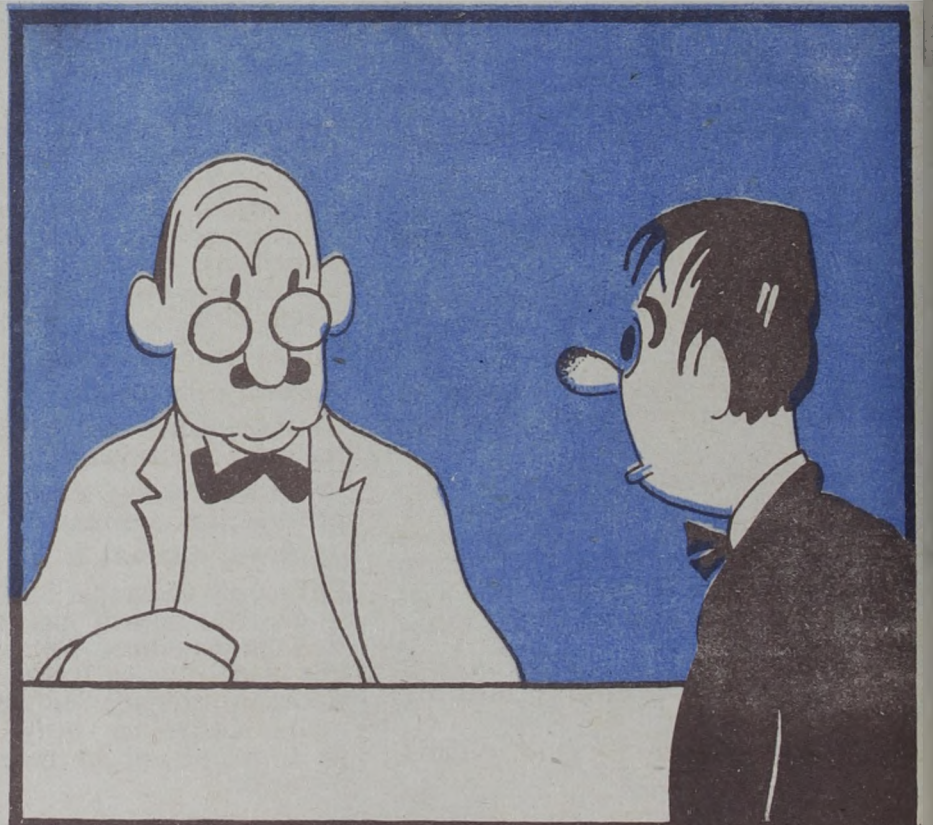
— ENTÃO, DOUTOR, TEVE SORTE COM SEU PRIMEIRO DOENTE?
— UMA SORTE ÚNICA! ELE ANTES DE MORRER, PAGOU-ME A CONTA.



— VOCÊ SOFRE DE INSONIA? E QUE FAZ PARA LUTAR CONTRA ELA.
— BEBO UM COPO DE "WISKEY" DE HORA EM HORA.
— E COM ISSO CONSEGUE DORMIR?
— SIM, DE DIA...



— CAVALHEIRO A SUA PASSAGEM NÃO DÁ DIREITO A VIAJAR NO TREM RÁPIDO.
— E EU TENHO CULPA DE QUE O TREM NÃO CAMINHE MAIS DEVAGAR?



— PATRÃO, QUERO UM AUMENTO DE ORDENADO; GANHO POUCO E TRABALHO POR TRÊS.
— POIS BEM. DIGA-ME QUAIS SÃO OS OUTROS DOIS PORQUE VOU DESPEDI-LOS IMEDIATAMENTE.



De Cinema

BONITA Granville era aque'la menina má, que apareceu em "Infamia", a primeira peça de Lillian Heilman, que Samuel Goldwyn filmou, há anos, e onde a garota fazia um personagem tão odioso quanto o de Bette Davis em "Perfida". Mas isso foi ontem. Hoje, Bonita é uma pequena bonita mesmo, que começou uma nova carreira, como "estrêla", no novo filme de William Dieterle, "Syncopation", ao lado de Jackie Cooper, outro antigo garoto-prodígio, agora galã, e que por sinal vai casar com Bonita Granville na vida real, também...

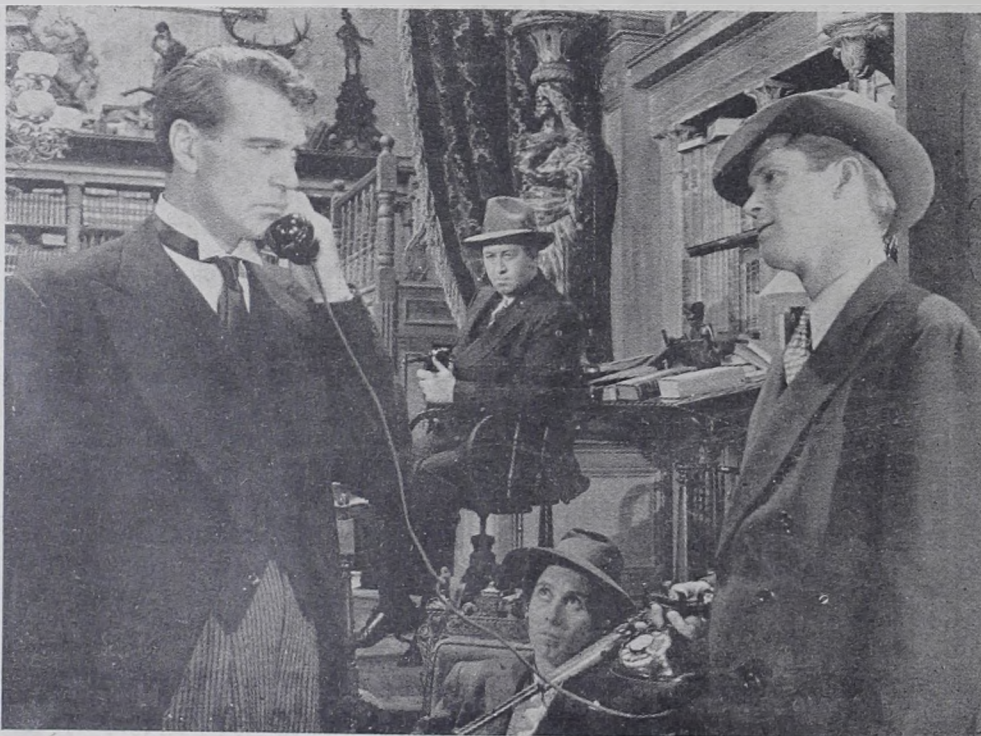


Durante a filmagem de "Kings Row, o novo "best seller" que Sam Wood está dirigindo, desta vez para a Warner: — o grande diretor, Ann Sheridan e o famoso "set designer" William Cameron Menzies fazem um lunch. (Foto Madison Lacy).



Há uns dez anos, eles faziam parte da constelação cinematográfica da Europa Central. O primeiro a vir para Hollywood foi ele — Peter Lorre. Ela — Karen Verne, veio com a guerra. Mas a revelação de ambos foi devida ao cinema inglês. Agora, filmaram juntos "All Through the Night", ao lado de Humphrey Bogart, na Warner. E o fotógrafo M. Marigold os surpreendeu num intervalo de filmagem...

Cena de "Ball of Fire", a segunda produção de Samuel Goldwyn para a RKO - Rádio, com Gary Cooper. O rapaz, à direita é Dan Duryea, aquele sobrinho de Bette Davis em "Pérfida". Desta vez faz um "gangster". A heroína de Gary Cooper neste filme é Barbara Stanwyck.



O MALHO

HA 30 ANOS

Abril de 1912 começou com a Semana Santa que, então, — ao contrário do que acontece hoje, — era respeitada pelas cinemas da época. Exhibiam-se, além da tradicional "Vida de Christo", colorida e outras congêneres, filmes sacros ou apropriados às comemorações da Paixão do Senhor. No Cinema Brasil, da Empresa Epaminondas Cabiúna (num sobrado da praça Tiradentes, ao lado do Teatro São José) e no Cinema Rio Branco, da Empresa William & Cia., situado na avenida Gomes Freire, a Vida de Christo era "falada, cantada e imitada" pela trupe dirigida pelo saudoso ator João Barbosa, no primeiro, e pela Cia. do Rio Branco, neste último. O Odeon apresentava "Os sinos da Páscoa", da Gaumont. Os programas do Paristense e do Ideal, constavam, respectivamente, de: — "Jesus de Nazaré", "Judas, o traidor" (série de ouro, Ambrosio), "O filho pródigo" e "O dia de um eremita" — e — "A inveja", filme colorido, baseado no conhecido trecho do Velho Testamento e "Irmã Angélica", com Mlle. Nanve e Capellani. Mas a primeira estréia do mês foi um filme da Nordisk, com Asta Nielsen, no Paristense — "A traidora" — no qual a famosa trágica escandinava fazia o papel de uma condessa muito má, que morria na última parte... O tema era o ódio franco-prussiano. A célebre fábrica de Copenhague apresentou, ainda em Abril, "Dançarina vampira", pelo ator que fez o principal papel de "Os 4 diabos"... diziam os anúncios; "Desdemonia", com Wuppschlander no papel de um ator que matava a esposa durante a representação da cena final da tragédia de Shakespeare; e ainda de Psilander, "A dôr secreta" ou "A fogueira da vida". O ci-



Aquí está uma cena expressiva do primeiro filme americano de Michèle Morgan, a mesquicevel "partenaire" de Jean Gabin em "Cáis das sombras". O seu galã agora é Paul Henreid, que se notabilizou no filme inglês "Gestapo" (Night Train). O filme de Michèle chama-se "Joan of Paris" e se passa na Cidade-Luz, ocupada. E da RKO - Rádio.

nema do Sr. Staffa reprisou "Sangue de boêmia" e "Maternidade", de Asta Nielsen e estreiou a opereta cômica "Mam'zelle Nitouche", da Ambrosio. O Odeon apresentou, "Aos leões, os cristãos" (histórico, colorido), "A torre do pavor", da Gaumont, passado no tempo do Diretório, e "A Vingança da traida", da Cines, com a bela Terribile Gonzales, então uma das artistas mais queridas no Rio. O Avenida exibiu "As duas órfãs", de D'Ennery, feito pela Selig, de Chicago, em três partes, e "Luta nas trevas", filme cuja novidade era um duelo à americana (o filme era italiano) num aposento às escuras, "perfeitamente visível do público, por um tour de force cinematográfico" . . .

No Paris, "O fim de um favorito", da Eclair, reproduzindo a morte de Rizzio, o favorito de Mary Stuart, e "Amor trágico de Mona Lisa" (A Gioconda), colorido da Pathé. O Ideal, além de "O falcão negro", de Francesca Bertini, cena histórica de Bianca Capello e Francisco II, Duque de Toscana e "A Dama das Camélias",

com Sarah Bernhardt e sua Companhia, apresentou a sensacional fantasia colorida de George Mellies para a Pathé — "A conquista do Pólo". Este filme ainda hoje é citado como uma das mais interessantes realizações no gênero. Era uma espirituosa sátira aos pretensos descobridores do Pólo, mostrando uma perigosa viagem de aeroplano ao Pólo Norte. Lembrava as concepções de Julio Verne. Foi um celulóide originalíssimo, demonstrando muita imaginação e que visto hoje, revelaria Mellies como o primeiro Walt Disney da história do cinema. O cinema brasileiro estava representado no "Cine Jornal Brasil", que, entre outras atrações, apresentava os "proverbios populares", por Viana e o "momento político", com caricaturas de



George Raft, que, afinal, não casou com Norma Shearer . . . tem um novo "romance" : — a loura Betty Grable, ex - Mrs. Jackie Coogan. Ai os vemos no célebre "Hollywood Brown Derby", numa fotografia de Margaret Etinger, exclusiva para "O MALHO".



Stan Laurel e Oliver Hardy numa fotografia diferente, fingindo homens sérios, discutindo talvez o "cenário" de seu novo filme . . . A dupla que fez, há pouco, o seu "comeback" em "Bucha para canhão", vai aparecer em outras comédias da 20th - Century - Fox. Quando todos pensavam que a carreira dos veteranos comediantes estava finda, eles provaram o contrário.

Raul Pederneiras. A Eclair anunciava para breve, a versão do romance "O

mistério da ponte de Notre Dame", com Duquesne, Roger Karl e Germaine Dermoz (mãe de Annabella), que, então, era a Senhorita Dermoz.

BIOGRAFIAS RELAMPAGO



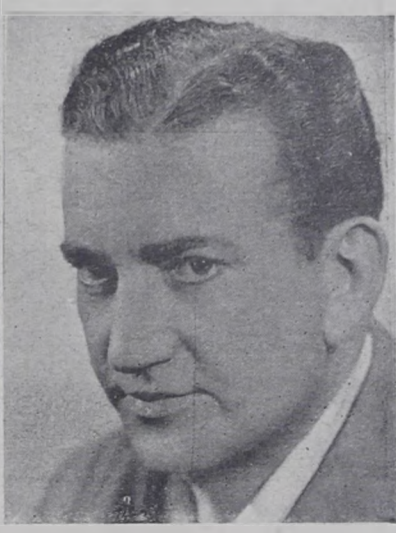
LANA TURNER nasceu em Wallace, Idaho, num dia 8 de Fevereiro. Um de seus primeiros trabalhos no cinema foi em "Esquecer, nunca!", da Warner, com Claude Rains. Mas a Metro foi que a lançou verdadeiramente em "Ziegfeld Girl", "O médico e o monstro" e "Quero-te como és".



VICTOR MATURE (Victor John Mature) nasceu em Louisville, Kentucky, no dia 29 de Janeiro de 1916. Descoberta de Hal Roach, que o lançou entre os bichos ante-diluvianos, ao lado de Carole Landis, em "O despertar do mundo". Depois, triunfou no mundo moderno.



MERLE OBERON (Estelle Merle O'Brien Thompson), nasceu em Tasmania, no dia 19 de Fevereiro de 1911. Foi amadora da Sociedade Dramática de Calcuttá. Começou no cinema inglês, obtendo sua chance como Ana Bolena, em "Henrique VIII". Casada com Alexander Korda.



JOHN LITEL, nasceu em Albany, Wisconsin, no dia 30 de Dezembro de 1894. Graduado pela Universidade de Pennsylvania. Começou no teatro e fez parte dos artistas da Broadway, revelados pelo cinema, com o advento dos "talkies", pela pioneira do filme falado, a Warner Bros.



Hamilton Barata

EQUADOR

Tendo estreado na ficção em 1918, com uma novela, Hamilton Barata, ensaísta, polemista vigoroso e, sobretudo, estudioso, dos problemas sociais contemporâneos, agora aparece ao público brasileiro como romancista, revelando mais uma face do seu espírito inquieto e perscultador de intelectual da melhor têmpera.

Equador, seu excelente romance, agora editado pelos Irmãos Pongetti, tem provocado os mais movimentados comentários, pois é um livro forte, com qualidades excepcionais que o situam entre os modernos romances que veem de fóra e que tanto êxito tem obtido aqui e alhures.

Equador é o início de uma obra cíclica que se completará futuramente com "**Espasmos**", "**Ascensão**" e "**Nirvâna**", obra sobre o destino da atual geração.

O ALEIJADINHO E A ARTE COLONIAL

O "Aleijadinho", essa figura singular a que tanto deve a arte colonial brasileira, tem sido objeto de polemicas, estudos e apreciações as mais diversas e agora o escritor e poeta mineiro Augusto de Lima Junior vem de lhe dedicar um volume, produzindo substancioso ensaio a que deu o titulo "O Aleijadinho e a arte colonial".

O autor que tem nome consagrado e possui vasta obra literária, procurou documentar da melhor maneira o seu estudo, e a edição, que éle próprio lançou, é bem apresentada e agradável de ser manuseada. Muitas ilustrações enriquecem o livro, que está, por tudo isso, destinado a franco sucesso.

Augusto de Lima Junior



Adelmar Tavares

A ANGÚSTIA DE FAGUNDES VARELA

A repercussão que teve, nos meios intelectuais, a conferência pronunciada na Academia Brasileira pelo acadêmico Adelmar Tavares, na sessão comemorativa do centenário de Fagundes Varela, justifica plenamente seu aparecimento agora, em delicada plaquette, sob o titulo que serve de epigrafe a estas linhas.

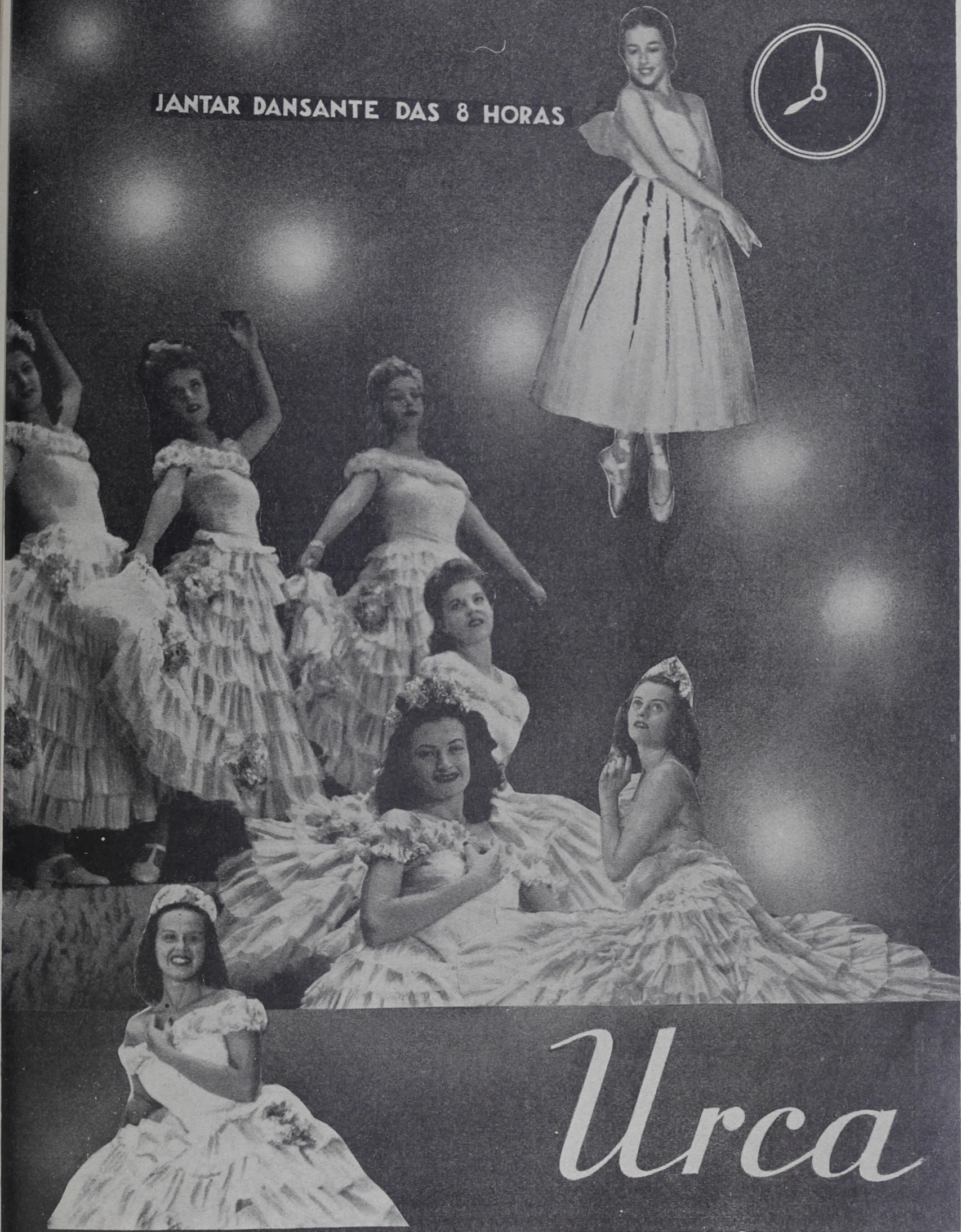
O magnífico trabalho do festejado poeta de "O caminho enluarado", que é ocupante da cadeira que tem Fagundes Varela por patrono, está, desse modo, ao alcance dos apreciadores, que terão ensejo de conhecer algo interessante sobre o malogrado vate, através de um estudo bem feito e magistralmente elaborado.



Turismo em S. Paulo

Grupo de excursionistas do Touring Club, — secção de S. Paulo — tirado na rodovia S. Paulo — Curitiba, nas proximidades da Capela da Ribeira, local de onde se descortina empolgante vista panorâmica do nosso hinterland.

JANTAR DANSANTE DAS 8 HORAS



Urca



S. A. Real D. Maria Elisabeth de Wittelsbach de Orléans e Bragança, Princesa imperial do Brasil, cuja vinda ao Rio de Janeiro se anuncia para breve, acompanhando os preciosos arquivos da Família Imperial, recentemente incorporados ao nosso patrimônio histórico. A Princesa Maria Elisabeth é esposa de S. A. Real e Imperial D. Pedro Henrique de Orléans e Bragança.

MELODIA MEXICANA

Se o público sente uma emoção mais forte quando Ana Maria Gonzalez canta **Noches de Vera Cruz**, **Acercate Más e Amor**, é porque são essas as melodias favoritas da célebre cantora mexicana. Mas a verdade é que na voz cálida e na interpretação sentida de Ana Maria Gonzalez, seduzem, incondicionalmente, todas essas lindíssimas trovas mexicanas que o nosso público tanto admira. A mais expressiva interprete do cancionero do México, é jaroquita pura. Como ela própria explica: no dicionário de seu idioma, jarocho significa o camponês da costa de Vera Cruz. E Ana Maria nasceu nessa Vera Cruz, terra de palmeiras e orquídeas...

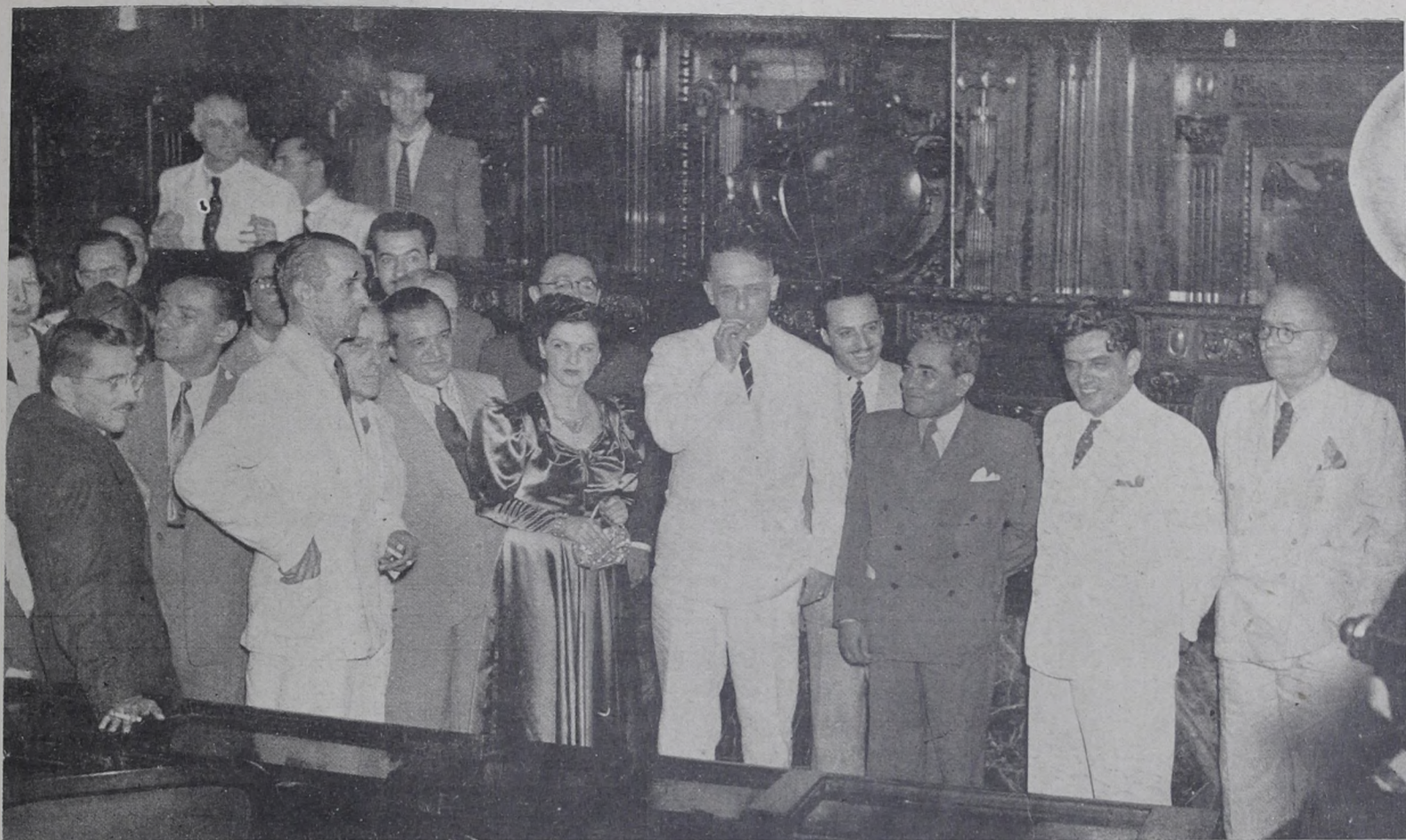


Depois de prolongada e triunfante estada em Buenos Aires, onde tomou parte no último film de Mojica, **Melodias de América**, Ana Maria Gonzalez voltou ao Rio. E ao apresentar suas belas canções, todas as noites no Casino Atlântico, ela reconquista o público brasileiro, ao mesmo tempo que realiza o seu grande sonho de artista — triunfar cada vez

JAQUES.



O DECIMO ANIVERSÁRIO DE NANÁ — Aspecto colhido em Petropolis, na residencia do casal Herbert Moses, por ocasião da festa oferecida por sua dileta filhinha Maria Magdalena (Naná), aos seus amiguinhos, por motivo da passagem de seu décimo aniversário natalicio. A reunião esteve animadissima e Naná foi alvo de inúmeras gentilezas por parte de seus convidados.



SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS

TEV E grande repercussão, e revestiu-se de caráter solene a posse, no Palácio Tiradentes, da nova Diretoria do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, cerimônia que foi presidida pelo Ministro do Trabalho, Dr. Marcondes Filho, e teve a presença do Dr. Lourival Fontes, Dr. Herbert Moses e de outras figuras de relevo. Vêem-se aqui dois aspectos colhidos no dia da posse, um no Palácio



Tiradentes e outro no Casino Atlântico onde se realizou um grande jantar de confraternização dos jornalistas cariocas, e no medalhão o novo presidente do Sindicato, o brilhante jornalista Pedro Timóteo.



*É o íman de sua
formosura...*

*..o Pó de Arroz L'Aimant de Coty
em nova e primorosa apresentação*

De fragrância adorável, o Pó de Arroz Coty, perfumado a L'Aimant, tem agora nova e requintada apresentação. Preparado por um processo exclusivo de Coty, o Pó de Arroz L'Aimant possui uma finura própria para aderir perfeitamente sobre o rosto e se confundir com a cor natural da sua pele. Há no Pó de Arroz L'Aimant 12 tons diferentes e mais jovens — tons para as exóticas e românticas, para as loiras e morenas. Conheça a caixa "imantada" do Pó de Coty, perfumado a L'Aimant. E o seu rosto terá esse aveludado de mocidade do Pó de Arroz de Coty e a sua formosura a atração do seu perfume íman.



CONHEÇA O PÓ DE ARROZ

L'AIMANT

Coty

COTY S. A. B. — Dept. de Beleza - Caixa Postal 199 Rio.

Desejosa de experimentar o Pó de Arroz "imantado" de Coty, peço enviar-me uma amostra do tom abaixo sublinhado:

TONS: Branco, Rosa, Natural, Ocre, Ocre Rosado, Ocre D'Orient, Raquel, Raquel Foncé, Raquel Nacré, Pêche, Noisette, Rose Chair

1 - FFF - 147

NOME

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

SUPLEMENTO FEMININO

Por SORCIÈRE

Em seguida vêm as sugestões de vários paizes: os chapéus do Mexico os bordados da China, os drapeados da velha Grecia, a fantástica joalheria africana, o "turban" da India, a mantilha da Hespanha, e ainda a espiritualidade, a finura do que Paris creava para a graça única da mulher parisiense.

Sabe-se de detalhes: um vestido para jantar será elegantissimo quando acompanhado com os sapatos típicos das dançarinas de opera; para um "tailleur" uma rede de "chenille" ou de jersey aapanhar a parte de traz dos cabelos, caindo em gracioso prequeado sobre os ombros: o "tailleur" será a veste preferida pela gente "chic".

Como colorido, ao que dizem, o marinho tomará primazia, embora cheguem modelos e modelos em outras tonalidades, sobressaindo, para a temporada em início, estampados discretos para de dia, largamente floridos à noite, e sobressaindo, elegantissimos, os longos vestidos brancos de seda flexivel como jersey.

Eis as últimas novidades.



Barbara Stanwyck, estréla da Paramount em "The Great Man's Lady", veste elegante "toilette" de crepon de seda no estilo clássico, rematando-o com um cinto dourado cravejado de topazios.

Abril.

Já é o outono a banhar a cidade com a sua doçura incomparavel.

Preparam-se as mulheres para as primeiras reuniões da estação preparatória ao inverno, em Junho vindouro. Logo de volta das montanhas, estâncias de águas, fazendas e sitios dos arredores da cidade, elas precisam, realmente, de cuidados novos, porque, por mais amena que seja a temperatura lá de fóra, por mais bem que à saúde faça o ar novo e puro da montanha, volta-se sempre um pouco

encardida, a precisar de limpeza de pele, de renovar a cabeleira, dos cuidados multiplos a que estamos acostumados, inclusive o de ajeitar o guarda roupa para completa renovação da bonitesa.

As vitrinas tomam aspecto diferente. Aqui e ali ainda se vêem indumentárias esportivas, porque as nossas manhãs, sempre ricas de luz, autorizam algumas horas na praia, continuando-se, por conseguinte, a conservar a morenice que tanto nós custou curtir ao sol do verão.

Por falar nêle, verão, não foi tão ruim, ao contrario, ofereceu, de constante, noites frescas, fresquissimas até algumas, permitindo que o sono se conciliasse agradavelmente. Assim, poucas vezes concordâmos que havia calor de verdade, como o do ano último, em que se tornou, por vezes, intoleravel.

Os novos vestidos acompanham, de certa forma, a ordem dos acontecimentos que preocupam o mundo.

São, por conseguinte, alguns, no gênero militar, quer na linha do casaco, na da saia, quer no chapéu que se faz como o dos fuzileiros, um boné de ofic'al, etc.



Doas novidades neste traje para jantar apresentado por Lucille Ball em "Valley of the Sun", da RKO Radio. A longa saia de "toilette" esportiva, e os sapatos de dançarina. A blusa - de veludo negro.



COMO AS DO



"Kathleen", da Metro Goldwyn Mayer, dar-nos-á a apreciar este sensacional vestido branco bordado a sequins de ouro, uma das novidades, em materia de moda, que aquela produtora expõe sobre a linha esbelta de Gail Patrick.

Preto bordado a ouro e topazios formam o bonito "dinner dress" que Edith Head creou para Barbara Stanwyck em "Ball of Fire", de Samuel Goldwyn.

O MALHO



VESTEM "ESTRELAS" CINEMA



Aqui, a "partenaire" de Weissmüller em "Tarzan's Secret Treasure" dá significação ideal a um "robe" de setim branco e alva mantilha de renda.

Eis a nova Maureen O'Sullivan: exemp'lo de elegância, originalidade, enfim, todo um conjunto de excepcional "glamour". Ela veste um "dinner gown" de crêpe vermelho, flôres lilazes bordadas a branco e ouro apanhando uma das frentes da blusa.



"Short" de estamParia
de algodão.



Saia justa, estre:ta, blusa
de seda branca no gênero
"chemisier", monograma
dourado.



Estamparia Preta em seda
de fundo branco; "basque"
preta, de setim, formam
esta bonita "toilette" para
de tarde.

"Ensemble" de seda
"faïlle" rosa madeira.



Esportivo traje de "Shantung" azul doce, cinto de verniz vermelho lacre.



"Blouson" listrado — azul e branco, saia cinza azulado — conjunto novo e gracioso em figuras esbeltas.



Vestido marinho, gola branca, emblema bordado à prata.



Bonito vestido preto, de "marocain", "jabot" e punhos de organdi muito alvo beirado de fita de veludo.

VESTIDOS ELEGANTES

E PRATICOS





Foi Orry-Kelly quem desenhou para Ann Sheridan em "The man who Came to dinner", da Warner, este admiravel negligee de crêpe cinza e renda "marron".



ANDE BONITA EM CASA

Jinx Fakenburg, linda "player" da Columbia, recebe amigos a jantar com este "hostess gown" de jersey de seda verde agua, bordados brancos e de prata, modelo de Raab & Harmell, Inc.



Betty Grable, da 20th Century Fox, apresenta êste "ensemble" para jantar em casino, que é bem uma expressão da moda na nova estação.

Henri Bendel é autor deste leve chapéu, que é uma flôr sobre a aba franzida do mesmo tecido, e influencia viva de Renoir.



Feltro azul claro, para "tailleur" escuro.

Pequenino feltro negro, uma agulha de metal como enfeite.



Um véu branco completa a bonita original deste "coiffant" florido.

CHAPÉOS MODERNOS

Gracioso "turban" de jersey de seda ciclamen.





No Rio ou em muitas das cidades de veraneio, já se gosta de instalar fogões, muita vez um requinte de ornamento noutras com verdadeira utilidade, podendo, no verão, serem adornados com plantas e flôres naturais em meio aos objéto de arte. Destina-se especialmente à Maria S. (de Petropolis), a gravura deste canto do "living room" de Ray Milland, em Beverly Hills, onde se vê um belo fogão de tijolos vermelhos. A casa do astro da Paramount é considerada como das mais confortáveis.

Decoração da Casa

Estoutro canto de sala é formado por mobiliário de jacarandá, estôfo amarelo laranja no sofá, cortinas e tapetes cor de vinho, cores de bonito efeito quando associadas em decoração da casa.



PASSADEIRAS · TAPETES · MOVEIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

SEGREDOS DE BELEZA DE HOLLYWOOD

Por MAX FACTOR Jr

CUIDANDO DAS UNHAS

"Que posso fazer com uma unha lascada?"

Até mui recentemente havia apenas uma solução para este problema: esperar o crescimento da nova unha.

Este processo tão vagaroso constituía o único remédio, porque as unhas eram "manicuradas" apenas com um polimento transparente, natural.

RECOMPONDO...

Superfícies tão transparentes, por certo não ensejavam qualquer espécie de trabalho reparador para unhas lascadas ou partidas. Os traços das emendas ficariam facilmente visíveis.

Mas hoje, com as lindas mulheres usando unhas pintadas a cores bem vivas, muitos serviços de reparos podem ser feitos, acrescentando vantagens para o "glamour" feminino.

MANICURAS

Quase tôdas as manicuras hoje são peritas nos processos de emendar unhas. Ou, se necessário, reparos satisfatórios podem ser feitos mesmo no quarto da leitora.

O primeiro requisito para a cóla destes pedaços de unha é possuir um pedaço de tafetá de côr. O reparo poderá ser feito depois do preparo das unhas e imediatamente antes do líquido de polimento ser aplicado.

O TAFETÁ

Primeiro cortar um pedaço de tafetá bastante longo e bastante largo para cobrir o pedaço da unha. Como é muito difícil pegar tão minúsculo objeto com os dedos, é aconselhável fazer a colocação dêle com um par de pinças.

Logo que o emplastro esteja seco,



CAROLE LOMBARD

na sua posição própria, o verniz de polimento deve ser aplicado, o que servirá para fazer desaparecer os traços da emenda.

Com a unha protegida pela pequena armadura assim fabricada, a extremidade crescerá gradualmente, e dentro em pouco estará perfeita.

UNHAS ARTIFICIAIS

As unhas artificiais ensejam outro eficiente auxílio para as unhas lascadas ou partidas. Uma unha que se partiu inteiramente pode ser substituída e protegida temporariamente com o auxílio destas úteis coberturas. Quanto ao assunto de unhas artificiais devo dizer às minhas leitoras que elas são de grande efeito nas pessoas que sofrem de anomalias no crescimento das unhas, ou para as que são vítimas do hábito nervoso de roê-las. Em Hollywood tenho tido oportunidades excepcionais de observar os grandes auxílios à beleza feminina, trazidos pelas unhas artificiais.

CAROLE LOMBARD

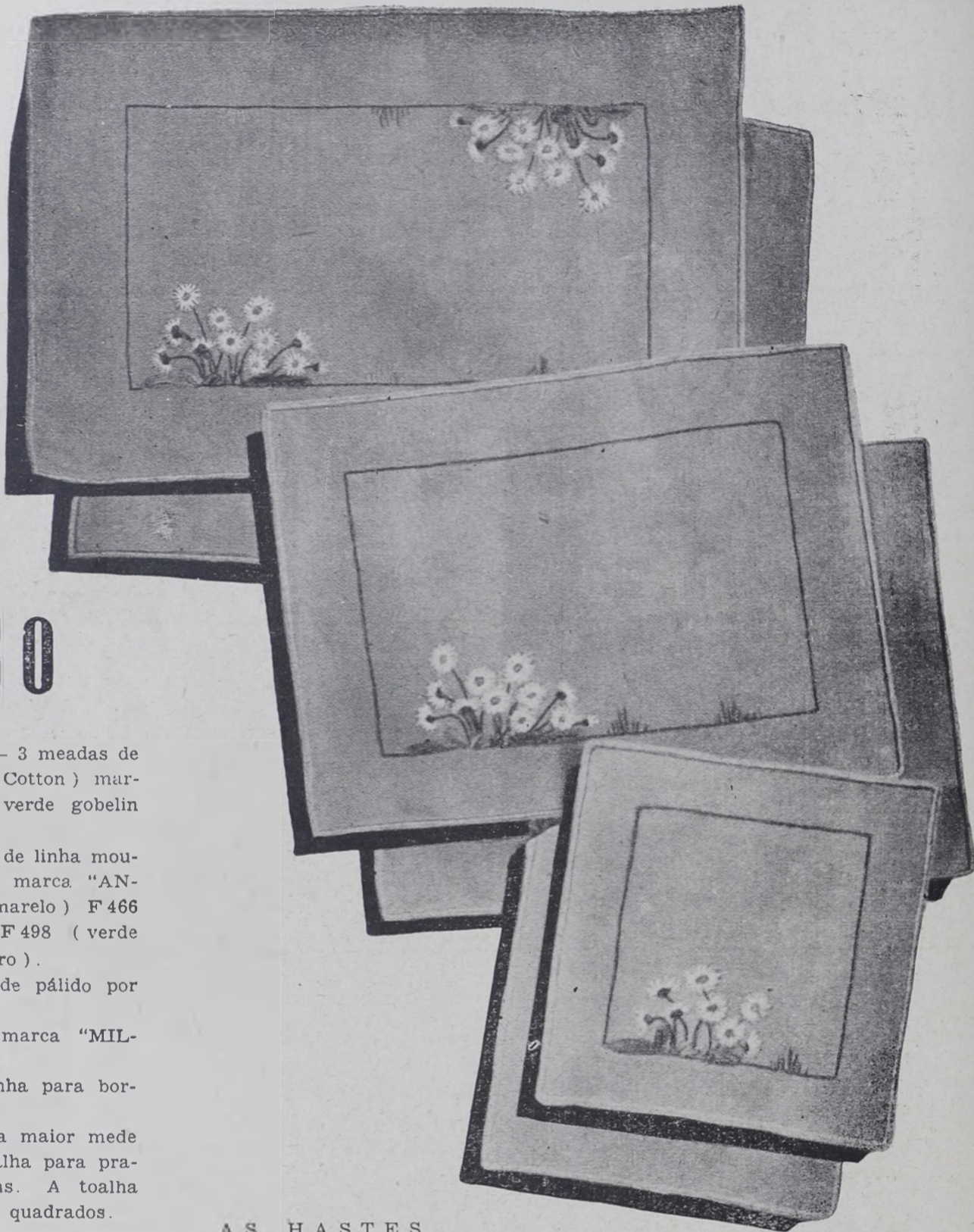
Muitas estrelas de cinema -- Carole Lombard, a linda "star" ultimamente falecida, vem à lembrança — não necessitam de tais auxílios artificiais. As unhas de Carole, bem como suas mãos, enfileiravam-se entre as mais naturalmente belas e perfeitas de Hollywood. Mas existem outras — muitas outras, na verdade — que não são tão felizes. As estrelas pertencentes a este último grupo, regularmente usam unhas artificiais tanto para as apresentações nos filmes como na sociedade.

PERFEIÇÃO

Todas compreendem quanto as unhas sem atrativos destoam do conjunto.

Tem sido para mim grande prazer observar que a maioria das mulheres de todas as posições sociais está, cada vez mais, aproximando-se da mesma conclusão.

JOGO PARA ALMOÇO



Material necessário : — 3 meadas de linha moliné (Stranded Cotton) marca "ANCORA"/F 406 (verde gobelin claro).

1 meada de cada uma de linha mouliné (Stranded Cotton) marca "ANCORA" F 444 (meio amarelo) F 466 (geranio bem claro) F 498 (verde grama) F 608 (ecru claro).

69 cms. de linho verde pálido por 92 cms. de largura.

1 agulha de bordar marca "MILWARD" n.º 6.

(Usar três fios de linha para bordar).

Dimensões — A toalha maior mede 36 cms. x 25 cms. A toalha para prato mede 29 cms. x 22 cms. A toalha para copo mede 15 cms. quadrados.

Cortar as três toalhas nas suas respectivas dimensões, deixando 2½ cms. de margem em cada um dos quatro lados.

Riscar seus desenhos em cada uma das seis toalhas.

O BORDADO

O diagrama mostra o arranjo dos pontos e a seguir damos uma listã com os detalhes da distribuição das cores.

AS PETALAS

Ponto de margarida com a cor creme bem pálido com um pontinho rosa adicionado sobre a ponta de cada pétala branca, usando a cor geranio bem claro.

OS CENTROS

Enchê-los com ponto de semente com a cor amarela.

O MALHO

AS HASTES

Ponto de haste com a cor verde grama.

AS FOLHAS

Ponto caseado usando a cor verde grama. Trabalhar a nervura do centro da folha em ponto de haste e com a cor verde grama.

A linha que contorna e o pouquinho de grama, são em ponto de haste e ponto cheio respectivamente, com a cor verde grama.

A BEIRADA

Trabalhar uma carreira de alinhavo entre as linhas duplas, e cobrir com ponto caseado bem igual, usando a cor verde gobelin claro.

Passar o trabalho a ferro e depois

cortar o restante da fazenda bem rente da linha de ponto caseado.

Material necessário em linha Brilhante Pérola, marca "ANCORA" n.º 8 (novêlo de 10 gramas).

1 novêlo de cada um F 406 (verde gobelin claro) F 466 (geranio bem claro) F 608 (ecru claro) F 444 (meio amarelo) F 498 (verde grama).

Material necessário em linha Brilhante Pérola, marca "ANCORA" n.º 8 (meadas de 40 metros).

2 meadas F 406 (verde gobelin claro) 1 meada de cada uma F 444 (meio amarelo) F 498 (verde grama) F 466 (geranio bem claro) F 608 (ecru claro).

(Vide o risco e indicação do ponto na revista ARTE DE BORDAR, número do mês de Abril de 1942).

RETA L H O S SENTIMENTAIS



PERI — S. Paulo — Não é só amá-la, colocando-a acima de tudo na vida. É por isso talvez que venha notando o visível esmorecimento da parte dela. Procure, antes, intensificar a parte prática da sua vida, evoluir monetariamente, garantir-se, enfim, pois, conforme o que me disse, até isso deixou de lado; e verá que, diante da sua nova maneira de pensar e de agir, pretextando mesmo algumas vezes deixar de vê-la para tratar de negócios, a sua idolatrada noiva modificará um pouco, vindo a gostar novamente de você. Há mulheres, Peri, que, em meio a todo amor, também sabem olhar o lado prático das coisas.

Armínio Côr de Rosa — Rio — Apaixonou-se pelo seu tio. Diz ser êle, alto, bonito, carinhoso, e, outras coisas, que sempre vêem olhos apaixonados. No Rio não poderão casar-se. As leis opõem-se. A família opõe-se. Pretendem ir ao Uruguai. Não seria melhor, lindo Armínio, ter tido você a idéia de gostar de um primo, pelo menos? Em todo o caso, dizem ser o amor cego... E, nesse caso, o que será de melhor, é ir em mesmo ao Uruguai.

Cibele — Rio — Não acho que você houvesse sido desumana, pois correram as coisas de tal forma que só poderia mesmo vir a dar em dois noivados. Teve você um namorado do qual muito gostou e com o qual brigou, mais tarde, por questões sem grande importância. Meses depois conheceu um segundo, pelo qual nutriu, desde logo, grande afeição; ficaram noivos. Acontece que quiz tratar de negócios em Belo Horizonte; passou a residir naquela Capital. De lá, por carta, viviam os dois em fortes rixas por questões várias, predominando nelas o ciúme. Durante o afastamento, ele já há varios meses em belo Horizonte e você no Rio, encontrou novamente o seu primeiro namorado que mesmo sabedor do seu noivado tudo fez para que fizessem novamente as pazes. Ficou você indecisa: o do belo Horizonte era tempestuoso, o do Rio carinhoso, sem a convivência com o segundo, passou você a gostar mais do primeiro. Confessou tudo então ao segundo. Respondeu-lhe êle brutalmente, destazendo o noivado. Arrependida insinuou você disposta a terminar tudo com o primeiro. Estava tudo terminado, disse êle. Ficou você noiva do segundo. Veio então êle e ao Rio tomar sat estações com o segundo, e querendo reaver o noivado com você. Aí é que se acha então a sua dúvida tremenda. Dois noivos a um tempo só. Acho, Cibele, que, como moça inteligente que é, deve, antes de tudo, fazer uma consulta ao seu próprio coração; saber por qual dos dois pendê êle mais. Pela lógica o escolhido seria o do Rio, pois diz você gostar mais de viver aqui. O noivo de Belo Horizonte, tem, ainda, em desfavor, o seu temperamento tempestuoso, coisa que, às vezes, é um verdadeiro desastre na vida de um casal, ao passo que o do Rio é carinhoso.

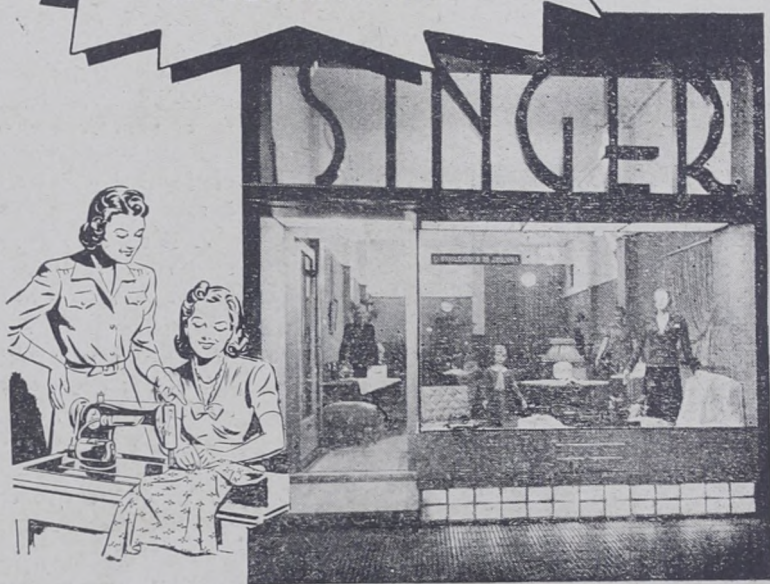
Carmen — Paraná — Aborde decisivamente o assunto. Faça-o ver a sua situação perante os seus.

Amorosa — Rio — Enfraqueceu o organismo de tanto amar. Sentindo-se assim, confessou o seu estado de saúde ao seu adorador amor. Teve então a chocante desilusão de vê-lo afastar-se de você, medroso de ser "contaminado" pela moléstia. Sente-se desesperada.

Temperamentos delicados, de uma feminilidade completa assim, existem poucos. Amorosa, Quando a doença que tem acha-se em princípio, come a sua, havendo uma medicação imediata, eficaz, há cura. Uma vez que você vem pondo-a em prática, por êsse lado, minha amiga, não há muito o que temer. O essencial é procurar uma reação para o seu estado de alma. Afaste-se por algum tempo do Rio. Dê um longo passeio. Lá ao estar completamente só, analise-se a si própria; entranhe-se dentro de si mesma. E veja, reflita: a qual perfeita e apurada é a sua sensibilidade de amorosa e quão grosseira e desalmada é a dele. Poderiam assim vir a ser felizes? Não poderia surgir mais tarde, de sua parte, algum arrependimento? De resto, querida, não se ama uma só vez na vida, mormente em se tratando de temperamentos românticos como o seu. Procure, antes, graciosa Amo-

Quer aprender a costurar?

A SINGER ESTÁ PRONTA
A AUXILIÁ-LA!



Onde houver uma Loja Singer haverá quem a possa orientar no aprendizado dessa arte tão util. Pelo método Singer, tão singelo como o próprio manejo das Máquinas Singer, a Sra. em pouco tempo poderá fazer os próprios vestidos, a seu gosto e com a maior economia. Visite, sem compromisso, a Loja Singer mais próxima.

Todas as agulhas e peças Singer legit. mas trazem a marca registrada S MANCO. Cuidado com as imitações

Singer

R - 7 2
Um bellissimo livreto SINGER, GRATIS! Envie-nos este coupon e receberá um magnífico manual ilustrado, contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.

SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

NOME

RUA

BAIRRO

CIDADE

ESTADO

rosa, fazer mais uso do cérebro do que dêsse coraçãozinho sensível por demais... Talvez, quem sabe? Sadia, esquecida do rude ingrato que nada mais merece de você, não venha a encontrar dentro da vida um joven sonhador como você, sensível, amoroso, justo?

Nélia — Rio — Só pelo fato dele dizer-lhe que precisava falar-lhe longamente, não vejo razão para que você presumo seja um pedido de casamento. Depois disso, êle silenciou e nada sabe você a respeito do que desejava êle dizer. Confessa que o ama. Não convém mesmo insinuar coisa alguma por enquanto, tanto mais que ignora se êle de fato gosta ou não de você. Espere mais algum tempo. Êle virá a demonstrar, mais cedo ou mais tarde o que realmente sente por você; contudo, escreva-me novamente.

Vininha — S. Paulo — Tem quatro namorados. Um por correspondência; outro por telefone; outro durante o dia e outro durante a noite. Não sabe qual deve escolher. Todos são estimados igualmente e igualmente distintos. Um médico, um engenheiro e dois jornalistas. Se o enamorado noturno tiver ainda em seu favor bons sentimentos mesmo, escolheria êste, que parece gostar mais de você, deixando tudo o mais para vê-lo. Não pensa assim?

NARA

Correspondência para: NARA — Retalhos Sentimentais — Redação d'O MALHO — Travessa do Ouvidor, 26 — Rio.



SAMBA

Isaurinha Camargo iniciou-se bem. Valor novo do "cast" da Tupí. Agora anda falando que vai cantar nos Estados Unidos. Devia esperar um pouco...

Entrevista

UMA DUPLA INTERESSANTE

Murilo Caldas e Lolita França formam uma das duplas mais queridas do rádio. Cantam sem afetação, com graça, agradando o público. Encontrámos os dois queridos artistas na Avenida e começámos a entrevista.

— Gostam do Rádio?

— Si vivemos dele... Procuramos agradar o público. Números novos sempre. Porque o ouvinte fica cansado com o abuso da repetição de números. Convinha que se notasse isso. Fizemos questão de estudar a psicologia dos ouvintes. E nada custa o interesse por eles que é, em verdade, quem ajuda a gente a viver.

— Mas o público compensa este cuidado?...

— Se compensa. O que podemos asseverar — quem fala é Lolita — é que temos a sua extrema boa vontade. Não paramos nunca,



pois temos sempre bons programas e contratos não nos faltam. Sinal de que o ouvinte sabe ser camarada, sabe ser gentil.

E dizendo isso — foi saindo para tomar um taxi em companhia de Murilo, pois estava na hora do início de seus programas na estação em que delicia os ouvintes brasileiros.

O MALHO

Valores definitivos

Há artistas que completam a estação, que através de seus programas, de suas iniciativas, de seu talento significam a própria emissora. Almirante é um deles. Poucos dos que vivem do rádio compreenderam, como ele, que se deve trabalhar, que se deve pelear, sem desfalecimentos, organizando os seus números a fim de que o público possa se julgar satisfeito, este pobre público a quem tão pouco se liga importância no que se refere à estação radiofônica.

A saída de Almirante da Nacional, a sua estréia na Tupí foi motivo de comentários, porque ele, de certa forma, é a alma da emissora dirigida pela capacidade dinâmica de Gilberto de Andrade.

O ouvinte gosta de Almirante, sabe que ele se esforça para o seu prazer, sabe que ele estuda os meios de agradá-lo, sabe como enternecê-lo, produzindo sempre mais, fazendo tudo para que ele esteja contente, como testemunhamos com os seus notáveis programas.

Si todos os homens do estúdio se lembrassem de que, através dos vidros, em casa, esperando o interesse inexistente na realidade nos programas, está o público, e que ele deve ser tratado bem, necessariamente que contrariam com as suas justas simpatias.

FRANCISCO GALVÃO



CONJUNTO

Leo Vilar gordíssimo é o "crooner" do "Anjos do Inferno". Quem não sabe, quem nunca o viu em público começa a imaginar que ele deva ser o primeiro elemento do conjunto. Mas não é, não.

Ondas

— De onde é que virá a decadência sensível de Cinara Rios, a estrela da PRA9?

— O "Trio de Oiro" continua a ser o número de real atração da Nacional.

— Fala-se que Almirante, Radamés Gna-



talli e João de Barros irão trabalhar para Disney nos seus desenhos animados.

— Onde é que estreará Dircinha Batista? Há sincero interesse pelo seu reaparecimento.

— Ataíde Ribeiro é um artista que se vem firmando com mérito indiscutível no rádio teatro.

— Ramos Carvalho vem atuando bem. Mas há certos locutores da Tupí, que teimam em imitar pessimamente aliás o Frias, que, por sua vez, tomou emprestado, ao Ladara, aquele metralhar de "erres".

— Si reparamos bem, a maioria das estações paulistas irradiam a publicidade sem tanto esparafato. Há mais sobriedade na leitura dos anúncios, o que seria mais recomendável aqui, onde muito se abusa a respeito.

— Aurora Miranda saiu numa foto aplicando mensagens em Carmen Miranda.

A turma encabulou.

Por que terá ido afinal aos Estados Unidos a querida cantora?

Comentarios

— Quando é que teremos um agradável programa infantil no rádio, além do da "Jornal do Brasil"?

— Orlando Silva continua a lamurar-se cantando pelo microfone da Nacional, o que é pena porque o rapaz tem até voz bem bonita.

Si chorasse menos seria possível conseguir melhor a atenção do público.

— Moreira da Silva andou em Belo Horizonte. Mas voltou. Quando o teremos numa boa estação?



LOCUTOR

Cesar de Alencar é um locutor de méritos atuando agora na Rádio Clube. Moderno e inteligente vem se mantendo sem querer imitar nenhum dos nossos cartazes.

— Francisco Alves reformou o seu contrato vantajoso na Nacional.

— E o Erick Cerqueira que ter'ia ido fazer no quadro dos locutores desportivos da Tupí? Será que o Arí vai sair?

Mas se dizem que não sairá, se há quem afirme que ele continuará a animar as irradiações da simpática estação com a sua gaiatinha?

— Odette Amaral quando voltará ao rádio?

Bolas

— E as novidades que o Ladeira prometeu trazer? Onde é que estão?

— Zarur, conhecido e brilhante orientador de uma das melhores secções radiofónicas da cidade, tal seja a do "Fon-Fon", obteve o primeiro lugar em recente concurso ali feito.

E com remarcada justiça, porque ele tinha valor para ser eleito, apesar da circunstancia de ser o diretor do certamen.

— Cesar de Alencar é um locutor que merece elogios porque capricha na manêira de apresentar os números da Rádio Clube.

— Desejariamos que Renato Murce, cujo talento é indiscutível, melhorasse um pouco mais o programa "Píadas do Manduca".

Seria tão fácil!

— Ismenia Santos é uma artista corrêta como interprete do rádio teatro da Nacional.

— Zézé Fonseca é que poderia ser menos exagerada. Aliás, é pena, porque trata-se de



CANÇÃO

Odir Odilon poderia ser um cantor da marca de Silvio Caldas. Mas os donos do rádio fizeram pressão. E ele teve que ceder correndo para o teatro. Foi uma pena.

uma artista de merecimentos reais que vem perdendo, dia a dia, aquele velho prestigio do bom tempo.

— Silvio Caldas vai bem. Trabalhador. Cava músicas novas para o seu repertório. Assim é que é.

Giros

Haidée Brasil está sendo esperada na Inconfidência de Belo Horizonte.

— Lolita Navarro vem estreado bem na Educadora, cantando tangos dolentes.

— A Tupí mantém com todo o cartaz, Ivonete Miranda.

— Uma noticia que deu para rir: Izauri-



DEFEZA

Henrique Batista é o defensor do samba. Muito trabalharam contra a nossa música popular. Mas êle fez a barreira indevessavel com o "Samba e outras Coizas".

nha Camargo anunciou que tambem iria a Nova Iorque. Fazer o que no rádio?

Pois se Alsininha nade fez ali! E vamos ser justos dizendo que a sua irmã saiu daqui cantando até bem direitinho embora bromasse por lá.

— Bidú Reis vem agradando no "cast" da Nacional.

— Reapareceu, na PRA-9, o "Cine-Rádio Falado", programa dos mais interessantes, de Celestino Silveira.

— Foi contratado para a Nacional o "Grande Otélo". A noticia é agradável.

— Paulo Gracindo continúa apresentando muito bem o seu programa aos domingos.

— "Samba e Outras Coizas", o querido programa de Henrique Batista acaba de apresentar um conjunto bem interessante.

— Anda correndo uma noticia bem agradável, a de que se aproxima o periodo de férias do Anestésio na Tupí.

Será?

— Rosina Pagã está demorando a surgir no rádio outra vez.

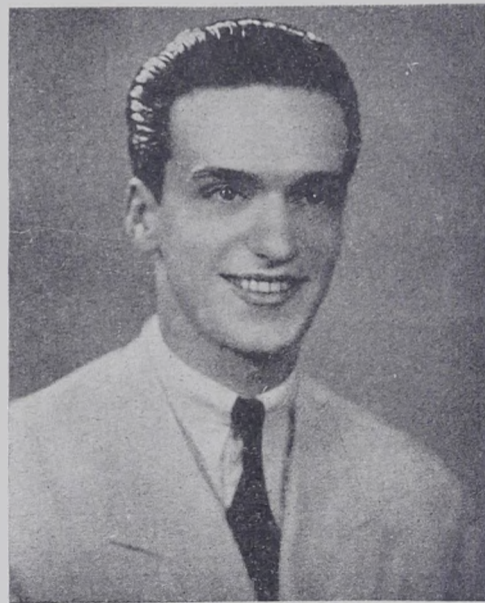
Por que?

Honorina Silva

NAS "ONDAS MUSICAIS"



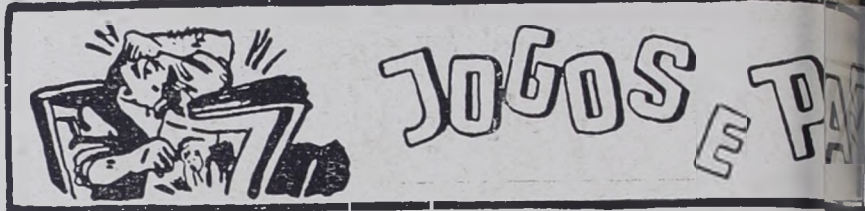
Uma joven virtuose do teclado que em concorrido concurso realisado em 1938 na Escola Nacional de Música, obteve o primeiro prêmio, sendo ainda possuidora do laurel máximo daquele estabelecimento de ensino artistico, a medalha de ouro por unanimidade, será apresentada aos ouvintes das "Ondas Musicais", sob o patrocínio da Liga Brasileira de Eletricidade, durante o mês de Abril: Honorina Silva. Sua carreira artistica tem sido coroada de todo o êxito, tendo-se apresentado já perante as platéias do Rio, S. Paulo e Minas Gerais. Como solista de concertos para piano e orquestra, obteve grande sucesso no nosso Municipal, executando o concerto de Mozart, com Orquestra Sinfônica, sob a regência do maestro Francisco Braga. O primeiro recital da consagrada pianista para as "Ondas Musicais", terá lugar no próximo dia 7 de Abril, terça-feira, e o programa será irradiado simultaneamente pelas PRF-4, E-8, D-2, A-9 e G-3. Com a apresentação dessa artista, evidencia-se mais uma vez o propósito nobilissimo da Liga Brasileira de Eletricidade, no sentido de estimular e apoiar os bons artistas, nacionais e estrangeiros.



BLUES

Haroldo Eiras canta "blues" na Educadora. Bem bom. Póde fazer carreira no rádio, principalmente si tiver paciência e estudar bem os seus números.

CRUCIGRAMA

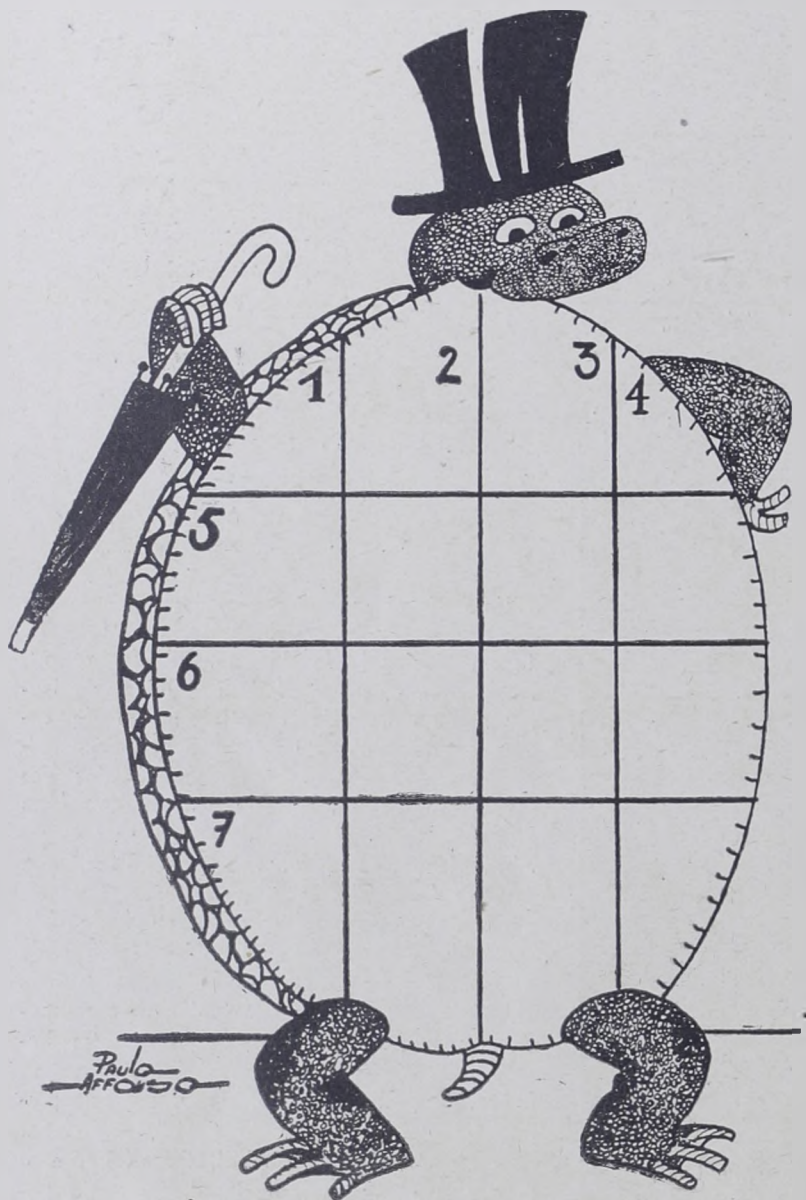


SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DO NUMERO PASSADO

COCKTAIL DE LETRAS

(Gregos ilustres)

- | | |
|-----------------|------------------|
| 1. Plutarco. | 11. Parmênides. |
| 2. Sófocles. | 12. Pericles. |
| 3. Sócrates. | 13. Isócrates. |
| 4. Epicuro. | 14. Pindaro. |
| 5. Esquilo. | 15. Euripedes. |
| 6. Heródoto. | 16. Tales. |
| 7. Demóstenes. | 17. Aristides. |
| 8. Aristófanés. | 18. Galeno. |
| 9. Praxiteles. | 19. Esopo. |
| 10. Homero. | 20. Aristóteles. |



TEXTO ENIGMÁTICO

"Um pensamento de Constância Vigil: Viver oitenta anos é fazer na terra uma viagem de ida e volta".

1	T	2	A	3	E	L		5	T	6	A	7	T	8	E
9	O	C	I	O				10	O	R	A	R			
11	D	A		12	D	A	N		13				14	U	I
	A		15	L	U	G	A		16	R	E				
			M	O					17	A			18	I	N
19	P		20	T	21	E	M	22	P	O			23	B	
24	R	25	E		26	L	I	O			27	A	A		
28	O	C	29	R	A				30	V	31	I	B	A	
32	A	K	I	M					33	O	R	A	L		

Crucigrama

HORIZONTALS:

1 — Bucho dos animais: pança. 5 — Formar abas. 6 — Lacre. 7 — Ageitar, compor.

VERTICALS:

1 — Pacote. 2 — Peso que serve no Oriente para avaliação de perolas. 3 — Cheiro desagradavel. 4 — Suplicar.

(Solução no próximo número)

LEIAM

Ilustração Brasileira

Aparece nos dias 15 de cada mês

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ A'S 7 HORAS DA NOITE

DEPOSITOS,

DESCONTOS

CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50



Leiam

CINEARTE

A melhor revista cinematográfica.

FUGA DE CONSOANTES

Encher cada espaço com uma consoante, formando nomes de operas famosas:

1. _ o _ _ _ a
2. _ e _ _ _ e _
3. _ a _ _ _ i _ a _
4. _ o _ e _ _ _ i _
5. _ a _ _ _ a _ _
6. _ i _ e _ i o
7. _ a _ _ _ e
8. _ a _ _ _ e _
9. _ o _ o _

(Solução no próximo número)

TEXTO ENIGMATICO

Vigil e -P -P +m Dici -o +a

aa π -a +u -P +L \tilde{f} do

+ e e t $\frac{2}{2}$ $\frac{90}{90}$ aa

-o +a d $\frac{2}{2}$ nhão.

(Solução no próximo número)

MUSICAS SELECIONADAS

OS PROGRAMAS

"Ondas Musicais"



ESTÃO NO AR
 das 13 às 14 hs. nas seguintes estações

TODAS AS TERÇAS-FEIRAS NA:
 Rádio Nacional PRE-8 R. M. Veiga PRA-9
 Rádio Tupi PRG-3 Rádio C. do Sul PRD-2
 R. J. do Brasil PRF-4

NAS ANTE-PENULTIMAS SEXTAS-FEIRAS NA:
 Rádio Nacional PRE-8
 Rádio Club PRA-3 Rádio Vera Cruz PRE-2

NAS ÚLTIMAS SEXTAS-FEIRAS NA:
 Rádio Nacional PRE-8 Rádio Vera Cruz PRE-2
 Rádio Club PRA-3 R. Educadora PRB-7

LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE

"SIRVA-SE DA ELECTRICIDADE"

CAIXA POSTAL 1755

TELEFONE 22-1676

A "Sul America"

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de
anunciar ao público o lan-
çamento do seu novo plano

SEGURO POPULAR

Trata-se de uma modalidade na qual,
mediante a economia mensal de

16\$000 para cada apólice de **5:000\$000**

qualquer homem sadio, en-
tre 15 e 40 anos de idade, po-
de obter para a família, sem
exame médico, uma proteção
de 5 a 20 contos de réis, com
pagamento de premios men-
sais durante prazo limitado.

Sul America

Fundada em 1895



O seguro de vida ao alcance de todos

Queiram enviar-me um folheto explica-
tivo sobre esta modalidade de seguro.

8 - M M M M

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

Dr. Telles de Menezes

CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, etc.

Rua Gonçalves Dias, 84, 5º s. 504-5

Das 15 ás 18 horas. — Tels : Consultório 23 - 3147. Res. 42-1948

OS MEIOS DE TRANSPORTE NA ANTIGUIDADE

NA GRÉCIA

Os Atenienses foram os primeiros a introduzir os "tramways" a tração animal. O imperador Comodo costumava viajar em "odômetros", veículos que se pareciam com os taxis da atualidade. Tinham registradores de tempos de marcha e cronômetros. Os assentos eram habilmente dispostos, de modo a proteger os passageiros contra os raios solares e a facilitar-lhes a respiração por meio de ventiladores.

NA CHINA E NAS INDIAS

Entre os habitantes da terra dos Mandarins era frequente o uso dos carros a vela. Consistiam em carrinhos feitos de bambú, que giravam sobre uma roda só. As velas eram de palha trançada, semelhantes a esteiras.

Nas Indias, os empregados do correio, que eram designados "tapalkärer", precisavam ser ótimos corredores, pois tinham de entregar a correspondência em lugares longínquos. Muitos deles percorriam 30 milhas em 12 horas!

Para espantar as *najas* que encontrassem pelo caminho, traziam às costas um bastão, que tinha numa das extremidades uma argola, à qual estavam presas umas pequenas placas de ferro. O barulho que faziam quando se chocavam umas nas outras servia para afugentar os terríveis ofídios, que até hoje são muito comuns naquelas plagas.

EM ROMA

O excesso de veículos nas ruas do Lácio obrigou os legisladores romanos a tomarem medidas severas. A lei Appia, emanada no ano 214 A. C., proibia às mulheres servirem-se de carruagens tanto na *urbs* como nos seus arredores, exceto em caso de sacrificio público. Cesar não admitia os carros a não ser em tempo de guerra. Achava que a circulação pública não devia ser perturbada pelo excesso de liteiras e de carros barulhentos.

Os postilhões imperiais gozavam do direito de obrigar os particulares a fornecer-lhes cavalos, bestas de carga, carros, forragens e ceder-lhes as estrebarias disponíveis.

EM FRANÇA

EM 1405, apareceu em Paris a primeira carruagem. Sob o reinado de Francisco I.º, eram apenas três as carruagens existentes na velha Lutécia. Pertenciam à Diana de Poitiers, à Rainha e ao marechal de Bois-Dauphin. De 1650 em diante, a capital gaulesa começou a encher-se de veículos. Em 1730, contavam-se ali uns 10.000 *coches*.

No Século XVII, surgiram os *fiacres*, cuja invenção se atribue a Sauvage, que morava na rua Saint-Fiacre, donde se originou o nome de ditos carros. No mesmo século foram postas em circulação as berlindas, que se supõe hajam sido lançadas por Philippe Chiese, um arquiteto de Brandenburgo.

ARTES GRÁFICAS

foi uma exposição bri-
te a realizada no edifi-
da Imprensa Nacional
Artes Gráficas norte-
americana, inaugurada pelo
Ministro Oswaldo Ara-
e presença do represen-
e do Embaixador ame-
no.

estão ai, em sala apro-
da, centenas, milhares
livros, jornais, revistas,
letos, cartões, fotogra-
ilustrações — tudo o
há de mais nitido e su-
or, de fino acabamento,
a arte que deve mere-
a todos estima e res-
po.

Brasil muito já tem
neste sentido, e a pró-
Imprensa Oficial é a
aprovação da nossa as-
são. Temos ilustrações
feitas, inclusive a
"Ilustração Brasileira" sob
reção criteriosa do nos-
confrade Oswaldo de
za e Silva, e outras.

infatigável diretor da
Imprensa, Sr. Rubens Por-
pronunciou breves pa-
as alusivas ao ato. Anun-
a novos equipamentos
enriquecerão a Impren-
Nacional. Ainda bem.
tro técnicos nacionais
anualmente aos Esta-
Unidos para uma tem-
ada de aperfeiçoamento
artes gráficas. Ótimo.

RAUL AZEVEDO

(Da "Vanguarda", de
10 de Fevereiro)

Conselhos uteis

AS ROSAS

eralmente pensa-se que
referível deixar morrer
rosas na roseira a colhê-
quando abrem. Isto é
terro, por ser exatamen-
no momento da sua
or expansão que a flôr
ba mais suco ao arbus-
E, portanto, útil, sob
onto de vista da conser-
ção da roseira, colher a
logo que ela começa a
ir; por outro lado, con-
vadas na água, as rosas
am mais tempo do que
ariam não sendo colhi-

nalmente, apanhada a
a, podem depois disso
is botões abrir.

O ÍNDIO QUE FUNDOU UMA REPÚBLICA



BENITO JUÁREZ



No patrimônio
histórico do Mé-
xico, há uma fi-
gura que o suceder das
gerações não conseguiu
apear do seu pedestal, antes,
elevou-a cada vês mais: Be-
nito Juárez. Descendente de
índios, da raça Zapotéca,
Benito Juárez nasceu em
Guclatao em 21 de março
de 1806 e morreu em 13 de
junho de 1872, após uma
vida de lutas pela liberdade
da pátria, onde não se sabe
o que mais destacar, si a
coragem, o patriotismo pu-

ro, ou a alta dóse de per-
severança ante os revêzes
iniciais. Fundador da repú-
blica Mexicana, Benito Juá-
rez é um exemplo do quanto
póde a perseverança, aliada
a um caráter forte. Esta
mesma perseverança é uma
arma que póde ser usada
pelo sr. na constituição de
seu pecúlio, si subscrever
títulos de Kosmos Capita-
lização, que lhe oferecem as
maiores vantagens, dentro
das maiores garantias. Come-
ce desde já a sua campanha
de perseverar para vencer.



KOSMOS CAPITALIZAÇÃO S.A.

Capital 2.000.000\$ - Realizado 800.000\$
Rua do Ouvidor, 87 - Rio de Janeiro

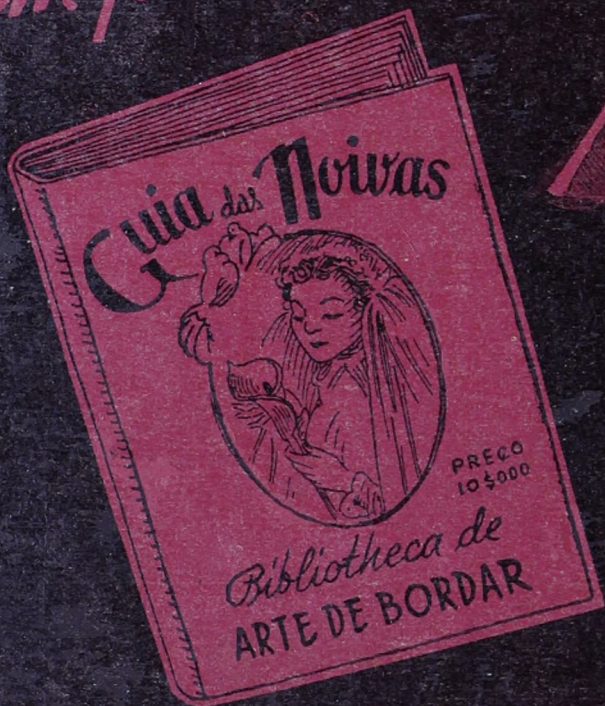
A América unida
e coêsa, oferece
ao mundo a mai-
or prova de solida-
riedade humana
que a história co-
nhece. Esta cam-



panha publicitá-
ria, é uma home-
nagem de Kosmos
Capitalização S/A,
ao povo deste-
meroso e livre
do Novo Mundo.

Tupân

Vae casar feliz
sem preocupações.



porque teve o melhor conselheiro para
os detalhes de confecção de seu enxoval
e da ornamentação de seu lar,

O "Guia das Noivas"

a excelente publicação que
offerece às jovens, antes e
depois do matrimonio, conselhos, suggestões,
ensinamentos, alvitres, innumerous riscos e modelos
para bordados, lingerie de corpo, cama e mesa,
decoreação de interiores, organisação de menus
para "lunches" almoços e jantares, tudo isso em
lindas paginas cheias de arte e bom gosto que
fazem de

O "GUIA DAS NOIVAS"

o verdadeiro livro de cabeceira das noivas e recém-casadas.

Uma publicação da
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

PREÇO 10\$000

Penhas, acompanhados da importancia, a Bibliotheca de
ARTE DE BORDAR, Travessa do Ouvidor, n.º 26 --
RIO DE JANEIRO

Encontrado a venda em todas as Livrarias do Brasil